

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**OS DIÁLOGOS DO *ATLÂNTICO NEGRO* NA  
IMPrensa NEGRA BRASILEIRA**

**JOSÉ MANUEL FARIA**

Niterói  
2019

**JOSÉ MANUEL FARIA**

**OS DIÁLOGOS DO *ATLÂNTICO NEGRO* NA IMPRENSA NEGRA BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marly de Almeida Gomes Vianna

Niterói  
2019

Enric José Manuel

JOSÉ MANUEL FARIA

**“OS DIÁLOGOS DO ATLÂNTICO NEGRO NA IMPRENSA NEGRA  
BRASILEIRA”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade Salgado de Oliveira como parte dos requisitos para a obtenção do título de



## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar as conexões entre os militantes negros no Brasil e os intelectuais negros norte-americanos durante as décadas de 1920 e 1930 tendo como objeto de estudo e fonte a imprensa negra, principalmente o periódico *Clarim da Alvorada* que circulou na cidade de São Paulo neste período. Em termos gerais, constatamos que os diálogos entre esses intelectuais foram profícuos e resultaram em transformações significativas na forma de agir e pensar no movimento negro brasileiro, assim como, a militância e a organização do próprio movimento negro do Brasil foi acompanhado com grande interesse pelos norte-americanos. Também apuramos que a imprensa negra foi um importante instrumento que deu voz à mobilização negra em busca de integração na sociedade brasileira e que suas ações, propostas e projetos visavam colocar os negros como protagonistas da sua própria história

**Palavras-Chave:** Imprensa Negra, *Clarim da Liberdade*, Atlântico Negro, Movimento Negro.

## **Abstract**

In this paper I look forward to analyzing the connections between the black activists in Brazil and the North-American black intellectuals during the decades of 1920 and 1930. Furthermore, it has the objective of studying the black press as an important source of information, mainly, the journal *Clarim da Alvorada* in which it was distributed in the city of São Paulo in that period. In general, we concluded that the dialogues between these intellectuals were productive and resulted in meaningful transformations in the form of acting and thinking in the black Brazilian movement. As well as, a militancy and organization of this black movement in Brazil was followed as a great interest in North-Americans. Besides, we realized that the black press was a vital instrument which gave voice to the black mobilization in search of integration in the Brazilian society and its actions, proposes, projects, which aimed to insert the black people as protagonists of their own history.

**Keyword:** Black Press, *Clarim da Alvorada*, Black Atlantic, Black Movement.

*Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.*

*Walter Benjamim*

*É duro não ser branco no Brasil*

*Lima Barreto*

## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marly de Almeida Gomes Vianna pela compreensão, seriedade, cumplicidade e sensibilidade demonstrados ao longo do Mestrado, sempre acreditando em mim e no trabalho que estava sendo desenvolvido. Nunca me esquecerei das suas aulas e de seu exemplo de vida acadêmica, profissional e militante, sempre será para mim um referencial do que deve ser um intelectual no Brasil. Obrigado pelos livros.

Ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, na pessoa da coordenadora do curso, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Sueli Amantino, pelo suporte oferecido aos alunos.

Aos Professores Doutores Charleston José de Souza Assis e Jones Freire pelas críticas e sugestões na banca de qualificação. Foram cruciais para a conclusão dos estudos realizados.

Aos meus professores do Mestrado Marcelo Timotheo da Costa, Francisco Falcon e Fernando Rodrigues pelas aulas e brilhantismo.

Aos colegas de curso que me acompanharam no decorrer do Mestrado pelas aulas estimulantes e pelos debates sempre produtivos: Michele, Jéssica, Ronaldo, Ubirajara, Rogério, Max Cassin, Natania, Caio, Alex, João, Hélio, Pedro, entre outros. Juntos, nos divertimos, reclamamos da vida, debatemos política, compartilhamos as alegrias e tristezas das nossas vidas acadêmicas.

Aos meus amigos e à minha pequena família que sempre acreditaram e torceram pelo meu sucesso. Especialmente ao meu Grupo de Estudo (Ísis, Milena, Fernando, Ortélia). Minhas empreitadas acadêmicas e profissionais não seriam possíveis sem eles.

Um agradecimento muito especial para minha esposa, Jacira, por segurar todas as situações de ser esposa de um professor hoje em dia.

Ao querido Professor Valdir Porto, responsável pela minha escolha do campo da História.  
A todos vocês, minha sincera gratidão.

## Abreviaturas

AIB – Ação Integralista Brasileira

AIPB – Ação Imperial Patrianovista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CCP – Centro Cívico Palmares

CMCPPN – Centro Monarquista de Cultura e Política Pátria-Nova

CNA – Congresso Nacional Africano

CNC – Conselho Nacional do Café

CNCS – Centro Negro de Cultura Social

DNC – Departamento Nacional do Café

DOPS – Departamento de Ordem Social e Política

FNB – Frente Negra Brasileira

LEC – Liga Eleitoral Católica

LNB – Legião Negra Brasileira

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais

LSN – Lei de Segurança Nacional

MNU – Movimento Negro Unificado

NAACP – Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor

PCB – Partido Comunista do Brasil

SLC – Sociedade Londrina de Correspondência

UNB – União Negra Brasileira

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

UNIA – Associação Universal para o Avanço Negro

## Lista de Imagens

<b>Imagem 1:</b> Página do Jornal <i>O Alfinete</i> .....	49
<b>Imagem 2:</b> Primeira página do Jornal <i>O Homem de Cor</i> .....	52
<b>Imagem 3:</b> Primeira página do jornal <i>O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social</i> .....	55
<b>Imagem 4:</b> Primeira página do jornal <i>O Exemplo</i> .....	60
<b>Imagem 5:</b> Arthur de Andrade.....	63
<b>Imagem 6:</b> Aurélio de Bittencourt .....	63
<b>Imagem 7:</b> Francisco Marcílio.....	63
<b>Imagem 8:</b> Chapa para a eleição da diretoria do Grêmio Kosmos.....	67
<b>Imagem 9:</b> Propaganda no jornal <i>A Liberdade</i> .....	77
<b>Imagem 10:</b> Oficina do <i>Clarim da Alvorada</i> , década de 1930.....	79
<b>Imagem 11:</b> Jornal <i>O Clarim da Alvorada</i> em sua fase de combate.....	80
<b>Imagem 12:</b> Manifesto de Convocação do Congresso da Mocidade Negra Brasileira, autor Arlindo Veiga dos Santos .....	84
<b>Imagem 13:</b> Trajeto Atlântico de Mahommad Baquaqu.....	90
<b>Imagem 14:</b> Matéria do jornal <i>Progresso</i> sobre a questão racial na África do Sul.....	100
<b>Imagem 15:</b> Jornal <i>O Clarim</i> denunciando a campanha fascista na Etiópia.....	102
<b>Imagem 16:</b> Carta do leitor do jornal <i>Getulino</i> negando o “retorno à África”.....	107
<b>Imagem 17:</b> Retrato de Booker Taliaferro Washington.....	115
<b>Imagem 18:</b> Nota sobre o livro de Booker Washington.....	115
<b>Imagem 19:</b> W. E. B. Du Bois em Paris.....	118
<b>Imagem 20:</b> Capa da revista <i>The Crisis</i> .....	118
<b>Imagem 21:</b> Jornal <i>The Negro World</i> , 31/07/1920.....	123
<b>Imagem 22:</b> Marcus Mosiah Garvey Jr em 1922.....	125
<b>Imagem 23:</b> Propaganda da The Black Star Line que dá início ao processo contra Marcus Garvey.....	125
<b>Imagem 24:</b> Retrato de Robert Abbou.....	126
<b>Imagem 25:</b> José do Patrocínio no <i>Chicago Defender</i> .....	126
<b>Imagem 26:</b> Debate sobre Garvey e Du Bois no <i>Getulino</i> .....	129
<b>Imagem 27:</b> Brasil na manchete do <i>Chicago Defender</i> .....	132

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	09
<b>Capítulo I – Panorama de uma época: A primeira geração do Movimento Negro Brasileiro</b> .....	
1.1. Decadência liberal e agitação popular: quando os subalternizados entram em ação.....	13
1.2. Movimento Negro enquanto movimento social.....	22
1.3. Características da primeira geração do Movimento Negro.....	28
<b>Capítulo II – Formação da imprensa negra brasileira: Das origens ao pós-abolição</b> .....	
2.1. Surgimento da imprensa negra: os jornais dos filhos de escravizados no século XIX.....	44
2.2. A imprensa negra no pós-abolição: os novos sentidos da liberdade.....	57
2.3. O Clarim da Alvorada: protagonismo negro em ação (1924-1932).....	64
<b>Capítulo III – As conexões do Atlântico Negro na imprensa negra</b> .....	
3.1. Teoria da História Atlântica.....	86
3.2. A África na imprensa negra: Atlântico Negro e diáspora.....	96
3.3. O Atlântico Negro na imprensa negra.....	111
<b>Considerações finais</b> .....	133
<b>Bibliografia</b> .....	135

## Introdução

Recentemente ganharam força na sociedade brasileira as discussões sobre as relações raciais e da importância da África para a nossa própria História. Seja pela implementação do sistema de cotas para negros e indígenas nas instituições de ensino superior ou pela obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos diversos níveis educacionais brasileiros, podemos observar um renovado interesse sobre este tema. Nos últimos anos uma grande quantidade de estudos e pesquisas foram divulgadas, assim como inúmeros livros sobre a África inundaram o mercado editorial. Diversas linhas de pesquisas foram criadas em instituições de ensino para suprir essa nova necessidade a partir da criação da Lei Nº 10.639 de 10 de Janeiro de 2003.

Acredito que os estudos sobre a temática da África e da cultura Afro-descendente, assim como das relações étnico-raciais, se justificam pela sua relevância social tendo em vista que, do ponto de vista social a pesquisa possibilita o desenvolvimento de questões que colaborarão para a compreensão de como atuou a primeira geração desses abnegados intelectuais/militantes negros que se dedicaram a lutar contra a discriminação racial em nosso país. A questão racial, os preconceitos e os estereótipos sobre os negros e seus descendentes são chave para identificar alguns dos mais importantes problemas da realidade brasileira hoje e que afligem diretamente a população negra. Destacar o protagonismo negro nas suas ações e reflexões, nas suas lutas e anseios nos diz que longe de serem “sujeitos invisíveis” do devir histórico, esses indivíduos souberam manobrar com astúcia os mecanismos de regulamentação da nossa sociedade e apontaram suas próprias interpretações a cerca do mundo em que vivem.

Nessa perspectiva, considero ser um momento propício para investigar a temática histórica das redes de trocas culturais em uma perspectiva Atlântica, tendo como foco de análise o movimento negro e a imprensa negra, imprensa esta criada por negros brasileiros em diversos momentos da nossa história, desde o século XIX e no decorrer do século XX. Especificamente, o recorte desta pesquisa está circunscrita ao período de formação da primeira geração do movimento negro brasileiro, as décadas de 1920 e 1930.

Diversos espaços foram ocupados pela população negra. Desde a primeira república podemos encontrar as associações culturais e recreativas, os clubes esportivos, os grupos teatrais, as bandas de jazz, todos criadas por homens e mulheres negras. É verdade que este movimento vai muito além da imprensa negra. Ir além e afirmar que esta imprensa negra foi fundamental para descrever a ação destes intelectuais negros no decorrer do período estudado

nesta pesquisa. De acordo com Gramsci, o grupo dos intelectuais é dos mais importantes da sociedade civil, sendo sua força de direção, onde cada grupo social possui sua própria camada de intelectuais orgânicos, ou tende a formá-la principalmente com o objetivo da sua própria organização. Assim, essa assertiva está presente no movimento negro aqui estudada, tendo em vista que suas ações, ideias e posicionamentos ajudaram a construir uma consciência coletiva para o grupo social que representavam e que muitos desses intelectuais negros romperam com o pensamento hegemônico da sociedade brasileira de sua época.

O problema a ser elucidado pela nossa pesquisa refere-se às conexões desses intelectuais negros no Brasil e as redes estabelecidas no Atlântico Negro. A indagação inicial e hipóteses partiu da premissa que o movimento negro não estava restrito apenas aos marcos nacionais, mas que também dialogou com outros movimentos e ideias em contexto transnacional da diáspora negra.

O objeto geral de estudo desta dissertação é compreender a atuação dos intelectuais/militantes negros da primeira geração tendo como foco a imprensa negra.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: analisar as características e a formação da primeira geração de militantes negros: Compreender o surgimento da imprensa negra e seu ambiente social, especialmente o jornal *Clarim da Alvorada*; Identificar as ideias e intelectuais negros que dialogaram com esta geração de militantes do movimento negro brasileiro.

Com relação à metodologia da pesquisa, a organização da documentação para esta investigação se iniciou com a sistematização das matérias dos jornais da imprensa negra que de alguma forma mostrassem uma conexão entre os intelectuais negros brasileiros da primeira geração e os diversos movimentos e ideias em circulação no Atlântico Negro. O uso da imprensa como fonte para a pesquisa em História já há algum tempo encontra-se disseminado nos ambientes de trabalho reservados às ciências humanas. Mostra-se pertinente a nosso ver a utilização da imprensa na produção do conhecimento histórico.

Desenvolver uma pesquisa tendo como fonte a imprensa nos colocou o problema de não só analisar o conteúdo em si, mais outras dimensões como a subjetividade de quem escreve, a ênfase em determinados temas, a linguagem e a natureza do conteúdo visando um determinado público que o jornal pretende alcançar e assim conformar uma identidade. Essas múltiplas complexidades da pesquisa com fontes da imprensa são assim expostas por Tania Regina de Luca:

Assim, percebe-se que o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais.<sup>1</sup>

Para os propósitos de minha pesquisa, busquei seguir as indicações de Raymond Williams<sup>2</sup>, em seu artigo sobre a imprensa popular inglesa, em que ele tece suas preocupações para que os historiadores estabeleçam as conexões e vínculos não só com outras formas de comunicação, mas também com a história social mais ampla, por exemplo, os movimentos sociais e políticos, as formações culturais, as conjunturas de sua época, as ideologias, às quais as formas históricas da imprensa se articulam de modo mais específico, pois afinal, devemos superar a concepção de objetividade e neutralidade da imprensa.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizei como fontes primárias o acervo digitalizado da imprensa negra paulista no endereço [http://www.assis.unesp.br/dedap/cat\\_imprensa\\_negra/cat\\_imprensa\\_negra.html](http://www.assis.unesp.br/dedap/cat_imprensa_negra/cat_imprensa_negra.html), assim como foi de grande utilidade o acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Como também empreguei os testemunhos de memória deixados por estes militantes.

O primeiro capítulo desta pesquisa trata do cenário político e social da época estudada, as décadas de 1920 e 1930, quando a emergência de novos atores sociais, anteriormente excluídos do jogo político da Primeira República, tencionou a vida política brasileira. A seguir realizo um breve debate historiográfico sobre a Revolução de 30 e suas diversas interpretações, concluindo que para nossa melhor compreensão do movimento de 30 as análises desenvolvidas por Boris Fausto nos parecem mais acertadas. Logo após teorizo o conceito de movimento negro enquanto um movimento social que luta contra as discriminações e o combate aos preconceitos raciais. Ainda no primeiro capítulo analiso as principais características da primeira geração do movimento negro, suas ideologias e posições políticas à luz dos debates ocorridos naquele momento, focando principalmente na maior entidade do movimento negro desta geração, a Frente Negra Brasileira.

---

<sup>1</sup> LUCA, Tania Regina. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 2.

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. *A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica*. Projeto História, São Paulo, n° 35, 2007.

No segundo capítulo ocupei-me em historicizar o surgimento da imprensa negra brasileira ainda no século XIX e apresentar alguns destes jornais que apareceram ainda no Brasil escravista. O período do pós-abolição também será debatido com seus novos significados e projetos para a população negra brasileira, tendo como orientação teórica os recentes estudos do pós-abolição. No fim deste capítulo apresento o jornal *Clarim da Alvorada*, sua cidade de fundação, São Paulo, e o ambiente dos clubes e associações negras que possibilitaram o nascimento da imprensa negra paulista, assim como a evolução deste jornal que inicialmente possuía uma pretensão literária para um jornal eminentemente de combate em defesa da população negra.

No terceiro e último capítulo procurei compreender quais foram as influências externas que possibilitaram as transformações no pensamento e nas concepções do movimento negro brasileiro e principalmente na redação do jornal *Clarim da Alvorada*. Para isso foi fundamental estudar essas conexões sob o prisma do conceito de uma História Atlântica, ou ainda, do Atlântico Negro na perspectiva pensada por Paul Gilroy, uma visão analítica fornecida pela ideia de diáspora negra em conexão com as diversas comunidades negras espalhadas no espaço do Atlântico e com o intercâmbio entre seus intelectuais e movimentos. Outra questão foi examinar as representações sobre o continente africano elaboradas pela imprensa negra paulista. Por fim, analiso como esta geração de intelectuais negros brasileiros estabeleceu suas conexões transnacionais com outros intelectuais negros separados pelo Atlântico, e como também estes jornais nos deixaram vestígios sobre as ideias, ações, estratégias e políticas desenvolvidas por intelectuais negros como Marcus Garvey, Booker T. Washington, Frederick Douglas ou W.E.B. Du Bois.

Ao final, acredito que os objetivos gerais e específicos desta pesquisa foram cumpridos, e que, nossa hipótese inicial se mostrou correta, indicando os diálogos estabelecidos dentro do Atlântico Negro.

## **Capítulo I - Panorama de uma época: A primeira geração do Movimento Negro Brasileiro**

### **1.1 Decadência liberal e agitação popular: Quando os subalternos entram em ação.**

O cenário político e econômico do Brasil foi bastante influenciado pela conjuntura mundial da crise de 29, e da emergência de duas ideologias, o fascismo e comunismo, que atuaram com força significativa durante os anos 30.

Ainda na década de 1920, o Brasil atravessava um importante processo de industrialização e urbanização ocasionando a emergência de novos setores sociais que não obtiveram espaço no jogo político das oligarquias tradicionais. As camadas médias urbanas percebiam que, mesmo dependentes da economia agroexportadora, a política de valorização do café causava desequilíbrio fiscal e cambial, inflacionando assim seus produtos que na maioria das vezes eram importados, como ocorreu durante o governo de Epitácio Pessoa entre 1921 a 1923. A própria burguesia industrial incipiente, ela também interligada a economia agroexportadora, começava a perceber que o seu próprio desenvolvimento a longo prazo só seria efetivo se contrariasse os interesses agrários e ocorresse um grande incentivo do governo central à industrialização brasileira. Diversos intelectuais e lideranças políticas reformistas questionavam as fraudes eleitorais generalizadas e o mandonismo dos grandes proprietários rurais sobre as enormes camadas da população mais pobre no interior do Brasil. Os operários urbanos apontavam para um novo ciclo de lutas, em que sua organização e combatividade vão dar um novo salto de qualidade, apesar da violenta repressão. Por exemplo, durante o governo de Artur Bernardes foi criada a primeira delegacia especializada em repressão política, o Departamento de Ordem Política e Social - DOPS e seu mandato terminou sob estado de sítio; no governo de Washington Luís, que promulgou a Lei Aníbal de Toledo (Agosto de 1927), denominada “Lei Celerada”, por sua violência contra os movimentos sociais. O surgimento do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922 e a Semana de Arte de Moderna de 1922, o Movimento Tenentista, a Coluna Preste, são reflexos dessa modernização das ideias que agitavam o cenário político e desencadearam o movimento de 30. Esse contexto de mudanças na década de 1920 é compreendido assim por Marly Vianna:

Os anos de 1920 poderiam ser considerados os “anos dourados” da República Velha, um período marcado por tentativas de modernização

econômica, pela urbanização, pela efervescência social, política e cultural, pela gestação de definições ideológicas. Uma década que, além de encerrar a velha República, punha um ponto final tardio no século 19 brasileiro. Nesse período, com exceção do grupo cafeicultor que se beneficiava do poder, todo o país ansiava por mudanças, e a movimentação vivida pela sociedade apontava para uma expansão do horizonte econômico e da participação política de grupos emergentes até então tolhidos pelas limitações impostas pela República Velha.<sup>3</sup>

O colapso da Primeira República, que como já vimos, excluía diversos segmentos sociais, não foi rápido e direto, ele foi fruto de um longo processo que ficou mais agudo a partir de 1927 com uma série de articulações conduzidas pela oligarquia dissidente em aliança com os jovens tenentes e que desembocaria na Aliança Liberal.

Os tenentes expressavam, de maneira vaga e confusa, essas críticas elaboradas pelos setores que buscavam uma modernização para o Brasil. Seus programas, discursos e manifestos defendiam uma reforma moralizante, como eles diziam uma “missão regeneradora”. Seu programa de reformulação política, não muito explícito, pretendia dotar o país de um poder centralizado, com o objetivo de educar o povo, uma política vagamente nacionalista. Criticavam as oligarquias pela fragmentação do Brasil e pelo liberalismo expresso por elas. Não possuindo muita crença no sistema eleitoral e no sufrágio universal corrupto da Primeira República, sua alternativa era pela via autoritária para a reforma do Estado e da sociedade. Até 1930 permaneceram isolados, distantes das massas populares, das elites civis e até mesmo dentro da própria instituição, o Exército. Somente com a formação da Aliança Liberal é que este quadro se alterou. Apesar das desconfianças recíprocas, a aliança entre os “tenentes civis” e os “tenentes militares” se fortaleceu e acordos foram realizados. A única voz dissidente importante deste processo foi a do capitão Luis Carlos Prestes, nome de maior prestígio entre os tenentes. Prestes, em maio de 1930, lançou um manifesto no qual apoiava o comunismo e condenava o apoio às oligarquias dissidentes, pois acreditava que estas disputas oligárquicas apenas expressavam uma luta maior entre o imperialismo britânico e o norte-americano. Esta formulação coincidia com a posição do PCB nesta época, pois Prestes vinha sendo influenciado por militantes comunistas como Astrojildo Pereira e pelos contatos dos líderes da Internacional Comunista na América do Sul. Porém, os comunistas brasileiros resistiram à entrada de Prestes no partido condenando o “personalismo prestista” e somente com uma ordem vinda de Moscou em 1934 é que finalmente Prestes garantiu seu ingresso ao partido.

---

<sup>3</sup> VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 27

Durante o processo sucessório de Washington Luís, este cometeu um erro de cálculo, indicando outro paulista, Júlio Prestes, como seu sucessor. Assim se rompeu a frágil estabilidade entre as oligarquias paulistas e mineiras, aspecto importante da Primeira República, principalmente na década de 1920. Preteridos na sucessão, os mineiros coligados com os gaúchos liderados por Getúlio Vargas e a Paraíba, formaram a Aliança Liberal em setembro de 1929, escolhendo como vice na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa. Com um programa mais reformista, em que temas como o trabalho, a moralidade eleitoral, o desenvolvimento econômico com base na indústria e na educação, a Aliança obteve um relativo sucesso, principalmente entre os setores urbanos. Apesar disso, a vitória coube a Júlio Prestes, pois contava com as máquinas políticas regionais dos Partidos Republicanos e do governo federal. Apesar das reclamações da oposição e costumeiras acusações de fraudes, tudo parecia voltar aos eixos tradicionais. Porém isto não era a realidade. Muitos tenentes tinham retornado do exílio e continuavam as conspirações contra o governo falando sobre a necessidade de uma continuidade das revoltas de 1922 e 1924. Os derrotados civis como Antonio Carlos em Minas Gerais e Osvaldo Aranha no Sul encabeçam as articulações com os militares rebeldes. E a oportunidade veio com o assassinato de João Pessoa.

Na impossibilidade de Luís Carlos Prestes assumir o comando militar das ações revolucionárias, por não apoiar a candidatura Vargas, este comando passou para o tenente-coronel Góis Monteiro, com carreira militar exercida no Rio Grande do Sul. No Nordeste seu comandante foi Juarez Távora. Assim, a revolução começou em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul em 3 de outubro de 1930, derrubou Washington Luis e uma junta militar provisória de governo assumiu o poder, depois transferido para Getulio Vargas.

Os debates historiográficos sobre a Revolução de 1930 apontam para diversas interpretações. De forma sintética apresentamos aqui três posições acerca destes debates. Uma primeira posição, no calor dos acontecimentos e elaborada por intelectuais do Partido Comunista, defendeu a tese que ela foi fruto de uma “revolução burguesa”, oposta a oligarquia cafeeira, e o tenentismo seria a expressão do radicalismo da classe média. Interpretação análoga encontramos em Virgínio Santa Rosa <sup>4</sup>. Outra interpretação será desenvolvida a partir dos anos 1960, em autores como Boris Fausto, que defendiam a idéia que o movimento de 30 significou certo “vazio de poder” uma “crise de hegemonia”, preenchido pelo “Estado de compromisso” e fortalecimento de uma burocracia federal que

---

<sup>4</sup> SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do tenentismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

sustenta Getúlio Vargas. Por último, na década de 1980, Edgar de Decca<sup>5</sup>, defenderá que não houve “vazio de poder”, mas uma nova hegemonia exercida agora pela burguesia industrial no sentido de evitar a chegada ao poder da classe trabalhadora.

Para uma melhor compreensão do movimento de 30 acreditamos que as análises desenvolvidas por Fausto nos foram mais proveitosas. Para este autor a Revolução de 30 não foi feita por representantes de uma suposta nova classe social: a classe média ou a burguesia industrial. É verdade que as camadas médias urbanas deram apoio à Aliança Liberal, porém, sendo por demais heterogêneas e dependentes das forças agrárias, não se constituíram em uma força autônoma suficientemente capacitada para a tomada do poder. Descrevendo as forças políticas em ação naquele momento, Fausto nos diz:

Esses fatos são suficientes para mostrar que é simplista a tese segundo a qual a Revolução de 30 significou a tomada direta do poder por esta ou aquela classe social. Os vitoriosos de 30 compunham um quadro heterogêneo, tanto do ponto de vista social como político. Eles tinham-se unido contra um mesmo adversário, com perspectivas diversas: os velhos oligarcas, representantes típicos da classe dominante de cada região do país, desejavam apenas maior atendimento à sua área e maior soma pessoal de poder, com um mínimo de transformações; os quadros civis inclinavam-se a reformular o sistema político e se associaram transitoriamente com os tenentes, formando o grupo dos chamados “tenentes civis”; o movimento tenentista – visto como uma ameaça pelas altas patentes das forças armadas – defendia a centralização do poder e a introdução de algumas reformas sociais; o Partido Democrático – porta-voz da classe média tradicional – pretendia o controle do governo do Estado de São Paulo e a efetiva adoção dos princípios do Estado liberal, que aparentemente asseguraria seu predomínio.<sup>6</sup>

Neste aspecto, podemos observar que o poder de tipo oligárquico perdeu terreno, e isso não quer dizer que desapareceram enquanto força política. Concordamos ainda com Fausto na sua caracterização de que não ocorreu uma revolução em 30, havendo apenas uma troca da elite do poder sem grandes rupturas. Já no aspecto relacionado ao Estado devemos perceber mudanças significativas:

Um novo tipo de Estado nasceu após 1930, distinguindo-se do Estado oligárquico não apenas pela concentração e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos. Devemos acentuar pelo menos três dentre eles: 1. a atuação econômica, voltada gradativamente para os

---

<sup>5</sup> DE DECCA, Edgar. *1930, O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

<sup>6</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 326.

objetivos de promover a industrialização; 2. a atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. o papel central atribuído às Forças Armadas - em especial ao Exército - como suporte da criação de uma indústria de base e sobretudo como fator de garantia da ordem interna.<sup>7</sup>

Surgida de uma crise e enfraquecida, as novas elites dominantes se viram obrigadas a incorporar novas frações do capital, e também buscar uma aproximação com setores da classe trabalhadora, tais como o operariado. Se antes a questão social era um caso de polícia, se o regime anterior era refratário a qualquer participação eventual e moderada dos segmentos populares, o novo regime, para se fortalecer, tenderá na década de 1930 a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os ao seu projeto de poder, evidentemente com uma perspectiva de controle das camadas populares para subalternizá-las e construindo uma nova aliança com elas. A burguesia industrial foi ganha para este projeto com a promoção de uma industrialização planejada e na medida do possível rápida. A longo prazo se estabeleceu um novo bloco de forças no poder e o desenvolvimento da cultura política do trabalhismo varguista. Retornando a Boris Fausto:

Tentando juntar estes elementos em uma síntese, poderíamos dizer que o Estado getulista promoveu o capitalismo nacional, tendo dois suportes: no aparelho do Estado, as forças armadas; na sociedade uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana. Foi desse modo, e não porque tivesse atuado na Revolução de 1930, que a burguesia industrial foi promovida, passando a ter vez e força no interior do governo.<sup>8</sup>

Como já comentamos, os grupos que derrubaram a Primeira República e tomaram o poder em 30 não eram unidos, apresentando diversos projetos de poder, divergindo quanto aos caminhos para chegar a seus objetivos, como por exemplo, modernizar o Brasil. Os tenentes, com sua visão de um governo forte e centralizador, as elites políticas mais tradicionais com o seu liberalismo, outros ainda com o pensamento autoritário. O grupo gaúcho, liderado por Vargas, era herdeiro do positivismo que dava a tônica na política estadual desde o final do século XIX, era mais inclinados a um Estado interventor. Desde que chegaram ao poder, esses grupos do novo regime mantinham-se em um tenso equilíbrio. Talvez a única coisa que os unia fosse isolar a derrotada oligarquia de São Paulo.

No campo econômico, o Governo Provisório de Vargas teve que responder rapidamente às consequências da Crise de 1929. Parte da economia brasileira dependia das

---

<sup>7</sup> Idem, p. 327.

<sup>8</sup> Idem, p. 327.

divisas geradas pela exportação do café paulista. A queda da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929, provocou grandes perdas aos produtores de café com a diminuição dos mercados internacionais e do crédito. A resposta do Governo Provisório não foi diferente dos governos anteriores, pois colocou em prática a tradicional política de valorização do café, socializando as perdas, comprando o excesso de produção do café para diminuir a oferta do mercado e assim aumentar o preço no mercado internacional. Para desgosto de muitos dos revolucionários de 30, o governo reconhecia que a economia brasileira era completamente dependente do café e que a desejada diversificação da produção brasileira teria que ficar para um segundo momento. A novidade foi o governo concentrar a política do café em suas mãos, criando, por exemplo, diversos órgãos técnicos como o Conselho Nacional do Café em maio de 1931 e depois, já em 1933, o Departamento Nacional do Café, efetivamente federalizando a política cafeeira.<sup>9</sup>

A rápida chegada ao poder em 30 não estabilizou regime. Podemos afirmar que o este período que vai até 1937, com o Estado Novo, foi marcado pela instabilidade política e grande ebulição das forças políticas, incluindo as camadas populares urbanas. De fato, vários agentes sociais exigiam mais participação na vida política nacional, e o movimento de 30 tinha conseguido adesões a partir dessas promessas de participação e democracia. Tal processo, junto com a Revolução Constitucionalista de 32, obrigou o Governo Provisório a convocar uma Assembléia Constituinte. Era o momento de debater e agir.

A Igreja Católica, que se sentia prejudicada desde a Constituição de 1891, não ficou alheia em meio a tanta mobilização. Seus intelectuais, apoiados pelo alto clero da Igreja organizaram a Liga Eleitoral Católica (LEC). Como grande influenciadora da sociedade brasileira, garantiu a eleição de seus representantes para a Assembléia Constituinte com um programa claro de defesa dos seus interesses, tais como, a oficialização do casamento religioso e do casamento indissolúvel, proibição do divórcio, garantia do sistema educacional religioso, o papel da família nuclear, e o combate ao comunismo e as ideias laicas.

As “minorias sociais” também vão construir uma pauta específica e se mobilizar para influenciar nos grandes debates nacionais. As mulheres e os negros foram parte dessa mobilização pela conquista de mais direitos. Para as mulheres trabalhadoras a luta pela igualdade e mais direitos no mundo do trabalho foi marcante. Para as mulheres da elite

---

<sup>9</sup> Para um panorama da economia brasileira do período ver: ABREU, Marcelo de Paiva. *O processo econômico*. In: SCHWARCZ, Lilia M. (direção) *História do Brasil Nação: 1808- 2010*. V. 4. *Olhando para dentro, 1930-1964*. Coord. Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

letrada, a luta passava pela garantia do direito ao voto, inclusive contando com o apoio da Igreja Católica.

Como veremos nos próximos capítulos, os negros brasileiros, já na década de 20, se mobilizaram na luta contra o racismo, a discriminação, o preconceito e a permanente falta de oportunidades. São diversos os jornais, a imprensa negra, os grêmios recreativos, clubes e associações que foram criados (do que trataremos mais à frente). Nos anos 1930, construíram a primeira grande organização do movimento negro brasileiro, Frente Negra Brasileira (FNB) que terá vida até o advento do Estado Novo.

Para a classe operária, era um momento de grande agitação e ascenso do movimento sindical. O reconhecimento da importância e legitimidade da “questão social” pelo Estado impulsionou diversas lutas e importantes greves, apesar da grande repressão desencadeada contra os setores mais à esquerda, especialmente o PCB, logo após 1930. As primeiras leis varguistas de proteção ao trabalhador são desta época: a regulamentação do trabalho das mulheres e crianças, limite da jornada de trabalho em oito horas, a regulamentação das férias, as Juntas de Conciliação e Julgamento, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Não obstante estas conquistas, o governo se atribuiu um papel de controlador da vida sindical, em que a legalidade de um sindicato dependia diretamente do reconhecimento ministerial, e este poderia ser cassado se descumprisse uma das diversas normas impostas. Assim, a experiência de um sindicalismo autônomo desapareceu e os sindicatos vão se enquadrar na legislação vigente.

Nas Forças Armadas, a situação também não era tranqüila. Os tenentes, que nos primeiros momentos da Revolução de 30 ocuparam importantes espaços da estrutura do governo, a partir de 1932 viram seu papel se esvaziar, causando sua desarticulação enquanto movimento político autônomo. A atuação de seus participantes se dispersou entre os movimentos de esquerda (o PCB e Aliança Nacional Libertadora), de direita (Ação Integralista Brasileira) ou foram incorporados aos quadros da burocracia do governo federal. Para a alta cúpula das forças armadas, os tenentes sempre foram um problema, representando um perigo permanente à hierarquia militar e à unidade militar.

O restabelecimento da ordem constitucional estimulou a participação política e fortaleceu os movimentos sociais e o processo político radicalizou-se. À direita e à esquerda surgiram duas organizações que tiveram grande impacto na vida política brasileira: a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB).

A ANL, surgida em março de 1935, se constituiu como uma frente antifascista com um programa nacionalista e antiimperialista, exigindo a reforma agrária e liberdades públicas.

Era composta por comunistas, socialistas e liberais desencantados com os rumos do movimento de 30. Seu presidente de honra era o comunista Luís Carlos Prestes. Suas mais destacadas lideranças eram principalmente militares como Agildo Barata, Miguel Costa, Herculino Cascardo (seu presidente), Silo Meireles que tiveram atuação no pós-30, inclusive assumindo cargos no governo até 1932. Em apenas quatro meses de vida legal, teve uma notável adesão e a ANL atraiu as camadas populares e médias e os intelectuais. Com a divulgação do manifesto de Cinco de Julho de 1935 em que Prestes apresenta a consigna “Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo nacional revolucionário! Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!” a ANL passou a ter os dias contados. Com base na Lei de Segurança Nacional (apelidada de Lei Monstro de 4-4-1935) o governo, através do Decreto nº 229, fechou a entidade até dezembro.

Ocupando um espaço pela direita, estava a Ação Integralista Brasileira (AIB). Fundada em 1932 a partir da fusão de algumas pequenas organizações fascistas ou conservadoras. Sua doutrina era extremamente nacionalista e pregava o controle do Estado na economia. Seus principais inimigos eram os comunistas e os liberais. O integralismo foi muito eficiente na utilização de rituais e símbolos. O culto da personalidade do chefe nacional, Plínio Salgado, as cerimônias, os desfiles dos camisas-verde, o sigma, atraíram para suas fileiras um número considerado entre 100 mil a 200 mil pessoas. Seu lema era “Deus, Pátria e Família”. De uma forma geral apoiaram o Governo Vargas e principalmente em 37 na gestação do Estado Novo. Em dezembro de 1937, postos fora da lei, romperam com o governo Vargas e foram afastados da cena política, em especial depois da tentativa de levante em maio de 1938.

O Brasil não ficou imune ao debate entre esquerda/direita, comunismo/fascismo. Nos anos 1930, o mundo se viu dividido entre essas duas visões de mundo, antagônicas praticamente em tudo, menos na crítica que faziam à democracia “burguesa e liberal”. O resultado de tamanha efervescência e debate político foi que o Brasil conheceu formas novas e diversas de ação e organização coletiva como nunca ocorrera antes.

Para os comunistas o fechamento da ANL veio provar que as elites brasileiras não permitiriam que a sociedade fosse transformada pelo voto e pelas ações de um movimento de massa popular. A idéia de um levante armado ganhou força dentro desses círculos. No final de novembro de 1935 a oportunidade ocorre com as rebeliões em Natal, Recife e Rio de Janeiro. Porém, em poucos dias, os levantes foram derrotados, demonstrando que a grande revolução se parecia mais com uma revolta tenentista, carregada de erros políticos e voluntarismo. O PCB foi desarticulado, com as prisões e torturas.

Com a derrota do movimento de novembro, o governo decretou o “estado de guerra” que na prática suspendia os direitos individuais previstos na constituição. A derrota comunista serviu para justificar a opção daqueles que defendiam uma saída autoritária, reforçando o anticomunismo das elites civis e militares. Para Vargas foi a oportunidade para reforçar seu poder pessoal, que fora anteriormente muito questionado em diversas ocasiões, agora visando sua permanência no poder.

O ano de 1937 começou com a promessa do governo de que haveria eleições presidenciais em janeiro de 1938, encerrando assim o mandato de Vargas. Durante este ano três candidatos à presidência foram lançados: Armando de Salles Oliveira, representando as forças paulistas do federalismo e do liberalismo; José Américo de Almeida considerado um homem próximo dos ideais tenentistas com uma visão intervencionista e simpático às questões sociais e por fim, Plínio Salgado chefe do movimento integralista. Com os candidatos em plena campanha, a imprensa começou a noticiar a descoberta de um novo levante comunista: era o Plano Cohen. Este pseudo plano comunista tinha como objetivo provocar pânico na opinião pública e reavivar o anticomunismo e, conseqüentemente, justificar o poder repressor do Estado. Na verdade, o que assustava Vargas era a possibilidade de vitória de Armando de Salles Oliveira e não os comunistas. Assim, a opção que se desenhava para Vargas, apoiado pela cúpula militar, pelos principais ministros e diversos governadores foi o regime autoritário. Estava preparado o terreno para o Estado Novo.

Em vista do que comentamos anteriormente, o cenário social e político das décadas de 1920 e 1930 estava pronto para a emergência de novos sujeitos coletivos com suas demandas de inclusão e participação. Nas palavras de um dos mais importantes líderes negros da época, José Correia Leite:

1929 tinha sido o ano de uma recessão muito grande e as conseqüências na situação do negro foram graves (...). Então, o movimento político fez a gente ir esmorecendo a ideia da realização do Congresso [da Mocidade Negra naquele ano]. O Getúlio perdeu as eleições e veio a Revolução de 30. Aí foi uma fase que a gente pode distinguir o movimento negro de 1930 e depois de 1930. Este tomou outra feição. O negro, por intuição ou qualquer coisa, na Praça da Sé se reunia em grupos e as discussões eram calorosas. Estava sempre à frente o Isaltino Veiga dos Santos, o que mais agitava os grupos. Foi um sujeito que lutou muito. Sem ele não teria existido a Frente Negra Brasileira. Em 1930 não se tinha a ideia do nome, mas estava-se discutindo de como o negro poderia participar. Não se queria ficar marginalizado na transformação que se esperava. Havia um contentamento de ver aquelas

famílias de escravagistas apeadas do poder. Era claro que na transformação tudo ia mudar. O negro sentia isso.<sup>10</sup>

Essas mudanças não passaram despercebidas aos negros da época e de suas lideranças. As condições históricas estavam dadas para o aparecimento da primeira geração do movimento social negro no Brasil.

## **1.2 O Movimento Negro enquanto Movimento Social.**

Até meados do século XX, o conceito de movimentos sociais contemplava apenas a organização e a ação desencadeada pelos trabalhadores em seus sindicatos. Sob a influência da perspectiva marxista buscava-se analisar esses movimentos por meio dos conceitos de classe social e luta de classes. Tais conceitos envolviam uma explicação histórica e buscavam entender o desenvolvimento do capitalismo, assim como sua superação.

Portanto, podemos afirmar que até a década de 1960 a grande maioria dos movimentos sociais estava baseada na luta classista e seu projeto político era a transformação social, pela reforma ou pela revolução, sob a liderança da classe trabalhadora.

A partir dos anos 1960, o caráter dos movimentos sociais começam a se modificar. As diversas mudanças sócias, econômicas e culturais que ocorreram, principalmente nas sociedades industrializadas, ou segundo alguns, pós-industrializadas, resultaram na organização de movimentos sociais de um novo tipo que, apesar de também terem surgido como reação às opressões, não tinham como projeto político-social a destruição das relações de produção capitalistas e a construção de uma nova sociedade. São exemplos desses “novos movimentos sociais” o movimento feminista, o movimento pela paz e contra as armas nucleares, o movimento LGBT, movimentos de defesa do meio ambiente, movimentos pelos direitos humanos, o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, que ocasionaram na ampliação do campo de atuação dos movimentos sociais e em novas agendas sociais trazidas por esses movimentos.

Parte da novidade desses movimentos é a insistência na irrelevância das categorias socioeconômicas (como as classes sociais) ou a negação do campo político e de suas ideologias. Assim, podemos encontrar na base social desses movimentos, setores com origens

---

<sup>10</sup> LEITE, José Correia; Cuti (Org.). *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. São Paulo, Noovha América, 2007, p. 91.

sociais distintas ou posicionamentos políticos de direita ou esquerda. Analisando esses novos movimentos sociais, Claus Offe<sup>11</sup> nos dirá que:

Portanto, é necessário afirmar de várias formas que o esquema de conflito social e político expresso pelos novos movimentos sociais é um contraponto ao modelo de conflito de de classes. Em primeiro lugar, o conflito não é encenado por uma classe, mas por uma aliança social composta de elementos que vêm, em diferentes proporções, de diferentes classes e "não-classes". Em segundo lugar, não se trata de um conflito entre os principais agentes econômicos do modo de produção, mas de uma aliança que abrange virtualmente qualquer elemento, exceto essas classes principais. Terceiro, as demandas não são específicas de uma classe, mas têm forte tinta universalista ou, ao contrário, muito particularistas, sendo, por implicação, ou mais ou menos envolvente ou "categórica" do que as reivindicações de classe.<sup>12</sup>

Percebo neste ponto o conflito existente entre o Estado e a sociedade civil, sendo os movimentos sociais resultado deste tensionamento, onde na maioria das vezes eles estão questionando as estruturas estatais e propondo novas formas de organização para o mundo político.

Maria da Glória Gohn, em sua mais conhecida obra sobre este tema, alerta para a dificuldade de definir conceitualmente o que seria movimento social. É um daqueles conceitos polissêmicos que dá margem para diversas interpretações dependendo de como será abordado. Neste livro, Gohn procura apresentar e explicar os diversos paradigmas que compõem este campo sociológico: o paradigma norte-americano, os paradigmas europeus (marxistas e novos movimentos sociais) e o paradigma latino-americano. Não pretendo aqui explanar as elaborações desta autora sobre estes paradigmas, no entanto, procuro em Gohn uma conceituação que possa trazer para minha pesquisa uma reflexão a respeito do movimento negro enquanto um movimento social. Assim, para Gohn, os movimentos sociais são expressões de poder da sociedade civil por demandas inclusivas:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando

<sup>11</sup> OFFE, Claus. *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*. Madrid: Editora Sistema, 1992, p. 196

<sup>12</sup> .No original. "Cabe, por tanto, afirmar en varios sentidos que el esquema de conflicto social y político que se expresa con los nuevos movimientos sociales es el contrapolo opuesto al modelo de conflicto de clase. Em primer lugar, el conflicto no es escenificado por una clase, sino por una alianza social, compuesta por elementos que vienen, em distintas proporciones, de diferentes clases e de "no-classes". En segundo lugar, no se trata de un conflicto entre agentes los económicos principales del modo de producción, sino de una alianza que engloba virtualmente a cualquier elemento *menos* a estas clases principales. En tercer lugar, las exigencias no son algo específico de una clase, sino que tienen um fuerte tinte universalista, o más o menos envolventes o "categóricas" que las reivindicaciones de clase." Tradução sob minha responsabilidade.

um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas públicas (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protesto delineados. Os movimentos participam portanto da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem em suas ações. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam.<sup>13</sup>

Outro elemento importante do raciocínio de Gohn é a categoria de luta social. Como ela afirma, utilizando as formulações de E. P. Thompson, essa noção é mais abrangente que o conceito de luta de classes, pois, as classes sociais são uma das formas, e não a única, de agrupar as ações dos homens na história. Sobre essa questão da luta social:

Do exposto até o momento podemos tirar uma primeira dedução, a saber: movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer – por meio de um conjunto de procedimentos – e um pensar – por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis portanto. Podemos ter duas acepções básicas de movimento: uma ampla, que independe do paradigma teórico adotado, sempre se refere às lutas sociais dos homens, para a defesa dos interesses coletivos amplos ou de grupos minoritários; conservação de privilégios; obtenção ou extensão de benefícios e bens coletivos etc. A outra acepção se refere a movimentos sociais específicos, concretos, datados no tempo, e localizados num espaço determinado. Na primeira acepção, a categoria básica é a luta social e tem um caráter cíclico. Os movimentos são como ondas e as marés, vão e voltam e isto ocorre não por causas naturais - se assim o fosse estaríamos fazendo uma análise etapista - evolucionista do fenômeno. O fluxo e o refluxo também não se referem a relações de causalidade mecânica, num círculo causa-efeito. Os movimentos vão e voltam segundo a dinâmica do conflito social, da luta social, da busca do novo ou reposição/conservação do velho. Estes fatores conferem às ações dos movimentos caráter reativo, ativo ou passivo. Destaca-se ainda que nossa concepção de luta social não implica nenhum tipo de determinação ou

---

<sup>13</sup> GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p. 251-252.

sobredeterminação, do tipo utilizado por Althusser, em que toda e qualquer luta social é sempre uma luta contra o capitalismo, dado a determinação econômica em última instância. A luta das mulheres no movimento feminista é um bom exemplo para elucidar o campo ou escala de “luta principal ou secundária”. Outro alerta necessário sobre a concepção ampliada de movimento social é que nem tudo que muda na sociedade é sinônimo ou resultado da ação de movimento social. Movimentos sociais são uma das formas possíveis de mudança e transformação social.<sup>14</sup>

Para explicitar o conceito de classes sociais, recorro a Thompson<sup>15</sup> e como ele concebe a constituição histórica das classes sociais.

As classes acontecem à medida que os homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e *experimentam* suas situações determinadas, dentro do “conjunto de relações sociais” como uma cultura e expectativas herdadas, e ao modelar essas experiências em formas culturais.<sup>16</sup>

Assim sendo, identifico estes movimentos como ações coletivas de caráter sócio-políticas e culturais construídos a partir de uma experiência em comum, visando criar formas distintas de organização para expressar suas demandas. Gohl dirá ainda que:

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado empowerment de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, como bem acentuou Melucci (1996). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo.<sup>17</sup>

Partindo de um diálogo com Karl Marx e Alan Touraine, Jeffrey Alexander aborda os movimentos sociais como traduções da sociedade civil, que mesmo representando

---

<sup>14</sup> Idem, p. 247-248.

<sup>15</sup> THOMPSON, E. P. “*Luchas de Clases sin clases?*” in *Tradicion, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984, p. 38.

<sup>16</sup> No original. “Las clases acaecen al *vivir* los hombres y las mujeres sus relaciones de producción y al *experimentar* sus situaciones determinantes, dentro “del conjunto de relaciones sociales”, com una cultura y unas expectativas heredadas, y al modelar estas experiencias en formas culturales.” Tradução sob a minha responsabilidade.

<sup>17</sup> GOHN, Maria da Gloria. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 47, maio-agosto, 2011, p. 4.

um determinado grupo específico, devem “representar” a sociedade, tendo em vista que seu movimento pretende a melhoria desta sociedade. Assim Alexander caracteriza os movimentos sociais:

O termo movimentos sociais diz respeito aos processos não institucionais e aos grupos que os desencadeiam, às lutas políticas, as organizações e discursos dos líderes e seguidores que se formaram com a finalidade de mudar, de modo frequentemente radical, a distribuição vigente das recompensas e sanções sociais, as formas de interação individual e os grandes ideais culturais.<sup>18</sup>

Aprofundando sua visão de movimentos sociais e sociedade civil Alexander continua:

Diante de seus potenciais seguidores, os movimentos sociais nas sociedades civis têm de se apresentar como representantes típicos de determinados valores, como portadores do mito social, nacional e até primordial, como inovadores culturais capazes de criar novas formas e novas instituições que permitam canalizar recursos de uma maneira diferente. O poder desses movimentos não depende tanto dos dirigentes da organização e das redes de troca quanto do compromisso subjetivo com a lealdade e a solidariedade. Esses compromissos só podem ser estabelecidos quando os movimentos criam e sustentam novas formas de significado e novas identidades pessoais e grupais mais atraentes.<sup>19</sup>

Seguindo os caminhos propostos por estes autores, indicamos o que entendemos como movimento negro. Neste contexto, o movimento negro é a luta dos negros pela sua própria emancipação frente às discriminações raciais e sociais e o combate aos preconceitos. A constituição de uma identidade negra como elemento de mobilização e solidariedade é fator determinante em torno de um projeto comum de ação deste movimento, utilizando para este fim diversas estratégias em defesa da população negra. A esse respeito Amauri Mendes Pereira comenta que:

Os grupos e associações criadas pelos afrobrasileiros vêm, há muito, ajudando a consolidar uma rede que se comunica através de sua imprensa, das modernas ferramentas midiáticas, dos encontros de acadêmicos e/ou de ativistas, ou mesmo das extensas relações interpessoais. Qualquer destas

---

<sup>18</sup> ALEXANDER, Jeffrey C. *Ação coletiva, cultura e sociedade civil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 13, n. 37, 1998, p. 1.

<sup>19</sup> Idem, p. 18.

iniciativas vem consolidando um alicerce sobre o qual tem podido estruturar seus discursos, praticas, análises e ações.<sup>20</sup>

Segundo o intelectual negro Joel Rufino dos Santos, em seu estudo sobre o movimento negro escrito em 1985, devemos observar o que os próprios protagonistas dizem sobre o que é o movimento negro. No “sentido estrito” Rufino considera ser “movimento negro exclusivamente o conjunto de entidades e ações dos últimos cinquenta anos, consagrados explicitamente a luta contra o racismo”. A segunda definição seria o movimento negro no “sentido amplo” e que Rufino considera como a melhor definição:

Todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como clubes de “negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos ‘centro de pesquisa’] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e “folclóricos” – toda esta complexa dinâmica, ostensiva ou invisível, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.<sup>21</sup>

Essa enorme abrangência estabelecida por Rufino para delimitar o que é o movimento negro é criticada por Petrônio Domingues quando afirma:

Contudo, esta definição de Rufino dos Santos só faz sentido do ponto de vista militante, pois é, no mínimo, problemática em sua abordagem historiográfica. Se se considera como movimento negro todos os movimentos que organizem em qualquer tempo e aspecto sob qualquer rubrica descendentes africanos no Brasil, neste artigo estariam faltando, entre outros temas, a história das irmandades negras, dos terreiros de candomblé, da capoeira ou das escolas de samba. É de movimento político de mobilização racial (negra) que será tratado aqui, mesmo que este movimento assuma em muitos momentos uma face fundamentalmente cultural.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (Orgs). *Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 9.

<sup>21</sup> RUFINO apud PEREIRA, Amílcar Araújo. “O mundo negro”: *relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013, p. 13.

<sup>22</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista Tempo, v. 12, n. 23. 2007, p. 102.

Desta maneira a diversidade e disputas do que chamamos de movimento negro também deve ser considerada em nossa análise como bem observou Lélia Gonzalez.

Falar do Movimento Negro implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós negros não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis.<sup>23</sup>

Para efeito da minha pesquisa, seguirei os passos do professor Petrônio Domingues, que fraciona a história do movimento negro contemporâneo em três períodos, tendo em vista que tal movimento apresentou características próprias ao seu tempo com discursos e ideologias distintas, métodos de lutas alternativos, assim como que diferentes lideranças surgiram. A primeira fase seria do início da República (1889) até o início do Estado Novo (1937). A segunda fase do fim do governo Vargas (1945) até o Golpe de 1964. Esses intervalos entre estas gerações devem ser explicadas pelo aumento da repressão que se abate sob todos os movimentos sociais, e o movimento negro não passou incólume, também este sofreu dura repressão, tanto do Estado Novo como durante a Ditadura-Militar. Por último, a terceira fase sendo o início da Abertura em 1978 seguindo até 2000.

Aqui trato de analisar o movimento negro moderno, aquele organizado e construído pelos negros brasileiros no século XX. Chama a atenção que, para Regina Pahim Pinto, o termo movimento negro surge pela primeira vez em 1934 no jornal *A Voz da Raça*, porta-voz da Frente Negra Brasileira, apesar de ser utilizado de forma recorrente apenas na década de 1970 com o aparecimento do Movimento Negro Unificado (MNU).

### **1.3 Características da primeira geração do movimento negro: nacionalista, integracionista e conservadora.**

Muitas das características do movimento negro da época, anos 1920-1930, e principalmente da Frente Negra, se devem aos debates da época e das ideologias então em moda no mundo e no Brasil. A apropriação dessas ideologias por parte da direção das entidades, principalmente o autoritarismo, o conservadorismo e o nacionalismo, expressa o próprio momento político do país. Evidentemente o nacionalismo exacerbado, como explicitado pela Frente Negra Brasileira como veremos, não era completamente hegemônico

---

<sup>23</sup> PEREIRA; SILVA. *Movimento Negro Brasileiro:...* p. 7.

no movimento negro da época, mas o discurso nacionalista foi utilizado em demasia por diversos segmentos desta comunidade. Daremos destaque aqui às posições políticas e ideológicas da Frente Negra Brasileira por ser esta a maior e mais importante entidade do movimento negro.

O nacionalismo é uma chave interpretativa fundamental do contexto da época, tema recorrente neste momento político do Brasil. Para muitos contemporâneos existia a concepção da falta de uma “consciência nacional” e da necessidade de sua construção. Foi parte integrante do pensamento do regime de Vargas a construção de uma “nova” nacionalidade baseada na centralização política do governo federal, na exaltação dos símbolos nacionais, da valorização do trabalho e do trabalhador nacional, no desenvolvimento econômico e social do país, assim como na valorização das “raças” formadoras do Brasil. Foi o nacionalismo varguista que criou as condições para o apoio da maioria das entidades negras ao seu governo, com a exceção importante do grupo do jornal *Clarim da Alvorada*, com uma inclinação política menos conservadora. No editorial abaixo do jornal *A Voz da Raça*, porta-voz da Frente Negra Brasileira, sobre as características que deveria ter o governo civil, percebe-se uma posição nitidamente nacionalista:

- I – Amar a terra e o homem do país.
- II – Sobrepor a tudo a integração e a unidade da pátria.
- III – Conhecer e amar o passado e a unidade da pátria.
- IV – Compreender os Destinos e missão, no conjunto das nações.
- V – Concorrer para o seu apogeu, na relação do seu território para com a terra em tudo que, no mundo, represente pujança humana e valor moral, produção artística e científica, organização, força.
- VI – auxiliar, defender e prestigiar o Brasileiro.
- VII – Observar rigorosa justiça intelectual e moral, no julgamento dos fatos.
- VIII – Cumprir devotamente, os seus deveres cívicos e de alta dignidade humana: honrar e nunca permitir, por qualquer meio, quer por um momento seja diminuído o nome do Brasil e dos Brasileiros.<sup>24</sup>

Como uma entidade que tinha necessidade de criar uma identidade, uma ideia de pertencimento a um grupo, a Frente Negra Brasileira criou uma série de símbolos, entre os quais o seu hino, denominado de “Hino da Gente Negra Brasileira”, novamente de autoria de Arlindo Veiga dos Santos, em que os elementos nacionalistas não deixam de estar presente.

---

<sup>24</sup> *A Voz da Raça*, 1(25), 11.11.1933, p. 2.

Salve! Salve! hora gloriosa,  
 Em que aponta, no país,  
 Esta aurora luminosa,  
 Que fará a Pátria feliz,

Coro

Gente Negra, Gente Forte,  
 Ergue a fronte varonil.  
 És a impávida corte  
 - Honra e glória do Brasil.

Os herdeiros dos laurés  
 Do trabalho, da ciência, a guerra,  
 Surgem, nobres e fieis,  
 Pelo amor a da Pátria Terra.

São de sangue escravo herdeiros  
 De Tupis e de africanos,  
 Que, confiantes Brasileiros,  
 Bradam soberbos e ufanos.

Casse a voz dos preconceitos!  
 Caia a bastilha feroz,  
 Que valor dos nossos feitos  
 Ruge altivo dentro de nós!

Nossa cor é o estandarte,  
 Que entusiasmo Norte e Sul,  
 Une a todos para o marte, (sic)  
 Sob o Cruzeiro do Azul.

Ouve: - os clarins dos PALMARES.  
 Vêm falar da Pátria nova!  
 Ressoa o clangor nos ares  
 Chamando os bravos até a prova!

Seja o toque da alvorada  
 Que diga a todos: - “Reunir”  
 E a Nação, Alvorada,  
 Como a voz da ressurgir.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> *A Voz da Raça*, 1 (07), 29.04.1933, p. 3.

Essa política nacionalista também ocorre como uma atitude francamente hostil em relação ao estrangeiro, ao imigrante. Assim sendo o imigrante estaria ocupando um espaço no mercado de trabalho que deveria ser ocupado pelo trabalhador nacional. O estrangeiro é visto como aquele elemento que chegando aqui vai usufruir de todas as vantagens oferecidas pelo Estado enquanto que o negro, o trabalhador nacional, ficava sem os melhores empregos, que seriam ofertados aos estrangeiros. Desta forma se articula um discurso contrário aos estrangeiros combinado com um discurso nacionalista, em que o estrangeiro se transforma em um empecilho para o desenvolvimento do trabalhador nacional. Esse discurso das lideranças negras tinha como objetivo despertar a consciência do negro para a defesa das suas reivindicações.

Vêm aqui, estrangeiros, arrogam-se direitos iguais aos nossos, metem-se na política nacional como filhos da terra, fazem atos reprováveis, criticam-nos em seus jornais, dizem desaforos contra nós dentro de nossa casa, mandam reportagens desaforadas para a sua terra, cospem no prato que comem. Em São Paulo, há uma infinidade de negros desempregados: os lugares são ocupados por estrangeiros. Há patrões e chefes de obras, estrangeiros que, sistematicamente, não contratam operários brasileiros, sobretudo se são operários negros.

Casas estrangeiras há aqui que despedem empregados nacionais e mandam buscar no exterior “patrícios” para encrencar nossa vida.<sup>26</sup>

São raros na imprensa negra artigos em que se observe uma atitude mais favorável ao estrangeiro. Na realidade, procurava-se eliminar a entrada do concorrente, pressionando o governo de acabar com a imigração, que já vinha diminuindo desde 1927 com o fim do programa de imigração. Na verdade desde a Greve Geral de 1917 existia uma violenta campanha contra os imigrantes por parte da grande imprensa e dos empregadores que passavam a identificar estes como “perigos agitadores”, “alienígenas e antibrasileiros do anarquismo e do socialismo”. Eis o teor de um telegrama enviado pela Frente para Getúlio Vargas, ainda chefe do governo provisório:

O Grande Conselho da Frente Negra Brasileira representando milhares de patrícios, protesta perante V. Excia. contra a contínua entrada de imigrantes e estrangeiros quando nada se faz para melhorar a situação de infinidade de “negros desempregados”. (“A Frente Negra Brasileira protesta contra a invasão de imigrantes que vem agravar ainda mais a situação precária dos nacionais”)<sup>27</sup>

<sup>26</sup> *A Voz da Raça*, 2 (44) 29.12.1934, p. 1

<sup>27</sup> Editorial do *A Voz da Raça*, 1 (28) 23.12.1933, p. 1.

Parece que o governo Vargas se mostrava sensível ao problema do trabalhador nacional, pois que cria o decreto nº 19.482 de 12.12.1930, pelo qual suspendia por um ano o desembarque de passageiros imigrantes e com a legislação que obrigava as empresas urbanas a empregarem pelo menos 2/3 de brasileiros natos nestas empresas.<sup>28</sup> Na forma de poesia, Arlindo Veiga dos Santos expressava assim seus sentimentos de revolta contra o “prestígio dos imigrantes” e a situação de abandono dos negros:

#### Fala de Negro Velho

Sabem quem sou? Negro-velho!  
 Negro-Velho não tem nome  
 Antigamente fui tudo...  
 Agora! O negro nem come!  
 [...]  
 Sou Negro-Velho do eito  
 num tempo de mais carinho,  
 Havia trabalho certo  
 e era certo o feijozinho.  
 Quando hoje eu passo na rua,  
 ninguém me conhece mais;  
 veio outra gente de longe  
 que hoje são os maiorais.  
 Apanhei muito em meu tempo,  
 mas apanhei de patrício;  
 hoje, patrício e estrangeiro  
 de me xingar têm o vício.  
 [...]  
 Negro-Velho sem serviço  
 Vive “cavando” ano inteiro.  
 Todos dizem: Não há mais  
 serviço para brasileiro!  
 Pra isso que tanto sangue  
 derramei no Paraguai!  
 E quanto negro morreu  
 sem soluçar nem um ai!  
 [...]  
 Era para isso a promessa?  
 Para isso o sacrifício?  
 Pra isso, da minha Gente  
 Tanto, tanto desperdício?  
 [...]  
 Quero ver a gente antiga:  
 Preto e branco juntamente.  
 O branco de hoje – não presta!

---

<sup>28</sup> PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; Fundação Carlos Chagas, 2013, p. 149.

e o preto – não é mais gente!  
 Meu coração, vendo tudo,  
 Para o perdão já não dá!  
 E o negro-Novo, orgulhoso,  
 No futuro o que fará?!...  
 Sabem quem sou? – Negro-Velho!  
 Negro-Velho não tem nome  
 Fiz tudo pelo Brasil.  
 Agora? – Morro de fome...<sup>29</sup>

Por outro lado, os imigrantes avaliavam o negro negativamente, pois nutriam uma séria de estereótipos depreciativos: anti-higiênicos, animais, violento, imoral, promíscuo, irresponsável, em suma, não era gente. Além de serem discriminados pelos brancos nacionais os negros também foram vítimas das práticas separatistas empreendidas pelos imigrantes europeus que se consideravam superiores e chegando ao Brasil, rapidamente se adaptaram ao novo sistema racial segregacionista. Era comum a imprensa italiana fascista atacar os negros, o que, por vezes, levava a enfrentamentos físicos na cidade de São Paulo. Já a imprensa anarquista tinha como linha política defender a unidade entre as camadas oprimidas, imigrantes, operários e negros, contra a elite.

Ao mesmo tempo em que apontava o imigrante como seu concorrente e adversário, os negros não deixaram também de reconhecer suas qualidades e até mesmo como fonte inspiradora e modelo a ser seguido. Os imigrantes de diversas origens fundaram, por exemplo, em São Paulo, seus clubes e salões de baile: a colônia italiana Gioconda, Giuseppe Verdi e o Itália Fausta; os de colônia portuguesa o Lusitânia, Portuguesa de Desportos e Clube Ginástico Português; e a colônia alemã o Germânia. Evidentemente o acesso para os negros nesses clubes, tanto clube dos imigrantes ou das elites paulistas, era proibido e esta discriminação não estava baseada apenas no critério social ou de classe, e sim racial. São vários os casos relatados na imprensa negra a respeito da discriminação nos clubes paulistas

Em 1926, um negro, filho de um professor de latim, negro, muito conhecido, quis entrar num clube de regatas (Tietê ou Espéria, não me lembro bem). Foi barrado. O cronista Carlos de Campos Sobrinho iniciou, pelo *Diário da Noite*, uma campanha contra essa atitude. Como resultado da posição do cronista, o jornal recebeu uma grande quantidade de cartas apoiando o gesto da diretoria do clube.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> *A Voz da Raça*, 3 (45), 11/05/1935, p. 1

<sup>30</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 173.

Para os negros brasileiros seria necessário construir espaços autônomos a partir das experiências bem sucedidas do estrangeiro. Para a liderança negra o estrangeiro obteve sucesso devido a sua capacidade de formar sociedades para tratar dos seus próprios interesses e dava como exemplo também a imprensa criada por eles naquele período.

Essa estratégia nacionalista se relacionou também com o integracionismo. Apesar de toda a série de discriminações a qual o negro era submetido, procurava-se não alimentar animosidades. Por vezes, essa necessidade de se integrar na nação brasileira era tão exagerada que o negro era responsabilizado pela própria situação de abandono. São constantes as reclamações nos jornais sobre o desinteresse do negro pelas necessidades primordiais: educação, cultura e estabilidade econômica:

Enquanto não se sanear esse mal que mencionamos, jamais conseguiremos a amplitude das considerações que desejamos. A culpa não é dos brancos, é nossa! Pois os meios estão ahi (sic) ao nosso alcance e disposição [...] raríssimo é aquele que toma a sério esta questão... só pensam, muitos dentre nós, a maioria, infelizmente, em divertimento e nada mais!<sup>31</sup>

Acreditamos que o integracionismo foi outra estratégia criada pelas direções do movimento negro para fugir das acusações de separatismo, pois a cada demanda mais explícita, as elites conservadoras apontavam o perigo do separatismo ou do “racismo inverso”. Em muitos discursos dessas lideranças não existia um “problema racial” no Brasil, não seria uma questão a ser discutida para quem desejava se integrar como cidadão na nação brasileira. O desejo de integração do negro bem como a reiteração do seu pertencimento a esta “comunidade imaginada” denominada Brasil é uma das grandes questões da imprensa negra desta geração. Nos seus estudos sobre imprensa negra, Miriam Nicolau Ferrara interpreta o empenho do negro em mostrar a sua participação no processo de formação do país como uma expressão desse desejo de se sentir parte da sociedade brasileira e que o esforço das lideranças de estímulo à educação teria o objetivo de conscientizar a população negra da sua atuação como participante da sociedade mais ampla, para o “engrandecimento do Brasil” como eles afirmavam.

Podemos deduzir como era resistente esta ideia de integração analisando um artigo no jornal *O Bandeirante* do ano de 1918, em que critica violentamente aqueles que “defendiam a separação de raças, uma maneira de pregar discórdias e provocar ódios” e lembrando-se da

---

<sup>31</sup> *O Bandeirante*, 1 (3), setembro, 1918, p. 2.

sua condição de brasileiro, apesar de sua origem africana. Ele afirmava veemente: “não somos africanos, somos brasileiros. O negro não deve pretender perpetuar a nossa raça, mas sim, infiltrarmo-nos em o seio da raça privilegiada – a branca, pois, repetimos, não somos africanos, mas puramente brasileiros”.

Os próprios eventos que o negro organizou para discutir a situação sempre deixavam claro e enfatizavam a importância de plena e urgente integração na vida nacional. Quando da proposta de convocação de um Congresso da Mocidade Negra, feita pelo jornal *O Clarim da Alvorada*, um dos objetivos era discutir “a integração completa e absoluta do negro na vida política, social, religiosa, econômica, operária e militar da nação brasileira.” (*O Clarim da Alvorada*, 6 (17), 09.06.1929, p. 1.

Discutindo o caráter integracionista desta liderança negra, Elisa Larkin aponta que:

A consciência política afro-brasileira desse período, de caráter integracionista, reagia em primeiro lugar contra o mais emergente aspecto do racismo, a discriminação do negro no mercado de trabalho, no ensino e na sociedade civil e reivindicava para ele a participação em todos os níveis e aspectos da vida brasileira. Não questionava de forma sistemática as estruturas de dominação econômicas e socioculturais, nem reclamava de forma direta uma identidade cultural específica afrodescendente.<sup>32</sup>

A Frente Negra Brasileira – União Político-Social da Raça (seu nome oficial) merece uma maior atenção já que foi a mais importante entidade do movimento negro brasileiro. O surgimento da Frente não representou uma excepcionalidade em termos de organização negra. Ela é resultado do encontro de diversos ativistas que circulavam pelos ambientes dos clubes e da imprensa negra de cidades como, São Paulo, Campinas, Franca, Itu e outras, e da agitação política de sua época.

Surgiu em um momento de crise econômica e transformações políticas, atraindo milhares de pessoas. Para a população negra, costumeiros períodos de dificuldades estavam então mais do que nunca acompanhados de expectativas de mudanças. No debate sobre a inclusão de vários setores, a população negra e suas lideranças perceberam aquele momento como importante para politizar a questão racial.<sup>33</sup>

Fundada oficialmente em 16 de setembro de 1931 no Salão da Associação das Classes Laboriosas (entidade criada em 1891 de caráter beneficente), a Frente teve como sede

<sup>32</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003, p. 238-239.

<sup>33</sup> GOMES, Flávio. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 39.

inicialmente duas salas no Palacete Santa Helena, na Praça da Sé, porém com o sucesso da entidade, alugou uma ampla sede localizada na Rua da Liberdade, Nº 196 e lá instalaram sua presidência, a secretaria, a tesouraria, a redação do seu jornal *A Voz da Raça*, os diversos departamentos, gabinete dentário, locais para reuniões, para aulas e um grupo cênico. Tinha como lema “Deus, Pátria, Raça e Família”, explicitando a influência de doutrinas autoritárias então em voga, especialmente o integralismo.

Seu núcleo fundador estava vinculado a outros grupos atuantes já na década de 1920 e que tiveram fim, como foi o caso do importante Centro Cívico Palmares desfeito em 1929 e que pode ser visto como o precursor da Frente Negra Brasileira.

Outro grupo que vai compor inicialmente a Frente é a redação do jornal *O Clarim da Alvorada*, na figura de um de seus fundadores Jose Correia Leite.

O número de associados da entidade aumentou rapidamente. Em relação a esses números as fontes são contraditórias e inexatas. Alguns falam em 6.000 associados em São Paulo e 2.000 em Santos. Outros em 40.000 no Brasil e Florestan Fernandes fala em 200.000 filiados. Independente desses números, a realidade é que a Frente Negra Brasileira tornou-se a maior expressão desse movimento em sua época, até mesmo em função da sua dimensão nacional já que estava representado em pelo menos cinco estados (Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul) e por mais de 100 “delegações”, que seriam núcleos municipais.

Seu primeiro presidente foi Arlindo Veiga dos Santos. Homem controverso, pois sua militância antirracista se confundia com a atuação na Ação Imperial Patrianovista Brasileira - AIPB, entidade que também presidiu. Fundada em 1929 ainda com o nome de Centro Monarquista de Cultura e Política Pátria-Nova, lançou a revista “Patria-Nova” para a divulgação de suas ideias. A primeira vertente desse pensamento é a da intelectualidade leiga católica no Brasil desta época tendo como pensadores centrais seus contemporâneos Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo e o “projeto de neocristandade”, para realizar a “re Cristianização” do Brasil, a reconquista da sociedade moderna.<sup>34</sup> Segunda esta visão católica, para solucionar os problemas políticos e sociais seria necessária uma ação religiosa, uma ação militante da igreja, já que esta sociedade estava corrompida pelo liberalismo, pelo positivismo ou pelo “perigo comunista ateu”. Para Teresa Malatian os fundadores do patrianovismo pertenceram a um grupo de intelectuais comprometidos com a “reação

---

<sup>34</sup> COSTA, Marcelo Timotheo. *Fé e Obras: a construção da intelectualidade católica leiga no Brasil contemporâneo – os caos de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção*. Revista Coletânea, ano XIV, fascículo 27, jan/jun., 2015, p.143.

espiritualista” dos anos 20, empenhados em reconduzir setores industrializados na sociedade para o catolicismo, como parte de uma estratégia mais ampla de “recatolização pelo alto”, de reconquista do papel da igreja como fonte de organização da sociedade e de legitimação do poder do Estado.

A Ação Imperial Patrianovista Brasileira, enquanto movimento de classes médias, elaborou um projeto que, rejeitando tanto o capitalismo liberal como o socialismo e o comunismo, pretendeu, através da implantação de uma monarquia corporativista, responder às questões da direção política e à luta travada entre burguesia e o proletariado. Surgida num momento de crise da república oligárquica, a AIPB constituiu uma das alternativas propostas pelas classes médias para a reestruturação das relações estado/classe, no sentido de resolver a inclusão das classes dominantes e, ao mesmo tempo, direcionar o processo de acumulação de modo a domesticar a “questão social”. Essa alternativa autoritária significou uma reação ao proletariado. O questionamento da ordem liberal na década de vinte partiu tanto de civis como militares que divergiam do universo ideológico dos industriais, que buscavam, ainda na sua maioria, uma hegemonia de tipo fordista, decorrente do modelo não intervencionista.<sup>35</sup>

Outro passo importante foi a formação do Centro D. Vital em 1922 para atrair uma *intelligentsia* católica nacional para este projeto. Essa renovação católica no campo político e ideológico deve ser entendida como conservadora e até mesmo reacionária. Segundo Petrônio Domingues, Arlindo Veiga Santos foi membro destacado desta entidade em São Paulo:

A religião influenciou imensamente a formação ideológica de Veiga dos Santos. Desde a mais tenra idade, esteve ligado ao catolicismo praticante. Quando se mudou para São Paulo, filiou-se à Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia. Foi um carola mariano muito aplicado, a ponto de ter chegado à presidência dessa irmandade, em 1940. Levava uma vida ascética, frequentando assiduamente o culto, “fazendo do jejum e da penitência hábitos constantes” (Malatian, 2001:46). Veiga dos Santos colaborou ou dirigiu alguns jornais católicos, entre os quais *O Mensageiro da Paz* e *O Século*. Ele também foi membro do Centro D. Vital de São Paulo, ligado à revista *A Ordem*, periódico de orientação ultraconservadora que agregava os intelectuais católicos, dentre os quais o proeminente Jackson de Figueiredo.<sup>36</sup>

A outro vertente é o que a historiografia denominará do pensamento nacionalista autoritário de intelectuais como Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Francisco

<sup>35</sup> MALATIAN, Teresa. *Os cruzados do império*. São Paulo: Contexto, 1990, p. 13.

<sup>36</sup> DOMINGUES, Petrônio. *O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978)*. Revista Varia História, v. 22, nº 36, Jul/Dez, 2006, 521.

Campos e Alberto Torres. Suas concepções partem do princípio de uma ordem autoritária, a recusa ao individualismo em todos os campos da vida social e política, o apego às tradições, o papel relevante do Estado na organização da sociedade. Em um escrito de 1930, Oliveira Viana dizia:

A subordinação dos interesses dos indivíduos, do grupo, do clã, do partido ou seita ao interesse supremo da coletividade nacional – da Nacionalidade – exprime-se, para cada cidadão, na vida de todos os dias, pela capacidade de obediência e disciplina, pelo culto do Estado e da autoridade. Há lugar aqui para este raciocínio: *o sentimento nacional forte gera a subordinação do indivíduo ao grupo; esta subordinação gera a obediência ao Estado; a obediência ao Estado gera a força, a grandeza, o domínio* (grifo do autor).<sup>37</sup>

Seu pensamento pode ser exemplificado em um panfleto assinado pelo próprio Veiga dos Santos para o movimento patrionovista:

Somos Pátria-Nova, extrema direita radical e violenta, afirmadores de Deus e sua igreja, afirmadores da Pátria Imperial Católica, inimigos irreconciliáveis e intolerantes do burguesismo, plutocratismo e capitalismo materialista, ateu, gozador, explorador, internacionalista, judaizante e maçônico; inimigos da república, dos partidos, do parlamento, em suma do liberalismo religioso, político e econômico; enfim, tão inimigos também da anarquia bolchevista que com erros igualmente grandes pretende em vão “corrigir” a tirania da burguesia liberal, como inimigos da ordem social mentirosa, instalada em quase todo o mundo.<sup>38</sup>

Analisando seu pequeno discurso, podemos definir que era um homem preocupado em lutar contra as forças progressistas e inverter a tendência de modernização da sociedade, assim como um antisemita e anticomunista convicto. Antirrepublicano e desejoso do retorno da monarquia, descrente das instituições da democracia liberal e do que os partidos representavam meramente facções, negava o papel do parlamento ou de eleições, que na sua visão, levavam a ruína e a divisão do Brasil. Do mesmo modo seu pensamento para os estrangeiros era nacionalista e xenófobo. Seu projeto político é a instalação de um Estado orgânico neo-monarquista e um governo autoritário-corporativista. Essas convicções de Veiga dos Santos são expressas não só nos materiais do movimento patrionovista, mais também no jornal da Frente Negra, o *A Voz da Raça*, em diversos artigos:

<sup>37</sup> VIANA, Oliveira apud FAUSTO, Boris. *O pensamento autoritário (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 60.

<sup>38</sup> DOMINGUES, *O messias negro?* ... p. 523.

O espírito liberal e democrático, estragador de todas as pátrias, pejado sempre de doutrinas exóticas estúpidas, espírito que entrega o destino nacional à sabença ridícula e apressada de meia-dúzia eleita pelo sufrágio universal (...) vive tentando experiências sociais e políticas de todo feitio, sem solidariedade com a Tradição nacional, sem amor as realidades da Terra e da Raça, sem querer conservar o bem do passado (...). Nós, frentenegrinos, temos o soberbo espírito da Nação e, daí, ficarmos indignados contra tudo quanto vai contra ela. Não compreendemos essa idiotice de separatismos, de internacionalismo e outros muitos ismos criminosos que andam por aí, cheios de pompas e arrogância.<sup>39</sup>

Em outros artigos no *Voz da Raça* Arlindo Veiga dos Santos revelaria sua admiração por Mussolini e Hitler elogiando até a queima de livros considerados “degenerados”:

Hitler, na Alemanha, anda fazendo uma porção de coisas profundas. Entre elas, a defesa da raça alemó (sic), defesa que chega até ao exagero. Aquela moleza dos democratas e sociais-democratas antigos, seguiu-se, pois, a dureza de um Homem que sabe o que quer e executa. E um aspecto vivo dessa atuação está no incêndio de muitos livros de escritores alemães traidores das épocas de fraqueza do Estado Alemão, livros que pregavam coisas inconvenientes a afirmação e renovação de Germânia. E especialmente na questão da raça. Hitler quer a afirmação da raça Alemã. Por isso, age logicamente. Fogo nos livros inimigos da pureza racial germânica! Fogo em tudo que possa diminuir o orgulho alemão! “Dizem” que há no Brasil um grupo de gente brava que, um dia, fará a mesma com referencia à RAÇA BRASILEIRA, negro-lusa-índia. Aqui há uma infinidade de livros de negroides a insular a Raça, nomeadamente em seu elemento negro. [...] Por essas e outras, vamos aprendendo os processos de Hitler. E, quando um dia o Brasil tiver um governo nacionalista de fato, que saiba ver essas coisas direito mesmo, vamos “tacar” fogo neles; isto é – nos livros infames.<sup>40</sup>

Por mais contraditório que possa parecer um líder negro exaltar uma figura como Hitler e sua política racial, para a liderança da Frente a questão central era a valorização da raça formadora do país. Arlindo Veiga dos Santos tinha convicção de que se Hitler valorizava a “raça ariana”, só restava no Brasil valorizar a “raça mestiça”, que formava uma nacionalidade brasileira a partir do encontro do “negro, cafusos, caboclos, negroídes, brancoídes, e até os bugres que ainda moram no mato” (*Voz da Raça*, nº 12). Não entrava em questão no entender dele quem era melhor ou quem era a pior em relação às outras raças como fazia Hitler.

<sup>39</sup> *A Voz da Raça*, 1 (02) 25.03.1933, p. 2.

<sup>40</sup> *A Voz da Raça*, 1 (29), 06.01.1934, p. 1.

Esses posicionamentos de Veiga dos Santos à frente da FNB ocasionaram rupturas como já falamos anteriormente. O primeiro agrupamento a se afastar da Frente foi o do jornal *O Clarim da Alvorada* de José Correia Leite e Jayme de Aguiar que com seu afastamento criam outra entidade negra, o Centro Negro de Cultura Social. Rapidamente este rompe com a Frente em decorrência da discussão do estatuto da entidade que na visão de Correia era bastante autoritário e que fornecia a Veiga dos Santos grande concentração de poderes. O Estatuto é o documento em que está especificada a estrutura da organização. Basicamente dizia que a Frente Negra era comandada por um Grande Conselho, formado pelo presidente, conselheiros e secretário geral; e pelo Conselho Auxiliar ou administrativo, composto pelos cabos e comissários, além de tesoureiros e, fiscais e diretores. O Grande Conselho era a suprema autoridade dentro da Frente Negra e suas ordens, comunicados e avisos tinham força de lei. O presidente era denominado de “Grande Chefe” e segundo o estatuto era a: “Suprema autoridade dentro do Grande Conselho, tem a última palavra em todas as questões. Máxima autoridade e supremo representante da FNB.” Havia uma hierarquia rígida dentro da entidade, que era proclamada sem escrúpulos pela sua direção:

Nunca povo algum que mandou pôde andar direito. Nunca povo algum em que assembleias decidiram realmente valeu coisa alguma no mundo. Onde mandam muitas mil cabeças, aí tudo vai à matroca, tudo vai a garra. [...] Atendendo a isso, deve o povo frentenegrino seguir o bom caminho a respeito do governo no meio social negro. Nada de apelar para assembleias gerais, que são contra os Estatutos! Nada de quererem todos mandar! Há um Presidente Geral e um Grande Conselho. Podem eles consultar toda gente, todo frentenegrino. E de fato tem sempre consultado, por meio de comissões especiais, dando também assento aos cabos mensalmente no G.C. Tudo que o Presidente Geral e o G.C. fazem é para bem de todos os Frentenegrinos e todos os negros de boa-vontade. Quando se toma uma resolução EM QUALQUER SENTIDO, precederam a ela muita observação e muitos estudos, para que as coisas resultem bem. Porisso, CONFIANÇA NOS CHEFES.<sup>41</sup>

Para José Correia Leite, o autoritarismo do presidente e do estatuto foram os motivos da sua retirada da entidade, além da sua percepção da influência do pensamento fascista:

Muita gente pensa que foi só o Clarim que foi dissidente, mas não fomos os únicos, houve outros. Houve um grupo que até saiu de lá com o nome de Frente Negra Socialista. Era um grupo de esquerda que estava lá dentro, mas quando viram que as ideias do Isaltino e do Arlindo estavam prevalecendo, que era um negócio de direita, então eles saíram com o nome de Frente

---

<sup>41</sup> *A Voz da Raça*, 2 (40), 07.07.1934, p.1.

Negra Socialista. Só que não conseguiram progredir. Também foi dissidente o Alberto Orlando que era um dos fundadores importantes, na mesma ocasião em que o Clarim da Alvorada rompeu, ele também rompeu, só que ele era uma pessoa e o Clarim era um grupo. Houve outros dissidentes da Frente Negra mas o mais visado foi o Clarim.

O Jayme, inclusive, foi lá na Frente Negra. Ela estava no auge, né? Todo mundo pensava que eles é que estavam com a razão. Não entendiam nada, ninguém percebia o que estava havendo. Fizeram milícia dentro da Frente com o negócio do braço estendido como os fascistas. Ninguém estava percebendo.

O Raul Amaral foi capitão de milícia, está no livro do Florestan Fernandes, *Integração do Negro na Sociedade de Classes*. Está lá, ele foi capitão de milícia. Agora, não é possível um sujeito como o Raul Amaral não entender que aquela milícia era um negócio que nada tinha a ver. Negro não precisava de milícia, negro precisava de outras coisas. Agora é certo que milícia era uma conotação do fascismo, de hitlerismo, ou mesmo do integralismo, que era o fascismo, caboclo... Mas tudo aquilo tinha na Frente Negra; braço estendido, hinos...<sup>42</sup>

A citação acima possui o mérito de nos informar sobre diversas questões a respeito da Frente. Primeiramente, sobre o clima de disputa que ocorria no interior da entidade. No decorrer de nossa pesquisa observamos uma disputa no campo ideológico de distintas correntes de pensamento: fascistas, socialistas democráticos, integralistas, liberais, o que refletia muito o período conturbado e polarizado do momento histórico, do contexto da época já apontado neste trabalho. Essa polarização dentro da entidade levou a seguidas rupturas, como também a permanência de outros setores, que mesmo discordando das posições de sua direção, se convenceram de que deviam permanecer dentro da Frente Negra para viabilizar o sonho da unidade da “classe de cor” em torno de uma entidade forte. Analisando nossas fontes acreditamos que, apesar da influência de Arlindo Veiga dos Santos e de seu grupo, não podemos caracterizar a Frente Negra como uma entidade de cunho fascista. Muito menos expressa o conjunto do movimento negro brasileiro do período. Obviamente percebe-se uma tática de Arlindo Veiga da Cruz de levar o pensamento patrianovista da sua outra entidade, a Ação Imperial Patrianovista Brasileira - AIPB, para uma platéia mais ampla que era a Frente Negra. Por mais que Arlindo Veiga dos Santos tivesse negado a influencia das suas posições políticas na entidade, nossas fontes indicam o contrário.

Destaca-se também o fato da influência política deste grupo estar muito restrita a capital e quanto mais longe da capital mais esta influencia diminuía. Basta ver o resultado da eleição para a Assembléia Constituinte em que Arlindo Veiga dos Santos como candidato

---

<sup>42</sup> BARBOSA, Márcio (Org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos*. Quilombhoje, 1998, p. 70.

avulso e em cima da hora não obteve votação expressiva, contando no final com um pouco mais de 100 votos. Seu programa eleitoral expressava claramente seu ideário ideológico: monarquista, anticomunista, antissemita, xenófobo, nacionalista.

Outra dissidência importante foi a Legião Negra de São Paulo. Em 1932 ocorreu a Revolução Constitucionalista de São Paulo e a posição da direção da Frente foi de não participar tendo em vista que haveria negros dos dois lados em disputa e, portanto dever-se-ia manter uma posição de neutralidade no conflito. Outro discurso encontrado na imprensa da Frente era que ainda persistia no meio negro o trauma da Guerra do Paraguai, quando o elemento negro (os “patrícios”) lutaram com valentia na linha de frente da guerra e no final foram discriminados no exército brasileiro e não tiveram os mesmos direitos dos soldados brancos. Porém a causa determinante deve ser associada ao apoio que a entidade deu ao regime do presidente Vargas em várias situações, como a Revolução de 30, em 1932, em 1935 na luta contra os comunistas e até mesmo da decretação do Estado Novo, coincidindo com a posição defendida pelos patrianovistas.

Quando ocorreu o movimento constitucionalista, o interventor de São Paulo, Pedro de Toledo, enviou um emissário para que a Frente Negra aderisse ao movimento. Com a negativa, se articulou uma dissidência de um de seus membros, o advogado Guaraná Santana que organizou três batalhões de infantaria de homens negros e que chegou a possuir um efetivo de aproximadamente de 2.000 membros. A sede era na Chácara do Carvalho, antiga residência da família Prado. No decurso da guerra o jornal *A Gazeta* noticiou a visita do governador Pedro de Toledo à sede da Legião negra:

O Dr. Pedro de Toledo, governador do Estado, visitou, ontem, às 16 horas, o contingente “Conselheiro Rebouças”, da Legião Negra, acantonado na Chácara do Carvalho. Recebido pela oficialidade e demais pessoas que ali se achavam, o chefe de Estado, após os cumprimentos, percorreu todas as dependências do quartel da valorosa organização negra. Na saída, foi o Sr. Pedro de Toledo saudado, em palavras vibrantes, pelo tenente Guaraná de Santana. O governador do Estado respondeu agradecendo, e salientando o papel da raça negra no movimento que empolga todos os patriotas brasileiros.<sup>43</sup>

Com o fim dos combates, na visão de Guaraná, os soldados negros “ficaram pelas ruas da cidade amontoados como lixo humano” e os “bons e ricos amigos da hora de luta” desapareceram em meio a “decepções” e “tapeação”. A Legião Negra de São Paulo

---

<sup>43</sup> *A Gazeta*, 14.08.1932, p. 2, Apud, DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 117.

transforma-se em Legião Negra do Brasil, dirigida pelo tenente Arlindo Ribeiro, continuando durante alguns anos como uma entidade de assistência aos antigos combatentes, mais uma das entidades do associativismo negro.

A Frente Negra continuou atuando e em 1936 se transforma em partido político. Compreendemos esta brusca mudança, já que até aqui defendia seu afastamento da política partidária e criticava quem o fizesse (apesar de ter lançado seu presidente candidato nas eleições de 1933), pela troca ocorrida em junho de 1934 na própria direção da entidade com o afastamento do presidente Arlindo Veiga dos Santos e com a entrada de Justiniano Costa e de um novo Grande Conselho de elementos mais jovens. Esta nova configuração dentro da direção começou a cogitar em organizar um partido político de caráter nacional, pois só assim chegaria ao ponto de vista almejado pelo movimento, a integração do homem negro na sociedade brasileira. Como não houve restrições à ideia, o *A Voz da Raça* de Agosto de 1936 anunciou de surpresa a notícia do seu registro como partido político. Mas em 1937, veio o golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, que decretou o fechamento de todos os partidos e associações políticas. A antiga entidade tentou sobreviver se rebatizando com o nome de União Negra Brasileira (“uma Sociedade Beneficente, Cultural e Artística da raça”) mais não durou mais que um ano e se iniciou uma fase de refluxo da luta do movimento negro.

## Capítulo II – Formação da imprensa negra brasileira: Das origens ao pós-abolição

### 2.1 Surgimento da Imprensa Negra: os jornais dos filhos de escravizados no Século XIX.

A chamada imprensa negra é a parte mais conhecida e citada da mobilização negra que ocorreu nos primeiros momentos da República. Ela surgiu principalmente no pós-abolição, quando os negros eram retratados de uma forma muito negativa por parte da grande imprensa. De uma forma geral, quando se noticiava algo ligado à população negra era de uma forma sensacionalista, sendo chamados de ladrões, assassinos, desordeiros, prostitutas, bêbados, e vagabundos, espelhando as ideias predominantes daquele período. Fora desta situação, o que era a norma são o silenciamento e a invisibilidade desta gente. As notícias sobre as dificuldades e os anseios da comunidade negra, assim como suas culturas, festas, tradições, eventos, personagens, ficavam de fora das páginas elitizadas dos grandes jornais.

Porém, podemos identificar que esta imprensa específica pode ser encontrada em diversos momentos e debates ocorridos já no início do Império no Brasil e no decorrer de todo o século XIX. Por mais que tenham sido privilegiados os estudos acadêmicos desta imprensa negra do início do século XX, principalmente os jornais paulistas, vide os estudos clássicos de Roger Bastide na sua obra “*A imprensa negra do estado de São Paulo*” de 1951 ou mais recentemente o de Miriam Nicolau Ferrara, “*A imprensa negra (1915-1963)*” de 1986, é necessário apontar o aparecimento de uma imprensa negra no século XIX que expressou uma experiência e uma forma de resistência praticada e pensada pela população negra e seus descendentes ainda submetidos ao regime escravista no Brasil.

Assim podemos encontrar, por exemplo, o jornal *O Mulato, ou O Homem de Côr* que vinha a público em 1833 e já se propunha a contribuir para a solução de problemas enfrentados por aquelas pessoas idênticos aos seus redatores, pois a distância entre o público destes periódicos e os autores de seus artigos era relativamente mínima, e não só na aparência, mas também pela discriminação de ordem racial sofrida por negros, pardos e mulatos livres, quê os aproximava, assim como a afirmação de valores para aquela comunidade negra, comunidade que estava presente até mesmo no local de fundação do *O Mulato, ou O Homem*

*de Côr*, no Largo do Rocio, nas instalações da Tipografia Fluminense, de propriedade do negro Francisco de Paula Brito.

Outro elemento de aproximação entre estes indivíduos seria a atuação de um razoável número de negros letrados capazes de, em diferentes momentos do século XIX, gerar e absorver as ideias emitidas naqueles jornais, bem como disseminá-las entre seus companheiros iletrados. Mesmo tendo em vista suas condições adversas, não podemos esquecer que homens negros livres tiveram destacada participação naquele momento conturbado do Brasil. Ocuparam espaços valiosos e decisivos para expressar suas opiniões sobre a sociedade em que viviam e sua época, forjaram alianças, romperam outras, e em certa medida, tiveram sucesso em suas aspirações. Sobre a questão do letramento entre os escravizados e forros libertos pesquisando inventários *post-mortem* de Minas Gerais, Eduardo França Paiva compreende que:

Sabe-se hoje, depois de estudos inovadores que vêm reescrevendo a história da América portuguesa, que naquela sociedade iletrada, entre os séculos XVI e XIX, houve muitos escravos, libertos e descendentes deles que aprenderam a ler e a escrever do que se imaginou até muito recentemente. Longe de serem exceções à regra, os casos já conhecidos sumariavam, na verdade, muitos outros que a pesquisa mais intensa nos antigos arquivos revelariam mais tarde. Eles sumariavam, ainda, muitas partes ocultas dessa história dinâmica e complexa, que aproximou interesses de proprietários e de escravos, que obrigou pais brancos a investirem nos estudos de seus filhos, ilegítimos, nascidos escravos por vezes, que levaram alguns desses filhos de escravas e de libertas a se formarem até em Coimbra.<sup>44</sup>

Trata-se aqui de desconstruir uma ideia sustentada durante muito tempo da pretensa incapacidade natural dos negros e mestiços para as atividades intelectuais e que esta população não se interessava pelo acesso à escrita, à leitura ou as contas. Duas citações exemplificam esta nova interpretação, a primeira da historiadora Mary Del Priore na obra *História da vida privada no Brasil*:

...marceneiro, entalhador, torneiro e oficial de fazer engenhos. Teve bexigas de que ficaram bastantes sinais; a cor é fixamente preta. Não se lhe falta dente algum; tem alguma coisa de cavalgador, a fala é fina, não é gordo, nem magro; pernas magras e representa 30 ou 40 anos sem cabelos brancos. Toca viola a cujo som recita alguns tonilhos castelhanos. É inclinado a Baco, mas

---

<sup>44</sup>PAIVA, Eduardo França. *Leituras (im)possíveis: negros, e mestiços leitores na América portuguesa*. Colóquio Internacional Política, Nação e Edição. Belo Horizonte, 2003, Anais, V. 1, Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, p. 1 e 2.

não tanto quanto a Vênus de que foi sempre inseparável. Sabe ler e escrever, mas já com óculos, e traz sua vida por ele mesmo.<sup>45</sup>

Del Priore comenta a fuga de um escravo do senhor de engenho decadente Antonio Gomes Ferrão Castelo Branco na Bahia setecentista (1752). Castelo Branco enviou ao pai a descrição de um escravo que se encontrava foragido para os lados da Paraíba. Descrição esta que nos informa que além de possuir bastante autonomia para o meio rural, sabia ler e escrever.

Da mesma forma, Lilia Moritz Schwarcz em seu livro *Retrato em branco e negro* reforça essa visão. Pesquisando a imprensa paulistana no final do século XIX ela analisa as representações dos negros escravizados ou não nesta imprensa. Encontramos um anúncio do jornal *Correio Paulistano* de 18 de agosto de 1877 com o seguinte conteúdo:

Fugido da cidade de Itapetininga o escravo de nome Luiz, cabra 22 anos, altura regular e corpulento, pés grandes, cabellos grelhos, olhos vivos e pequenos, falta de dentes na frente, sabe ler e escrever regularmente, falla bem e muito explicado, muito risonho e fica sempre com papéis nas algibeiras, gosta muito de recitar versos, é pedreiro e copeiro e costuma dizer que é forro, anda descalço. É de Macahé, Rio de Janeiro.<sup>46</sup>

Ainda para o período da escravidão, dois estudos clássicos comentam sobre letramento entre escravos até mesmo em outra língua, no caso, o árabe. Mary Karasch, em *A vida dos escravos no Rio de Janeiro – 1808 a 1850*, fala sobre buscas policiais em que é descoberta uma grande quantidade de papéis e livros manuscritos em uma língua desconhecida, posteriormente declarada como “orações do Corão”<sup>47</sup>. João José Reis estudando a Revolta dos Malês em 1835 em Salvador mostra como os africanos muçulmanos aprenderam a escrita religiosa em suas terras, antes de serem aprisionados e transformados em escravos. Muitos dos que foram trazidos faziam parte de sociedades organizadas e letradas<sup>48</sup>. Esses dois historiadores chegam também a uma mesma conclusão: ao contrário dos estereótipos construídos a respeito da ignorância do negro escravo ou forro, existia um

<sup>45</sup>PRIORE, Mary Del. *Ritos da vida privada*. In: SOUZA, Laura de Mello. (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 292.

<sup>46</sup>SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 141-142.

<sup>47</sup>KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 292-299.

<sup>48</sup>REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

pequeno grupo de negros alfabetizados que possuía um grau de aprendizado talvez superior ao de seus senhores.

Investigando a situação de escolaridade da população negra do final do império e do pós-abolição da escravatura encontramos uma situação que ainda requer mais pesquisas, mas que entretanto, confirmam o ponto de vista exposto acima. Mesmo que os índices de alfabetização deste período no país sejam baixos, principalmente no que concerne à população negra, encontramos vestígios de como estes negros se apropriaram das normas cultas para lerem e construir um texto jornalístico.

A educação das populações negras no Império, de livres e de escravos, acontecia também em instituições privadas por patronos. As pesquisas recentes sobre a história da educação no Brasil têm revelado várias dessas iniciativas: a escola de Pretextato dos Passos Silva<sup>49</sup>, formada na corte imperial em 1853 e destinada a meninos pardos e negros; a escola noturna destinada a adultos fundada em Curitiba pelo mestre de primeiras letras Miguel Schleder, disposto a ensinar imigrantes e negros livres e escravos a ler e escrever; ou ainda a proliferação de instituições educacionais promovidas pelos movimentos emancipacionistas, em diversas localidades do Brasil. A instrução elementar estava também nos programas de estabelecimentos asilares e profissionais criados com o intuito de formar menores artesãos, adestrados e disciplinados, ou assistir meninos jornaleiros, como ocorria na escola noturna a eles destinada em São Paulo nos fins do XIX.<sup>50</sup>

São diversos os regulamentos provinciais que proibiam a presença de crianças escravas em escolas<sup>51</sup>, mas isso não significava a impossibilidade total de uma criança negra acessar uma escola. Lendo os Relatórios do Inspetor Geral da Instrução Pública da Província de São Paulo de 1858/1865 encontramos um vigoroso debate sobre o que fazer com esse tipo de criança, reclamações sobre os filhos de negros que frequentavam a mesma escola onde também estavam os “bons alunos”, onde alguns defendiam que a solução seria haver escolas separadas para os “indesejáveis”.

---

<sup>49</sup> Para um maior conhecimento sobre a escola de Pretextato dos Passos Silva ver: FERREIRA, Higor Figueira. Em tintas negras: educação, ensino e a trajetória de Pretextato dos Passos Silva na corte imperial – Novas Evidências. Revista da ABPN, RJ, v. 10, n. 25, março-junho, p. 26-42, 2018.

<sup>50</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolaridade. In: SCHWARTCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.) *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 296-297.

<sup>51</sup> BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. *Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX* e SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. *Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: Escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas*. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília, Ministério da Educação, 2005.

Esses debates sobre a escolarização das camadas populares, vistos pelas suas elites políticas e intelectuais, visavam discutir uma questão central: como transformar essa população pobre e majoritariamente negra em cidadãos e bons trabalhadores na iminência do fim do regime escravista? Como “civilizar” um Brasil com milhões de analfabetos, que pudesse imitar os grandes países desenvolvidos do mundo? Uma das respostas surgidas desses debates era a necessidade de escolarização dos futuros ex-escravos, já que a escola deveria ter como objetivo a disciplinarização de corpos e mentes para o mercado de trabalho, agora de homens livres. Evidentemente que isto não se traduziu numa igualdade de acesso entre alunos brancos e negros nas escolas públicas, já que diversos mecanismos foram acionados para dificultar o ingresso e a permanência de alunos negros na escola: a falta de vestimentas adequadas, falta de material escolar, escolas longe do local de moradia, falta de alimentação adequada, a própria discriminação racial por parte dos professores e alunos brancos, a necessidade de trabalhar para ajudar os pais, etc.

Por outro lado, encontramos na própria imprensa negra da época uma grande preocupação sobre o combate ao analfabetismo e um forte chamado para que a população negra se apropriasse da educação formal. Em um artigo do jornal *O Alfinete* de 1918, podemos ler trechos como:

Nós precisamos unimo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em prol d`um ideal elevado, como seja: o combate ao Analfabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos do que quando o Brazil era uma feitoria; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem somente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup>*O Alfinete*, São Paulo, 9 de março de 1919, p.1.

Figura 1: Página do jornal *O Alfinete*

ANNO I      S. Paulo, 9 de Março de 1919      NUM. 8

**ORGAN LITTERARIO,  
CRITICO E RECREATIVO**

**O ALFINETE**

**DEDICADO  
AOS HOMENS DE COR**

Publica-se duas vezes por mez      COLLABORADORES DIVERSOS      Director: A. OLIVEIRA

---

**EXPEDIENTE**

Anno . . . . . 18000  
Semestre . . . . . 38000      Pagamento adiantado  
Avulso . . . . . 81000

Todas as collaborações devem ser enviadas à rua Fribérica, 6 — (Luz).

Os originaes mesmo não publicados não serão devolvidos.

---

**Caixa do "Alfinete,"**

Sr. Frederico Baptista de Sousa: — Muito bem, gostamos de prósas como o amigo diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens. Será publicado seu trabalho.

Sr. Joaquim Antão Fernandes Filho: — O seu trabalho está por demais confuso. Leia bastante as boas obras de litteratura e poesia. Man de alguma coisa menos sentimental e menor.

Sr. Horacio da Cunha: — Ah! está o seu apello, está satisfeito?

Sr. Gastão: — A sua carta aberta será publicada.

Sr. Baptista: — Seu soneto não pôde ser publicado, falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: — Leia o Tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos.

**Cabo da guarda**

---

**Aos leitores**

Digam o que quiserem, mas é uma verdade, estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de cor, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem! E' lastimavel!...

Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em prol d'um ideal elevado, como seja: o combate ao Analfabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos, do que quando o Brazil era uma teitoria; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem somente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe. Vamos, meus amigos, um pouco de boa vontade, porque «combater o Analfabetismo é dever de honra de todo do brasileiro».

Nós, homens de cor, conscientes dos nossos deveres, para com a nos-

sa muito amada: patria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a ler para obterem um lugar digno no seio da sociedade brasileira.

O nosso modesto jornalzinho é uma pequena amostra da boa vontade de alguns homens de cor, que tem por escopo unico, estimular o cultivo das bellas letras no nosso meio social.

Avante! pois todo o nosso successo depende do apoio moral e material dos nossos dignos amigos e leitores.

### ECHOS DO CARNAVAL

A muito tempo que tenho observado que, pela occasião do carnaval, é que grande numero de moças e meninas apresentam-se fantasiadas de mulheres de apaches. Que ingenuidade!! Eu creio que todas essas moças que assim procedem não sabem qual é o significado de *apache* ou de *mulheres de apaches*!

Apache é um individuo vagabundo e ladrão, que vive nas tabernas, premeditando assaltos e crimes.

Que serão as mulheres dos apaches? Nada mais nem nada menos do que uma desgraçada raneira e ladra que só serve para vergonha da cidade em que habita.

Estou certo que esse meu apello, ha de ficar gravado no coração dos paes de muitas moças e meninas, já-mais permitindo que as suas filhas ou parentes, enverguem essas fantasias, que muito depõem contra o nosso meio social.

Horacio da Cunha

### Que importa!

A' Minha Bell...

Um suor de fadiga e angustia aljora-me a fronte, quando sinto ferir a lyra sagrada do nosso amor; mas, mesmo assim exclamo:

Que importa que digam isto ou aquillo, quando nutro o desejo since-

ro de possuil-a, busca-la pela natureza inteira? Então não é certo que vejo-a em toda parte onde vou?!

Que importa que me difamem, quando a tua imagem me persegue e fortifica-me?!

Que importa que falem que sou enxaecoco, quando sou bastante forte para resistir ás contingencias da sorte?!

Enfim, propalem o que quiserem, pouco ou nada se me dá com isso. Conheço demais a frieza dessa gente...

Contudo, apello para o vindouro!

Euzebio

### ILLUSÃO

Existe em São Paulo, grande numero de Sociedades de homens de cor, umas dramaticas recreativas, outras recreativas dançantes; entre as dramaticas, só vemos o nome; entre ellas a que mais tem apresentado alguns espectaculos, manda a verdade que enumeremos: a "Kosmos" e a "28 de Setembro", que, lutando com difficuldades, esforçam-se em proporcionar esse divertimentos a alguns de seus associados e convidados, digo alguns, porque, no nosso meio social, raros são os apreciadores dessa arte.

O gremio "Kosmos", desde a sua fundação, como precieitua seus Estatutos, em todas as festas, e, as vezes nos ensaios dançantes, apresenta seu corpo scenico, sempre porém, com toda a sorte de difficuldades relativas ao pessoal e aos ensaios.

Apesar disto, realizando-se no lapso de 3 ou 4 mezes, esses espectaculos, encontra-se um cavalheiro ou uma dama, e mesmo as familias que frequentam o referido gremio, mostram-se aborrecidas por occasião das taes "representações"; sem ao menos avaliarem o trabalho que occasionou aquella representação, a boa vontade dos amadores que fazem as partes, o gosto que possuem, não são isentos dos deveres sociais, ainda correndo as despesas de ensaios por conta dos mesmos, apesar dos demais, gozarem mezes e mezes do seu ideal — a dança!

Os amantes da arte dramatica, que alegres pensam gozar uma hora mais ou menos, sentem-se contrariados, porque os criticos entendendem que todos

Fonte: *O Alfinete* - 09/03/1919, Ano 1, Nº 8.

Portanto, é possível afirmar que existia uma valorização da escolarização por parte da comunidade negra, mesmo que isto não fosse disseminado entre a sua totalidade e que uma parcela significativa dela encontrasse brechas para romper as barreiras criadas pelo racismo e pela necessidade de trabalhar para sobreviver. Além disso, na própria estrutura das entidades do movimento negro era comum a prática de organização de salas de aulas e bibliotecas, seja nas entidades ou clubes, por exemplo, e que dentro desses locais a leitura fosse promovida de forma que os analfabetos puderam ter acesso às informações divulgadas nos jornais. A própria imprensa negra é resultado das brechas encontradas por essa "elite negra alfabetizada", um pequeno núcleo, mais fundamental para que o incipiente movimento

negro ganhasse força e se organizasse na direção de reivindicações sociais nas primeiras décadas do século XX.

Retomando a discussão sobre a imprensa negra brasileira e sua origem, vale ressaltar que o próprio conceito de imprensa e de opinião pública no Brasil era recente, pois o marco tradicional de fundação da imprensa brasileira se deu com a autorização de seu funcionamento em maio de 1808 por decreto do príncipe regente D. João que cria a Imprensa Régia no Brasil e com o surgimento do *Correio Braziliense* editado por Hipólito da Costa, em Londres, e a seguir, com o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* este já editado no Brasil, ambos ainda neste ano.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* inscreve-se entre aquelas realizações da Coroa Portuguesa para implantar no Brasil as instituições executivas, jurídicas, diplomáticas e culturais da burocracia estatal, tão necessárias ao funcionamento cotidiano da monarquia recém-instalada naquela época no país. Tanto a Tipografia Real quanto a *Gazeta do Rio* foram, na verdade, os órgãos precursores da imprensa oficial de todas as formas posteriores de governo, buscando satisfazer a necessidade da monarquia de dar publicidade aos atos oficiais. Já o *Correio Braziliense* apresentava em suas páginas o ideário liberal de seu fundador, Hipólito da Costa, tendo como novidade ser um jornal informativo, analítico e opinativo, sendo o primeiro periódico a discutir publicamente as questões até então exclusivas do Estado português. Seu intuito era o de “instruir os homens” inspirando-os no liberalismo, na garantia dos princípios básicos da liberdade individual de expressão, de propriedade e na monarquia constitucional.

Logo a seguir, criam-se as condições para que a troca de informações saia da esfera meramente privada para um território mais amplo de público, dando origem a redes de sociabilidades políticas e sociais, em que a imprensa se alastrava em diversos formatos. Um desses formatos foi uma imprensa de caráter racial, expressando o momento turbulento que era o período regencial. Segundo Marco Morel:

E foi justamente no Período das Regências (1831-1840) que ocorreu no Brasil uma verdadeira explosão da palavra pública, com crescimento visível de associações, de motins, rebeliões... e de periódicos, embora, claro, nem todos fossem rebeldes. A imprensa constitui-se como formuladora de projetos de nação distintos entre si (apesar das convergências) e de uma cena pública cada vez mais complexa, na qual emergiam atores políticos diferenciados. Permeiam as páginas dos jornais como protagonistas: soldados, de média patente, lavradores arrendatários, profissionais liberais, clero regular e secular, camadas pobres urbanas livres, homens negros, pardos e brancos, além da presença nítida das mulheres na cena pública, como leitoras ativas. Aparecem na imprensa manifestos coletivos e de caráter político assinado apenas por mulheres nos anos 1820 em diferentes localidades, como Paraíba e Rio de Janeiro. Era a época dos primeiros

passos, disputas e ensaios de construção de um estado e de uma nação no Brasil, com seus dilemas, contradições, mudanças e permanências.<sup>53</sup>

Neste cenário, em que múltiplos atores políticos buscam se posicionar na arena pública, observam-se também os diferentes grupos intermediários e até mesmo os subalternizados buscarem se fazer representar como personagens políticos com algo a dizer. Seguindo as mesmas concepções de Morel, Marialva Barbosa dirá:

O fato de a política assumir a cena pública motiva o aparecimento dos jornais, lugar privilegiado para a discussão das ideias que circulam pelas ruas. Há nitidamente o espraiamento de uma cultura política para além dos grupos dominantes e incluindo nos debates aqueles que são quase que naturalmente o público dos periódicos: militares, profissionais liberais, membros do clero. Para Lima, a discussão sobre a cidadania para esses grupos está ligada às questões sobre a nacionalidade e, mais especificamente, à temática das identidades raciais.<sup>54</sup>

Assim, o jornal *O Mulato, ou O Homem de Côr* surge no contexto das grandes agitações políticas que o período das regências trouxe, momento de grandes revoltas, debates e polêmicas políticas e sociais. Como já assinalamos acima, este periódico foi criado na capital, em 14 de setembro de 1833, na Tipografia Fluminense, de propriedade do famoso jornalista negro Francisco de Paula Brito, filho e neto de libertos. *O Mulato, ou Homem de Côr* desmontava o padrão editorial da época, que costumeiramente destacava os atos daqueles cidadãos comprometidos com a ordem escravocrata vigente. Como em todo momento de agitação política, era um espaço para um questionamento das efetivas condições da realização das promessas de liberdade e igualdade, que havia naqueles tempos e ganhava força nas mentes de livres e alforriados (sem falar nos escravizados). Podemos citar, como exemplo desta expectativa que o cabeçalho de todas as cinco edições efetivamente realizadas entre setembro e novembro trazia uma transcrição do parágrafo XIV do artigo 179, da primeira Constituição brasileira de 1824: “*Todo o Cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes*”. Era uma crítica às autoridades que queriam obrigar os “cidadãos brasileiros” a serem classificados pelo critério de cor e a permanência das divisões e hierarquias na distribuição dos cargos públicos privilegiando as pessoas brancas, em detrimento das de origem negra, que ficavam sempre relegadas aos cargos inferiores e confirma que parte da população negra

---

<sup>53</sup>LUCA, Tania Regina de, MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 42.

<sup>54</sup>BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010. P. 56.

estava atenta aos debates promovidos pelas elites que se baseavam em práticas raciais. Os critérios de cidadania são profundamente questionados na gênese da imprensa negra brasileira, proclamando a igualdade de oportunidades e direitos entre os cidadãos brasileiros, independentemente da sua cor.

Figura 2: Primeira página do jornal *O Homem de Côr*.



Fonte: Jornal *O Homem de Côr*, N.º 01 – 1833.

O rastilho de pólvora provocado por Paula Brito irá incendiar outras mentes e trazer para o centro do debate a questão racial. Surgiram, neste mesmo momento outras publicações com o mesmo conteúdo, a citar: o *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho* e o *Lafuente* produzidos na Tipografia Miranda e Carneiro e Tipografia Paraguassu. As tipografias de propriedades de homens como o já citado Francisco de Paula Brito e Maurício Jose de Lafuente são verdadeiros espaços coletivos de agitação intelectual e política na cidade do Rio

de Janeiro. O mundo literário também será uma das suas preocupações de Francisco Paula Brito pois editou obras importantes e incentivou os primeiros passos do ainda menino Machado de Assis, contratado para trabalhar como revisor de provas em 1854 na sua tipografia e depois editando suas obras iniciais.

Mas é interessante notar que alguns historiadores no século XX irão negar este protagonismo negro. Hélio Vianna, no seu livro de 1945 intitulado *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*, defende a tese de que *O Homem de Côr* ter como verdadeiro redator, o Coronel Conrado Jacó de Niemeyer que seria um dos articuladores do regresso português ao Brasil. Ou seja, o autor coloca, no mesmo jogo de interesses estes membros da população negra e as pretensões portuguesas, nos quais os negros seriam apenas joguetes nas mãos colonialistas. Nesta visão, já se procura o silenciamento do negro enquanto sujeito histórico, descartando qualquer possibilidade de terem estes jornais sido produzidos por pessoas negras. Num esforço de ignorar a participação destas pessoas no cotidiano político da cidade, Vianna ignora, solenemente, o vínculo e influência de Paula Brito como membro do Partido Exaltado, como observaram outros historiadores, como Hebe Maria Mattos:

Nos primeiros anos do período regencial, (que teve início em 1831, indo até 1840), proliferaram os pasquins exaltados, todos lutando pela igualdade de direitos entre os cidadãos brasileiros independentemente da cor, garantida na Constituição. Com títulos sugestivos - *O homem de Cor*, *O Brasileiro Pardo*, *O Cabrito* --, afirmavam que, no Brasil, “não há mais que escravos ou cidadãos”, e, portanto, “todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes”.<sup>55</sup>

Já no nascimento desta imprensa negra, podemos observar tentativas de silenciamento dos protestos dos “homens de cor”. Evaristo da Veiga no seu jornal, *Aurora Fluminense*, buscará desqualificar esta ação negra responsabilizando o proprietário da Tipografia Paraguassu, que imprimia o *Brasileiro Pardo*, o português David da Fonseca Pinto, como seu verdadeiro mentor por trás deste jornal. Sobre a ação de Evaristo da Veiga, registramos o texto de Ana Flávia Magalhães Pinto, no seu livro *Imprensa Negra no Brasil do século XIX*:

O figurão moderado ridicularizava os negros de ganho, impingindo-lhes a personificação da covardia e da ignorância. Para garantir o sucesso do

---

<sup>55</sup>MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 20.

espetáculo, era preciso escamotear certos inconvenientes que não estavam no *script* de seu conservadorismo. O resultado era a negação da capacidade dos negros, em geral, e dos livres, em particular, de refletir com base em suas próprias experiências sobre os rumos da sociedade em que viviam. Os questionamentos que apareciam a torto e a direito denunciando o “preconceito de cor” não seriam mais que o fruto da manipulação de homens brancos astutos.<sup>56</sup>

São jornais de pouca duração e de circulação restrita devida às dificuldades inerentes a condição social em que viviam seus autores, vendidos pelo valor de 40 réis a unidade ou mediante assinatura. Mas é digno de se notar que em um único ano (1833) surgiram na corte cinco jornais dedicados a defesa dos “homens de cor”. Vejamos o que diz Petrônio Domingues a respeito da circulação destes jornais:

Os impressos não eram vendidos nas ruas; os interessados poderiam adquiri-los mediante assinatura ou tinham de ir às sedes das tipografias que os publicavam, ou mesmo às lojas de livros indicadas. Outro fato em comum era o anonimato de seus redatores, o que rendeu polêmica. Esses pasquins só foram possíveis graças à atuação de “homens de cor” livres letrados – entre eles Francisco de Paula Brito e Maurício José de Lafuente –, que se utilizaram da imprensa como meio de construção de uma voz coletiva em defesa da liberdade, da cidadania e direitos do grupo.<sup>57</sup>

Mesmo em meio a diversas dificuldades de produção, circulação e de finanças, a importância destes jornais não é menor, foram aqueles que deram início a toda uma tradição que perpassa o século XIX e adentra o século XX deixando suas marcas, dentro de seus termos.

... esses jornais conseguiram demarcar e registrar um avanço de parte da população negra em seu próprio benefício. Existiram não no subterrâneo da história, mas nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, a cidade negra. Essa característica lhes confere grandeza. Suas possíveis limitações lhe afiançaram humanidade.<sup>58</sup>

Ainda no século XIX e saindo da cidade do Rio de Janeiro, vamos encontrar outros jornais da imprensa negra. Importante entender esta ampliação do espaço da imprensa negra na medida em que hoje se pesquisa e comenta-se muito sobre a imprensa negra paulista, porém, acredito que em muitas cidades e regiões do Brasil possuíram jornais desse tipo e que

<sup>56</sup>PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 28.

<sup>57</sup>DOMINGUES, Petrônio. *Imprensa Negra*. In: SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 254.

<sup>58</sup>PINTO, *Imprensa Negra...* p. 52..

futuros estudos poderão comprovar isto. Caso típico dessa expansão para outras regiões ocorre no final do século XIX, primeiramente em Recife com o jornal *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social* e depois com o jornal *O Exemplo* de Porto Alegre.

Em meio aos debates sobre o fim da escravidão no Brasil, a cidade de Recife viu surgir em treze de Janeiro de 1876 o jornal *O homem: Realidade Constitucional ou Dissolução social* semanário impresso na Tipografia Correio de Recife estabelecida na Praça da Independência com uma coleção de doze números, em que logo na sua primeira edição reclamava que nos cargos de maior função da província não estava nenhum “homem de cor” e que como cidadãos ou iguais perante a lei brasileira, eles se colocavam como “irmãos de todos os brasileiros sem distinção de raça”. Com uma preocupação constitucional/jurídica forte em defesa da população negra de recife, o jornal possuía uma nítida influencia do pensamento iluminista utilizando o famoso slogan da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – como desenho do cabeçalho do jornal.

**Figura 3: Primeira página do Jornal *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução social***



**Fonte: Jornal *O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, Nº 9 - 1876**

Segundo a pesquisa de Ana Flávia Magalhães Pinto sobre a imprensa negra do século XIX, este jornal foi concebido e dirigido pelo advogado negro Felipe Nery Collaço, que contava com experiência anterior na publicação de outros jornais, mas que depois do quinto número deixou de ser uma propriedade particular e passou a ser propriedade de uma associação, contudo, sem modificar sua linha editorial e política. Conforme Pinto:

Sendo Collaço o editor do jornal, teríamos, então, um homem de cor preta, livre, doutor em direito, professor de instrução secundária e provavelmente funcionário público. Os indícios oferecidos por sua atuação docente e na imprensa sugerem que sua formação acadêmica na Faculdade de Direito possa ter ocorrido anteriormente à década de 1870, antes, portanto, da

consolidação, naquela instituição, das teorias racialistas como chave explicativa e instrumento de administração dos destinos da sociedade brasileira. Apreensivo com os resultados da franca recepção daquelas ideias, é muito cabível que Collaço tenha apostado na edição de *O Homem* como um meio de se contrapor a esse estado de coisas.<sup>59</sup>

De forma pioneira para a cidade de Recife, *O Homem* foi um dos primeiros jornais locais a comentar o assunto e defender a abolição. Tratou da questão na edição nº 09, utilizando um arsenal de informações que ia da pressão inglesa contra o tráfico negreiro, a guerra civil dos Estados Unidos, a participação negra na Guerra do Paraguai passando pela análise da Lei do Ventre Livre de 1871. Culpando diretamente o próprio sistema escravista e rebatendo qualquer forma de “degeneração social e cultural dos homens de cor”, seus redatores possuíam uma visão otimista para o processo de fim da escravidão, acreditando que a liberdade estaria próxima sob a liderança da família real e combatendo as propostas de uma abolição lenta e gradual. Como dizia *O Homem*: “A extinção final virá, não como esperam alguns, mas por meios extraordinários. A escravidão é nó que não se desata, é preciso cortá-lo”. No seu último número (12) ainda sobre o fim da escravidão dirá que: “Se não nos enganamos, a operação está prestes a ser executada: e a mácula que ainda envergonha a nação brasileira vai ser apagada”. Importante ressaltar como que estes jornalistas negros articulavam um discurso pela liberdade dos negros no Brasil se aproveitando de uma memória recente com o ocorrido na libertação dos negros nos Estados Unidos da América provando sua atenção aos acontecimentos no mundo atlântico.

Rebentou a tremenda insurreição dos estados do Sul da América do Norte a fim de conservar a medonha escravidão que o governo legal queria extinguir com zelo e discrição. Daqui assistimos àquele espantoso vendaval sem tugar nem mugir, tremendo de horror porque tínhamos em casa os mesmos elementos de discórdia, o mesmo foco de desordens e calamidades, (...) E também é verdade, digamo-la sem rebuço, que a União americana só depois da luta fatal entrou no andamento regular de uma nação ilustrada, dando ao mundo espantado o singular espetáculo de uma sociedade regida pelas leis eternas da liberdade e da igualdade, em que todas as raças, todas as castas e classes sem distinção nenhuma são iguais perante a lei, graduando-se somente os cidadãos pelo mérito e honestidade. O escravo tornou-se cidadão como qualquer outro, e a pátria honra-se com os seus serviços como se livres fossem de há muitos séculos.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> PINTO, *Imprensa Negra...* p. 65.

<sup>60</sup> *O Homem*, Nº 2, p. 2.

O exemplo desta imprensa negra anterior à abolição da escravatura nos faz perceber que o protagonismo negro no século XIX é evidente e que a extinção do regime escravista apontava para novas possibilidades, novos horizontes para a população negra brasileira. Naquele ambiente escravista, completamente desigual, eles reivindicavam “a igualdade de todas as raças” buscando a inserção do “homem de cor” naquela sociedade hierarquizada. Os primórdios da imprensa negra estão marcados pelo processo de mobilidade social de negros e mulatos que entendiam esta imprensa como uma forma de defender seus interesses, assim como se esforçavam para encontrar a distinção necessária para a inclusão social.

## **2.2 – A Imprensa negra no pós-abolição: os novos sentidos da liberdade.**

Os estudos do pós-abolição desde pelo menos a década de 1990 tem sido transformados por novas pesquisas que ocuparam lacunas na historiografia tradicional brasileira onde parecia que os escravizados teriam saído das senzalas e ao mesmo tempo da história do Brasil com a substituição pela mão de obra dos imigrantes europeus recém-chegados. Estes novos estudos e pesquisas abordaram o pós-abolição sob novas luzes, não focando nos projetos das elites para o povo brasileiro ou de como essa mesma elite se utilizaria da mão de obra dos recém-libertos para a construção nacional. Não bastava entender a situação do negro depois da abolição como mera consequência de uma época, uma herança natural da escravidão como entendia Gilberto Freyre pela sua ênfase no caráter paternalista da escravidão, ou de outra forma, como analisava Florestan Fernandes pela simples marginalização econômica e social, resultando em que os negros viviam numa situação de anomia social.

Os anos posteriores à Abolição foram extremamente duros para as populações negras concentradas nas cidades. Depois de decorrido mais de meio século, ainda se fazem sentir agudamente, no seio dessas populações os efeitos das comoções que destruíram a ordem social escravista e projetaram os ex-escravos na arena de competição aberta com os brancos. De fato, a lei 13 de Maio nada concedeu ao elemento negro, além do *status* de homem livre. O processo de transformação real dos antigos escravos, e dos seus descendentes, em cidadãos, iria começar então. Descrevendo uma trajetória que não foi, nem poderia ser modelada por medidas de caráter legal. No plano econômico, que nos interessa aqui, esse processo se caracteriza pela lenta reabsorção do elemento negro no sistema de trabalho, a partir das ocupações mais humildes e mal-remuneradas. Isso se explica, por várias

razões, que não se ligam à constituição biopsíquica dos negros, mas à herança negativa deixada pela escravidão.<sup>61</sup>

Para Florestan Fernandes em sua obra clássica sobre as relações de raciais no Brasil, *A integração do negro na sociedade de classes*, o preconceito e a discriminação racial são produtos diretos e inevitáveis do escravismo, onde mesmo após a emancipação se mantêm o modelo arcaico das relações raciais contribuindo para um padrão de isolamento econômico e sócio-cultural dos negros. Coerente com sua visão de uma “revolução burguesa” em que o desenvolvimento capitalista no século XX iria transformar as estruturas arcaicas e possibilitar a inclusão do negro na sociedade de classes, uma sociedade moderna e capitalista construída nas relações de classe e não baseada na questão racial, Florestan possuía uma esperança em que o Brasil se transformasse na primeira grande democracia racial do mundo criado pela expansão da sociedade ocidental moderna. Tal como o otimismo presente em Gilberto Freyre, seu otimismo se mostrou não realizável até os dias de hoje.

As teses do professor Florestan e da “Escola Paulista de Sociologia” lograram sucesso e durante muito tempo foram referência nos estudos sobre a desigualdade entre brancos e negros. Porém, apesar do seu pioneirismo, brilhantismo e mérito de revelar ao público das décadas de 1950 e 1960, um Brasil racista e limitador do desenvolvimento das capacidades socioculturais da população negra, seus estudos devem ser melhores avaliados e criticados. Sua interpretação de um europeu moderno, muito capacitado, especializado e esforçado que concorreu e venceu a disputa pelo mercado de trabalho contra os negros alienados, passivos, vivendo em desorganização social, em “estado de anomia”, possui poucos apoios em evidências empíricas disponíveis, além do que, sua abordagem dificultou a visualização dessa população enquanto agentes sociais capazes de intervir no processo social e de construir suas identidades.<sup>62</sup>

Os novos estudos sobre a pós-abolição procuram dar espaço para se compreender a trajetória dos ex-escravizados e o que ocorreu com seus descendentes. Muitos caminhos foram percorridos nesse sentido: as novas sociabilidades e identidades, a conquista de novos espaços na sociedade brasileira, a valorização da família negra, os novos mecanismos de participação política do negro, a organização de suas entidades de apoio mútuo, os espaços de lazer e de cultura, o associativismo negro. É verdade que novas

---

<sup>61</sup> BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo, Global, 2008, p. 71.

<sup>62</sup> Para uma crítica substantiva às concepções de Florestan, ver *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil* de Carlos Hasenbalg e *Negros e Brancos em Pão Paulo (1888-1988)* de George Reid Andrews.

barreiras raciais foram criadas e o controle sobre esta população aumentou, tendo implicações dramáticas que dificultaram o acesso a melhores condições de vida e a ampliação da verdadeira cidadania, porém, busco aqui neste trabalho enfatizar o papel jogado neste processo pelos descendentes dos libertos e escravizados e suas expectativas, experiências e atitudes em relação à liberdade e seu agir histórico. Em resumo, a nova historiografia da pós-abolição redefiniu e resgatou a agência social dos libertos na construção da sociedade brasileira do pós-abolição percebendo que este processo também foi marcado pelas ações dos próprios libertos e de seus descendentes. Sobre esta renovação do campo historiográfico podemos observar Hebe Mattos e Ana Lugão Rios em sua obra *Memórias do Cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição*:

O incremento da pesquisa sobre a história social da escravidão, a partir da segunda metade dos anos 1970, geraria assim uma massa crescente de conhecimento acumulado sobre os diversos aspectos da escravidão moderna nas Américas que forçaria uma revisão historiográfica e uma formulação diferenciada também do problema do pós-abolição. Essa mudança de perspectiva implicou uma abordagem das sociedades pós-emancipação mais centrada na experiência dos libertos, no estudo de suas aspirações e de suas atitudes em face do processo emancipacionista e dos novos contextos sociais por ele produzidos. Afinal, o escravo que emergia da nova história social da escravidão era cada vez mais capaz de ação histórica. Tinha adquirido família, vida cultural e comunitária, negociava e muitas vezes atuava no mercado produzindo e vendendo bens e serviços por conta própria. Desta perspectiva, também as atitudes dos libertos passaram a ser analisadas como iniciativas que respondiam a projetos próprios, que necessariamente teriam interferido nos processos de reconfiguração de relações sociais e de poder que se seguiram à abolição do cativo.<sup>63</sup>

Neste contexto da pós-abolição é que em onze de dezembro de 1892 começou a circular na cidade de Porto Alegre *O Exemplo*, jornal que afirmava-se como “literário, crítico e noticioso” e que iniciando pelo seu título salientava pedagogicamente os possíveis exemplos a serem seguidos pela comunidade negra daquela cidade.

Tendo uma vida longa (1892-1930) com cerca de 1044 edições publicadas e já fugindo da vida efêmera tão comum a essas publicações, com breves interrupções, trata-se de um testemunho de inestimável valor histórico e cultural para o resgate da memória das populações afrodescendentes, já no período pós-abolição. De acordo com seus articulistas, a fundação do jornal ocorreu devido a um caso de preconceito e discriminação ocorrida contra Justino Coelho da Silva, que, tendo sido classificado em concurso público na primeira

---

<sup>63</sup>RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. *Memória do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 26.

posição, foi surpreendido pela anulação deste concurso, sob a alegação de que apesar de suas “notórias aptidões, tinha o grande “defeito” de não ser branca a cor da sua epiderme” (*O Exemplo*, 2/01/1928). Nesta mesma edição relembra nestes termos a sua fundação:

Foi então que, revoltados com esse insólito procedimento contra uma raça, resolvemos tomar sua defesa, dando combate a esse mesquinho preconceito, lançando no seio da imprensa sul-rio-grandense um jornal que fosse a síntese de nosso ideal e ao mesmo tempo a afirmação positiva e concretizadora que irradiava dos cérebros dos homens de cor.<sup>64</sup>

Figura 4: Primeira página do jornal *O Exemplo*

**O EXEMPLO**

Anno II	Redactor e editor Arthur de Andrade ESCRITORIO Rua Andradas 247	Propriedade de uma associação Porto Alegre—Domingo, 3 de Abril de 1893	Director gerente Marcilio Freitas ASSIGNATURAS Por mez... 500	N. 16
---------	--	---	--	-------

**Aconselhando**

Os homens de cor preta e parda na sua maioria constituem hoje uma grande communhão que, para ser solida e saliente, necessita apenas de instrução. O nosso meio tem-nos mostrado que para sermos bemquistos e considerados, necessitamos de dar exemplos de boa conducta e vêm portanto em boa hora que os de nosso gremio lancem a attenção para estas linhas, pautando seus actos pelos seus principios da moral.

E' uma verdade que a maioria dos nossos é completamente ignorante, mas ainda é tempo de reparar o mal, dedicando-se todos ao cultivo da intelligencia e dos bons sentimentos. E si os paes não quizerem dar-se ao trabalho de já, em adiantada idade, ir estudar o a b c, prestem ao menos um serviço á sua Patria e cumpram um dever que lhes é imposto pela condição paterna, mandando os filhos para á escola, a fim de receberem ahi a luz e o conhecimento da verdade.

Quando isto for posto em pratica, verão os nossos que sua reputação subirá firmada pelos antecedentes que com zelo têm sustentado.

O que deixamos dito, além de ser um bom conselho, é uma necessidade palpante, que dará, como resultado, a elevação de nossa classe tão abjectada ainda por alguns elementos ignaros.

Foi nomeado para o cargo de praticante da repartição dos correios desta capital o cidadão Manoel Carvalho da Cunha e Silva, que no ultimo concurso alcançou o primeiro lugar.

A 27 do mez findo completou mais um anniversario o cidadão José Rodrigues da Rocha Junior, a quem cumprimentamos.

**Farpas**

Não é sem grande embaraço que venho collaborar n'uma das columnas do *Exemplo*, attenta a escassez de tempo para desempenhar a minha missão e, mais que tudo, á pobreza intellectual. Entretanto, cedendo ás solicitações da minha illustre collega, Exma. Sra. D. Celina Buz, a cuja gentileza sou nmiamente grato, procurarei servir ás leitoras na alçada das minhas diminutas forças.

D. Celina deu-me, para estréa, um assumpto bastante escabroso, qual seja: armar uma *reclame* para o moderno *Figaro*.

Ora, eu sei, com certeza, que o amigo Angelino dá o cavaquinho para ouvir fallar de si: — do seu porte correcto, do estylo fluente e gentil que emprega ao confabular com os amigos, da maneira lhana por que se conduz com relação ás moças e, principalmente, com especialissimo agrado, da ternura com que empunha a navalha para fazer a barba ao freguez.

Aquillo, sim, é que é ser barbeiro! Um infeliz com a cara salpicada de espinhas, as trombas inchadas á força de uma furiosa dor de dentes, encontra no *Figaro* remedio effcaz e infallivel: são de lá mais luzidio do que uma bota invernazada a Nubian, mais são e disposto do que o Lazaro das tradições biblicas.

Um dos seus frequentadores (do *Figaro*, bem entendido) disse-me com ares de triumpho:

— Vê, se o Esperidião ou o Florencio são capazes de barbear assim! O homem faz milagres, filho! Eu tinha a lata empicocada, porca, immunda como as mãos do meu creado *André*, fui ao *Figaro* e... repara esta metamorphose!

E elle tinha razão de sobra, o

puz escorria-lhe pelas faces como suor copioso ou... como attestado irrefutavel da pericia com que o apurado fundador do *Não tem duvida* váe desempenhando o seu moderno papel.

Sobretudo, o rapaz tem mais queda para a navalha do que para a espada; mesmo porque mais vale ganhar á sombra de um tecto placido e feliz aquillo com que se compram os melões do que arriscar a pelle em defesa de um governo ingrato, que nem ao menos lhe deu as tão almeçadas divisas de sargento. E eu creio, o Angelino seria um excellent cabo de guerra, attendendo-se á bravura, ao fino militar que desenvolveu nas *operações* que aqui tiveram de fazer os patriotas por occasião de serem desarmados pela commissão de officiaes ciosos dos seus *triumphos*.

Pelo que ahi fica dito, poderão os leitores avaliar as vantagens que nos traz o *Figaro*, que recomendo com interesse aos amantes de... novidades.

Bem ou mal, estão por hoje cumpridas as ordens de V. Exa., D. Celina.

SANSPEUR

Completa amanhã mais um anno de existencia o laborioso operario Gonçalo Domingues de Menezes pelo que enviamos-lhe cumprimentos.

A 24 do mez passado o cidadão Theotonio de Araujo passou pelo desgosto de perder o seu interessante filhinho Thales, de anno e meio de idade;

A 30 a sua extremosissima e virtuosa esposa, D. Maria Luiza de Araujo, contando 29 annos de idade, e que foi victimada pela febre typhoide.

Os nossos pezames pelo duplo e rude golpe que vem de feril-o.

Fonte: Jornal *O Exemplo* N° 16, 02/04/1893.

<sup>64</sup> *O exemplo*, 02/01/1928, p. 1.

Era um jornal semanal vendido pelos próprios editores na sede do jornal ou através de assinaturas, de quatro páginas, três colunas no formato de 30x21, que saía aos domingos e que tratava das questões mais prementes aos negros de então, publicando denúncias contra o “preconceito de cor”, preconceito que impedia o negro de fazer reuniões em público, de frequentar determinados hotéis, teatros, restaurantes, praças públicas e dificultava a matrículas de filhos de negros em escolas, etc. Já em seu primeiro número, na sua apresentação dizia: “*O nosso programa é simples e podemos exarar-lo em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos*”. Este precursor da imprensa negra no Rio Grande do Sul foi fundado na barbearia Salão Calisto, localizada no centro de Porto Alegre, de propriedade de dois irmãos, os irmãos Calisto. Este local e o jornal demonstram o poder de articulação de parte da comunidade negra dentro das esferas políticas e culturais nesta cidade, ao mesmo tempo em que podemos observar um deslocamento destes homens dos setores negros mais empobrecidos. Analisando a composição social deste grupo vamos encontrar:

Os diretores do *O Exemplo* foram Arthur Andrade (o primeiro de todos), Marcílio Freitas, Baptista Júnior e Dário de Bittencourt. Muitos dos diretores e membros do *O Exemplo* desempenhavam a atividade profissional de servidor público sendo proveniente desta a sua principal fonte de renda. Entre eles havia também um grupo que era composto por profissionais liberais. Por exemplo, eles atuavam como advogados para algum órgão em específico ou em seus próprios escritórios, entre eles havia médicos, atores, poetas e escritores. Em geral, eles se diferenciavam dos demais negros no que se refere aos espaços ocupados, além de comporem uma classe média emergente e letrada atingiram certo prestígio social, o que não os isentava do preconceito.<sup>65</sup>

Outra característica marcante deste processo e, principalmente, deste momento é que podemos observar a estreita ligação entre esta imprensa negra e os diversos clubes recreativos, irmandades, sociedades e associações negras em Porto Alegre, citadas nas páginas de *O Exemplo*: o *Floresta Aurora*, a *União Profissional*, a *Estrela D’Alva*, a *Reunião Familiar*, a *Flor do Centro*, *Clube das Moças*, *Recreativo Operário*, da *Juventude*, *Democrata*, dos *Quinze* e *Caixeiral*. Em Porto Alegre, o associativismo negro possui grande expressão com sua origem ainda na Irmandade de N. Sra. Do Rosário e São Benedito:

Porto Alegre, entre 1889 e 1920 foi palco de intensa atividade social desenvolvida, em mais de setenta sociedades, por um grupo de negros

---

<sup>65</sup>OLIVEIRA, Ângela Pereira. *A imprensa negra no Rio Grande do Sul e alguns de seus homens*. Revista Espacialidades, UFRN, v. 12, n. 2, 2017, p. 13-14.

diferenciados intelectualmente e financeiramente. Tais associações tiveram como objetivos imperiosos o combate à discriminação, a formação educacional dos negros e seus filhos, e a oferta de novos espaços de socialização, uma vez que os negros viviam segregados da sociedade branca.<sup>66</sup>

Esta vinculação se repetirá em outras regiões, como podemos observar neste texto do historiador Flávio dos Santos Gomes:

Os primeiros jornais – basicamente com força em São Paulo, capital e interior – estavam vinculados a sociedades dançantes, clubes recreativos e associações beneficentes. Sobretudo em São Paulo e campinas, apareceram associações, clubes e grêmios como a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos, Centro Cultural Henrique Dias, C. G. Campos Elíseos, Grêmio Bandeirantes, Grêmio Dramático Recreativo e Literário “Elite da Liberdade”, Sociedade Propugnadora 13 de Maio, Treze de Maio entre outros. Alguns jornais funcionavam, então, como espaços de divulgação das atividades (palestras, reuniões, bailes e festas) dessas associações. Segundo os estudos de Miriam Ferrara, Regina Pahim, Roger Bastide e também informações dos próprios jornais da época, que veiculavam notícias sobre várias associações negras que publicavam seus jornais. Enquanto alguns tinham como título o nome das associações e grêmios a que estavam ligados, outros diferiam, como o *A Pérola*, da Sociedade Recreativa XV de Novembro e *O Baluarte*, do Centro Literário dos Homens de Cor.<sup>67</sup>

Em uma segunda fase o jornal *O Exemplo* incorporou em suas páginas as lutas e reivindicações dos operários da cidade, estabelecendo fortes laços com as lideranças operárias, negras ou não.

---

<sup>66</sup> MULLER, Liane Susan. *O Exemplo: O jornal negro cujas raízes estão perpetuadas na Irmandade do Rosário de porto alegre*. In: SILVA, Fernanda Oliveira da; PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo e SILVA, Sarah Calvi Amaral (Orgs.). *Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo: temas, problemas e perspectivas*. Porto Alegre: IHGRGS, 2015, p. 4.

<sup>67</sup> GOMES, *Negros e política (1888-1937)*... p. 29-30.

Fundadores do Jornal *O Exemplo*.<sup>68</sup>

**Fig. 5 – Arthur de Andrade**



**Fig. 6 – Aurélio de Bittencourt**



**Fig. 7 – Francisco Marcílio**



Fonte: *O Exemplo*, 06/01/1921, p.1. Fonte: *O Exemplo*, 06/01/1921, p.2 Fonte: *O Exemplo*, 12/04/1928, p.1

Destaco aqui a proeminência de uma “elite de cor” entre os fundadores da associação que deu origem a este jornal. Eram funcionários públicos, advogados, tipógrafos, trabalhadores dos Correios e da Alfândega, farmacêuticos, barbeiros, militares, etc. Dois deles eram da família Bittencourt, filhos de Aurélio Viríssimo de Bittencourt<sup>69</sup> (1849-1919), conhecido abolicionista, Prior da Irmandade do Rosário, homem integrado na estrutura política do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), Secretário de Estado da Presidência do Estado nas gestões de Júlio Prates de Castilho e Antônio Augusto Borges de Medeiros, os dois principais chefes deste partido.<sup>70</sup>

Com o período republicano, ocorreu uma onda de publicações, principalmente na cidade de São Paulo, que foi o início da imprensa negra paulista: *A Redenção* (1903), *O Propugnador* (1907), *O Combate* (1912), *O Patrocínio* (1913), *O Baluarte* (1903) e *Getulino* (1923) em Campinas, *O Menelick* (1915), *O Bandeirante* (1918), *O Alfinete* (1918), *A Liberdade* (1919) *A Sentinela* (1920), *O Kosmos* (1922). Surgiram com o objetivo de refletir sobre os desdobramentos do pós-emancipação e a situação dos “homens de cor” durante o início da República que prometia trazer a todos a cidadania. Estes periódicos irão registrar a memória da abolição, alguns apoiando e até exaltando figuras, como a Princesa Isabel e os

<sup>68</sup> ZUBARAN, Maria Angélica. *História, acervo e protagonismo negro no jornal O Exemplo (1892-1930)*. In: *Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo...* p. 9.

<sup>69</sup> Para um conhecimento maior sobre este personagem singular ver a tese de doutoramento *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional* de José Antônio dos Santos, assim como o artigo do mesmo autor, *O currículo Vitae como vestígio do passado*. *Diário de Bittencourt*.

<sup>70</sup> PERUSSATTO, Melina Kleinert. *O Exemplo, a imprensa e os homens “de cor” em Porto Alegre no pós-abolição*. Revista Intellectus, UERJ, RJ, Ano XVII, n. 1, pp. 28-47, 2018, p. 30.

aboliconistas brancos e negros, outros com uma perspectiva mais crítica, apontando o passado de miséria resultante dos desmandos da sociedade escravocrata e da Monarquia. Porém todos procuravam refletir nas suas matérias, sobre a passagem de escravizado para cidadão negro. Qual foi a novidade trazida pela República? O que havia realmente se modificado? Qual deveria ser a atuação do “homem de cor” na nação brasileira? Foram questões levantadas por estes homens negros que no final e ao cabo não passaram de quase cidadãos para esta República.

Assim sendo, São Paulo adquire uma importância enorme para os estudos sobre a imprensa negra. Para Bastide, foi com a fundação do jornal *O Menelick* (o título do jornal era uma referência ao rei da Etiópia, Menelick II, morto no ano de 1913) em 1915 que se iniciou uma sequência consistente de periódicos que a historiografia denominou da imprensa negra paulista.

### **2.3 *O Clarim da Alvorada: Protagonismo negro em ação (1924-1932).***

Como já vimos acima, a cidade de São Paulo foi palco do surgimento de uma imprensa negra vigorosa. Porém, como era São Paulo e o “mundo negro” paulistano? Em que ambiente surgem esses jornais dentro da população negra de São Paulo? Como se deu a experiência dos negros com sua cidade? Para se compreender a importância da imprensa negra, é necessário antes atentarmos para as experiências dos negros nesta cidade.

Até a década de 1870 a população de negros na cidade de São Paulo correspondia a cerca de 30% da população geral, quando se iniciavam os encaminhamentos pela elite paulista do processo de vinda em massa de trabalhadores estrangeiros europeus, ocasionando a diminuição da população negra para 10% nas primeiras décadas do século XX. Segundo Florenstan Fernandes, entre 1890 e 1914 chegaram ao estado de São Paulo em torno de 1,5 milhão de imigrantes para trabalharem ali.

Os fazendeiros paulistas manifestavam nesta época suas dúvidas sobre a capacidade de trabalho da mão de obra nacional, especialmente negra. Em uma época dominada pela ideologia da vadiagem e pelo “racismo científico”, a inserção do negro na sociedade branca se mostrava no mínimo problemática. Para a elite política e econômica, assim como para pensadores e cientistas do final do século XIX e início do XX, além de melhor preparados para o trabalho livre, os imigrantes, em grande quantidade no país, poderiam colaborar para o embranquecimento do povo brasileiro. Essas elites foram influenciadas pelas teorias raciais do período, que informavam a inferioridade inata dos negros e mulatos comprometendo a

evolução social e econômica da nação. Temiam pelo futuro da nação com uma pequena população branca e a conseqüente degeneração da raça. Seguindo um caminho diferenciado, Silvio Romero defendia que o resultado da miscigenação poderia eliminar os traços de inferioridade do elemento negro com o passar do tempo. Radicalizando esse discurso, João Batista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, afirmou durante sua conferência no Congresso Universal das Raças em Londres no ano de 1911 que no tempo de três gerações se produziria no Brasil uma população de fenótipo branco. Sua mensagem era clara: “... o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução.”<sup>71</sup> Nesse sentido, a imigração contribuiu para a marginalização do elemento nacional e principalmente para parte da população negra que se obrigou ao trabalho menos valorizado, ao subemprego ou o trabalho doméstico. Por outro lado, com a marginalização da população negra, surgem iniciativas coordenadas por associações e clubes dando um novo sentido para a identidade do negro paulista e um projeto de ascensão social para esse segmento da população.

Em São Paulo também ocorre na década de 1910 uma forte mobilização da classe operária paulista tendo seu cume a Greve Geral de 1917, evento que contou com uma participação efetiva de lideranças imigrantes, principalmente na indústria de tecidos. Esta organização comunitária também se deu na constituição de sociedades beneficentes e assistencialistas fundadas por comunidades de imigrantes, como judeus, italianos, portugueses, libaneses, espanhóis, com objetivos de arrear fundos para tratar de doentes, proteger viúvas, mulheres grávidas ou desenvolver a educação dos trabalhadores e seus filhos. Concomitante a isso, surgem as instituições culturais e recreativas, espaços dedicados ao lazer da comunidade, construindo assim novos laços identitários e políticos. Essas associações baseadas numa cultura étnica, não ficaram restritas as comunidades de origem estrangeira. A comunidade negra paulistana também trilhou o caminho do associativismo. Foram criadas e proliferaram rapidamente diversas associações sociais e recreativas de caráter racial.

Para Petrônio Domingues a noção de associativismo está relacionada a “um processo dinâmico, conflitivo e contraditório que combina resistência, assimilação e (re)apropriação de ações coletivas e formas organizativas para a defesa dos interesses específicos do grupo”<sup>72</sup>. A participação política e cultural durante a Primeira República foi marcada por uma fecunda e complexa

---

<sup>71</sup> Para uma melhor visualização destes debates sobre as teorias raciais ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil – 1870-1930*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993 e MAIO, Marco Chor (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

<sup>72</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 34, nº 67, 2014, p. 254.

movimentação protagonizada por operários, mulheres, militares, negros, setores populares e de classe média, intelectuais e teve variados formatos. Na sua reflexão historiográfica sobre a Primeira República, Ângela de Castro Gomes e Martha Abreu seguem este raciocínio afirmando que tais associações, que eram muito numerosas e diversificadas, ligavam-se à expressão e demanda de direitos a serem conquistados:

Ou seja, como, nesse tipo de narrativa, não se destaca e mesmo se ignora uma série de experiências de mobilização e organização de atores coletivos (e de atores coletivos modernos, como trabalhadores e o patronato), em torno de questões de seus interesses. Quer dizer, marginaliza-se, nunca ingenuamente, todo um conjunto de vivências, envolvendo diferenciados grupos sociais, que demandavam políticas às autoridades públicas, propondo e implementando uma série de iniciativas através de suas formas de associativismo, fossem elas na área da educação, da saúde, da política econômica, da regulamentação do mercado de trabalho e da expressão cultural, entre outras.<sup>73</sup>

A historiadora Regina Pahim Pinto em seu livro *O movimento negro em São Paulo: Luta e Identidade*, relata que contabilizou 120 dessas associações negras entre 1907 a 1937 apenas na cidade de São Paulo.<sup>74</sup> Uma reação compreensível diante da impossibilidade de um negro ingressar nos clubes e associações de brancos.

Eram clubes sem fins lucrativos, constituídos por elementos da comunidade negra. Clubes que se mantiveram durante as décadas seguintes e alguns poucos até os dias atuais.

A maioria dessas entidades era de cunho social, porém não podemos perder de vista seus objetivos políticos e culturais, uma dimensão mais ampla na forma de uma mobilização antirracista. São clubes que no domingo realizavam um baile, mas que ao mesmo tempo denunciavam algum caso de racismo e de discriminação, possuíam projetos para superar a exclusão do negro no mercado de trabalho, nas escolas, nas atividades políticas, no lazer. Sua diversidade de atuação e de interesses demonstra como era dinâmica a vida dessas comunidades. Elas podiam estar voltadas para o esporte, por exemplo, o futebol, a corrida e o pingue-pongue, para a prática de encenações teatrais que se apresentavam em ocasiões festivas ou datas especiais. Prestavam homenagens a personalidades que se destacavam no meio negro, ou a vultos históricos como José do Patrocínio, Luiz Gama ou André Rebouças, ou datas comemorativas 15 de Novembro, 7 de Setembro, e claro, o 13 de Maio. Também são importantes as datas de fundação da entidade, o batismo dos estandartes. Possuíam uma

<sup>73</sup> GOMES, Ângela de Castro; Abreu, Martha. *A nova "velha" república: um pouco de história e historiografia*. Revista Tempo, v. 13, nº 26, 2009, p. 4.

<sup>74</sup> PINTO, *O movimento negro em São Paulo:...* p. 86.

organização e uma estrutura diferenciada, com eleição para suas gestões, com estatutos que previam diversos departamentos, como de juventude e de mulheres. Os cargos de direção eram exercidos por homens, e são raros os casos de mulheres em outros cargos que não fosse o departamento específico de mulheres, uma “diretoria de damas” como era denominada, provavelmente para compensar a exclusão das mulheres no comando. Pela pesquisa realizada por Regina Pinto entre os anos de 1907 e 1937, constatou-se que, dos 244 colaboradores computados, apenas 15 eram mulheres.

**Figura 8: Chapa para a eleição da diretoria do Grêmio Kosmos.**



Fonte: *Jornal O Kosmos* N 29, 21/12/1924.

Algumas associações alugavam sedes sociais, outras não tinham sede e eram obrigadas em determinados eventos, a alugar espaços, principalmente espaços das associações das comunidades de imigrantes. Outras ainda se organizavam em torno de blocos carnavalescos. Sua fonte de financiamento estava restrita basicamente a duas: a mensalidade paga pelos associados e a entrada para os bailes. Sua vida organizativa poderia ser longa ou efêmera.

Outro fator determinante das associações era a questão educacional. Eram realizadas conferências e debates em que se dava ênfase na escolaridade da comunidade negra. Essa seria a condição fundamental para a “elevação moral do homem de cor” como é relatado em diversas passagens da imprensa negra deste período.

Mas, concretamente, quem eram essas pessoas que participavam desse associativismo? Como se viam e como desejavam serem vistas? Acredito que existia uma separação entre certa “elite de cor” e o restante das “camadas populares de cor”. Tenho como objetivo aqui não produzir uma visão homogeneizada da população de origem africana e de suas práticas e representações, tendo em vista as diversas formas de ver o mundo nascidas de várias experiências apreendidas em lugares diferentes.

Analisando o discurso produzido pela imprensa negra existe uma tendência de se manter a parte e não se confundir com os negros mais pobres e iletrados, um discurso marcado pela verticalização, dos de cima para os de baixo, daí seu viés moralizante. As profissões da maioria desses indivíduos, dessa camada de negros em ascensão, eram ligadas aos setores com funções burocráticas: jornalistas, professores, funcionários públicos, ou ainda, como militares, advogados, artistas. Esse afastamento era produzido mais pelo papel intelectual e cultural que exerciam do que pela condição econômica da sua existência, pois como sabemos, não eram detentores dos meios de produção, dessa maneira levavam uma vida no mínimo instável. Não devemos perder de vista que esses homens ocuparam as mais importantes funções dentro das sociedades recreativas, assim como também na imprensa negra paulista. Refletindo sobre essa camada dirigente, o pesquisador Paulino de Jesus Francisco Cardoso irá na mesma direção:

Os grupos dirigentes de sociedades organizadoras de jornais, tendo como referência os padrões culturais dos brancos, passaram a estranhar práticas culturais das comunidades negras. Para eles, a população estava apática diante dos dramas da vida. Dotados do salvacionismo típico do pensamento iluminista e racionalista da modernidade, eles se autoproclamavam hierarquicamente superiores aos que partilhavam de outras referências culturais e se propuseram a um esforço de reconstrução das comunidades negras paulistas.<sup>75</sup>

Um dos resultados desta postura é o discurso moralizante, sempre exigindo dos “irmãos de cor” o combate à vadiagem, ao vício, ao analfabetismo, a falta da família, ao desemprego. No ambiente dos clubes até mesmo a vestimenta era regulamentada e exigiam-se os padrões de elegância então em moda: homens de camisa, colete, paletó e terno e as mulheres usavam vestidos e polainas, transformando o clube em espaços seletivos para essa “elite de cor”. Seria então necessário edificar a obra da emancipação moral do negro, realizar a sua “elevação moral”, para coloca-lo no caminho do trabalho, da moral e para a “grandeza

---

<sup>75</sup> CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Itajaí: NEAB, Casa Aberta Editora, 2012, p. 91-92.

do Brasil”. O jornal *O Alfinete* (como o próprio nome do jornal indica, servia para “alfinetar” os desviantes da conduta exigida) foi um dos mais preocupados com a questão moral e dos vícios:

Li há dias num jornal de Sorocaba que uma sociedade recreativa d’aquela cidade deliberou, em reunião, abolir o uso de bebidas alcoólicas por ocasião de suas festas, permitindo tão somente o uso das bebidas sem álcool, como sejam: néctar, sisi, gazosa, etc.  
Abolindo o álcool do seio das nossas sociedades, e mesmo das mesas dos nossos lares, muito conseguiremos em favor da nossa classe de cor.  
Creio não haver nisto ofensa alguma, pois, simplesmente o ideal de quem estas linhas subscreve, é ver os seus irmãos ao lado d’aqueles que sabem prezar a sua cor, amar a virtude e desprezar o vício.<sup>76</sup>

Assim, foi possível no decorrer da minha pesquisa sobre a imprensa negra paulista, perceber uma tensão, um estranhamento entre essa comunidade de letrados que produziam estes jornais com suas críticas ao modo de ser da maioria da população negra que vivia na cidade de São Paulo, ou um paradoxo talvez maior, de liderarem um movimento de superação da marginalização negra tendo por referência os padrões culturais típicos da elite branca. Analisando o que seria essa “elite negra”, Petrônio Domingues afirma corretamente que:

O termo tem três sentidos específicos: primeiro, político, porque esse grupo se configura como dirigente político da comunidade e era visto como tal pelos brancos; segundo, educacional ou cultural, porque esse grupo era fundamentalmente alfabetizado e considerado culturalmente “evoluído”; terceiro, ideológico, porque esse grupo reproduzia muitos dos valores ideológicos das classes dominantes. Embora a “elite negra” se investisse como porta-voz de toda a comunidade, é importante salientar que o seu discurso ideológico não tinha ressonância sobre o conjunto da população negra. A “elite negra” era um setor quantitativamente minoritário e, muitas vezes, descolado da massa negra.<sup>77</sup>

Persistia uma diferenciação entre o nível de assimilação e integração no “mundo branco” dessas camadas negras. O “modelo branco” de educação, de comportamento, de cultura e etiqueta era incorporado, total ou parcialmente, pelos negros dessa “elite negra”. Já os negros das camadas mais exploradas (desempregados, biscateiros, trabalhadores braçais, malandros, analfabetos) assumiam uma forma de vida mais alternativa expressa pela prática da resistência cultural (samba, capoeira, malandragem, religiões afro-brasileiras, cordões

<sup>76</sup> *O Alfinete*, 28/08/1921..

<sup>77</sup> DOMINGUES, *Uma história não contada...* p. 209-210.

carnavalescos) ou ainda pelo esporte que estava surgindo como moda na década de 1920 e que teve grande simpatia entre os negros de São Paulo, o futebol. Esta cisão se manifesta também na imprensa negra paulista com seu silêncio a cerca da diversidade cultural da camada iletrada, onde nunca se fala de uma religião que não seja a cristã-católica, ou do samba por exemplo. Comentários sobre carnaval e futebol só foram encontrados na minha pesquisa quase no final da década de 1920.

São algumas das mais conhecidas e representativas entidades da comunidade negra de São Paulo nesta época: Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos, Sociedade Propugnadora 13 de Maio, Club Dançante 15 de Novembro, Grêmio Bandeirantes, Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade, Clube Negro de Cultura Social, Centro Cívico Palmares, Associação Atlética São Geraldo, Grêmio Recreativo Flor da Mocidade, Sociedade Princesa do Norte, Centro Literário Campos Elyseos, Clube 13 de Maio dos Homens Pretos, Clube Carnavalesco Barra Funda, Esporte Clube Onze Gallos Pretos, Clube Esportivo Flor da Penha, Clube Negro de Cultura Social, Associação Protetora dos Brasileiros Pretos. Como é possível observar datas importantes e nomes históricos eram homenageados e em alguns casos, se autorreferindo como a “nata” da população negra, uma forma aristocrática, a elite. A luta pela respeitabilidade desses clubes dançantes era garantida pela exigência comum a muitos que o novo sócio provasse ser casado, chefe de família e com vida profissional estável, essa era a garantia do bom nome da entidade.

Os elementos comentados acima me permitem visualizar que tais agremiações buscavam fugir dos estereótipos racistas, fortalecendo a noção de moral e respeitabilidade como uma forma de serem aceitos pela sociedade envolvente. De acordo com Petrônio Domingues, que desenha a seguinte explicação para tal discurso pronunciado pelos periódicos da imprensa negra:

A procura de acomodação e de ascensão social na sociedade inclusiva implicou adoção de uma linha conciliatória, fundada num discurso racial pacífico e ordeiro: “O negro moderno saberá vencer, dentro da paz e da ordem” (*O Clarim da Alvorada*, São Paulo, 13 de maio, 1927, p. 12). Isso ocorre pelo fato de os redatores e os editores dos jornais serem oriundos, em larga escala, da “elite de cor”. A imprensa negra tem de ser entendida como reflexo do pensamento desse setor da “população de cor”, setor, aliás, que procurava incorporar ou reelaborar, total ou parcialmente, o modelo de educação, etiqueta, cultura, religião e moral tido como civilizado”.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> DOMINGUES, *A nova abolição...*, p. 51.

Além disso, utilizavam com grande destaque estandartes e hinos nas cerimônias, configurando em símbolos de grande significado para essas associações, desempenhando um papel agregador e diferenciador, produtoras de uma identidade específica, de um “nós”, negro, em oposição a “eles”, os brancos. Mesmo que de forma inicial, esse “mundo negro” das sociedades cumpria um papel educativo de afirmação de uma consciência racial e de dar visibilidade ao protagonismo e ao protesto negro. Falando dessas associações Florestan Fernandes dizia que:

Os progressos na ressocialização do “negro” correspondiam ou se seguiam, por sua vez, ao aparecimento de novas formações sociais. A proliferação de associações recreativas, culturais e beneficentes teve importância bem definida na ressocialização do “homem de cor”. Essas associações não só alargavam a área de contatos internos no “meio negro”; elas difundiam e consolidavam novos padrões de vida, que contribuíram para aumentar a auto-respeito do “negro” por si mesmo, seus laços de solidariedade e, especialmente, a insatisfação pelo fato de se ver posto à margem no seio da sociedade inclusiva. [...] É o caso do Centro Cívico Palmares, fundado em 1927, visando fins educativos e que se converteu, desde logo, em núcleo de arregimentação do “negro” e em ativo foco de luta contra as manifestações do “preconceito de cor”.<sup>79</sup>

Rememorando a sua experiência na construção dessas entidades, José Correia Leite nos informa:

Elas [as associações] seguiam [...] essa idéia de ser beneficente, com sentido de solidariedade para que os negros compreendessem que eram irmãos, tinham o mesmo problema, a história de todos era uma só. Mesmo se fosse um negro doutor ou qualquer coisa assim, a história dele não diferenciava daquela do negro da escala social mais baixa, porque todos vinham da senzala. Ninguém acreditava que a origem não fosse a mesma, apesar de muitas vezes o indivíduo ter tido, acidentalmente, a possibilidade de ser apoiado por uma família dos escravocratas. A maioria, entretanto, saiu da escravidão completamente abandonada.<sup>80</sup>

Em termos espaciais devo ressaltar a importância de bairros como Bela Vista e da Barra Funda. Outros bairros formaram também núcleos de concentração de negros, como a Liberdade, o Bexiga, o Lavapés, o Belenzinho. A Barra Funda, por exemplo, foi um bairro operário próximo à ferrovia Santos-Jundiaí que se tornou fonte de empregos para um conjunto de trabalhadores sem qualificação profissional. Para os nossos estudos, é central entender que

<sup>79</sup> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: (no limiar de uma nova era)*, v. 2, São Paulo: Globo, 2008, p. 49.

<sup>80</sup> LEITE, *E disse o velho militante José Correia Leite...*, p. 74.

no eixo entre Bela Vista e a Barra Funda se concentrou a maioria das agremiações e sociedades negras paulistas, assim como, grande parte da imprensa negra de São Paulo.

Simultaneamente ao florescimento das sociedades e clubes dançantes na cidade de São Paulo surge com destaque o que a historiografia vai denominar da imprensa negra paulista, jornais publicados por negros para tratar das questões da própria comunidade negra. As mais reconhecidas associações publicavam seus jornais, no intuito de divulgarem suas atividades sociais e as questões mais gerais de seu interesse. Como exemplo destaco o Centro Literário dos Homens de Cor responsável pelo jornal *O Baluarte* (1904), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio que publicava o jornal *O Propugnador* (1907), Sociedade Recreativa XV de Novembro com o jornal *A Pérola* (1911), o Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos o seu jornal *O Kosmos* (1922) e o Centro Cultural Henrique Dias com o *Quilombo* (1929). De acordo com o material pesquisado, a imprensa negra paulista foi a principal criação dos negros letrados das sociedades recreativas, semente e fruto do protagonismo negro desta época.

Jornais nascidos principalmente nas décadas de 1910 e 1920 no estado de São Paulo, pesquisados em estudos pioneiros por Roger Bastide (1951), Miriam N. Ferrara (1986) e Clovis Moura (1988), esta imprensa tinha como conteúdo, matérias e comentários sobre a própria comunidade negra e seus interesses, sendo muito restrita ao que ocorria dentro da própria comunidade. As atividades sociais e culturais dos clubes, os batizados, os aniversários e falecimentos dos seus membros, as recordações de datas importantes e de personagens históricos, poesia e prosa, os protestos contra a discriminação e a exigência de integração, a preocupação com a educação da população negra, o controle moral dos frequentadores dos salões (a “ética puritana” dos negros como chamou Bastide), esses são os assuntos preferidos desses jornais. No dizer de Clovis Moura:

Durante todo o tempo em que a imprensa negra circulou, através de jornais de pequena tiragem e duração precária, as atividades da comunidade negra de São Paulo ali se refletiam, dando-nos, por isso, um painel ideológico e existencial do universo do negro. Nela se encontram estilos de comportamento, anseios, reivindicações e protestos, esperanças frustrações dos negros paulistas. É uma trajetória longa, dolorosa muitas vezes, a desses jornais que praticamente não tinham recurso para se manterem por muito tempo, mas sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Lá estão as festas, aniversários, acontecimentos sociais; lá está o intelectual negro fazendo poesia; lá estão os protestos contra o preconceito de cor e a marginalização do negro. Nessa trajetória refletem-se as

inquietações da comunidade e lá se encontram os conselhos para o negro ascender social e culturalmente, procurando igualar-se ao branco.<sup>81</sup>

Inclusive, se observarmos atentamente o temário destes jornais, veremos que os grandes assuntos da época não são abordados. Os jornais funcionavam como uma espécie de complemento destinado a um público específico, o “mundo negro” paulista. Os assuntos gerais, nacionais ou internacionais, simplesmente não eram tratados na imprensa negra paulista. A Primeira Guerra Mundial, a Revolta dos 18 do Forte, o tenentismo, A Coluna Prestes, Guerra de Canudos e o Contestado, a Semana de Arte Moderna de 1922, a Revolução Paulista de 1924, quase nada disso é noticiado, são raras as exceções, principalmente até o ano de 1924, quando ocorre uma virada, como veremos a seguir. Até mesmo a participação do negro fora da sua comunidade não é pautada. Ainda segundo Clovis Moura:

No Entanto, há uma particularidade na imprensa negra: ela não reproduz, nas suas páginas, a dinâmica dessas etapas da sociedade abrangente. Muito raramente há referências a esses casos. Ela é, fundamentalmente, uma imprensa setORIZADA ou, como a caracteriza Bastide, apoiado nos norte-americanos, uma imprensa adicional. Queremos dizer, com isto, que os leitores dos jornais negros, para se informarem dos acontecimentos nacionais e/ou internacionais, tinham de recorrer à imprensa *branca*, ou seja, à denominada grande imprensa. É um fenômeno singular, especialmente em São Paulo. [...] De fato, nas suas páginas não há nenhuma referência à participação concreta do negro nos sindicatos, nas lutas reivindicatórias, ou de participação política radical em partidos de esquerda. Pelo contrário, há uma cautela, que parece deliberada, dos diretores e colaboradores desses jornais, que os levava a não abordar certos problemas críticos, possivelmente considerados *perigosos* para eles.<sup>82</sup>

É verdade que essa despolitização é uma característica da imprensa negra paulista, diferente da imprensa de Porto Alegre, por exemplo, mais aberta aos assuntos externos à comunidade negra. Porém, torna-se difícil concordar com a perspectiva expressa, por exemplo, na obra de Miriam Ferrara, que indica esse posicionamento devido a esta imprensa privilegiar os “mexericos” da comunidade negra. Entendo que ao se privilegiar os “mexericos” estava-se tentando impor um novo código de conduta para determinadas parcelas da comunidade negra. Concordando com Moura, acredito que esta opção dos produtores destes jornais possui uma função de evadir-se de qualquer polêmica que criasse mais conflitos com a sociedade abrangente, tendo em vista suas intenções assimilacionistas.

Essa questão também está relacionada com suas estratégias e métodos de lutas contra a discriminação e o racismo. O respeito às regras estabelecidas e a ordem social lhes parecia o

<sup>81</sup> MOURA, Clovis. *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Ática. São Paulo, 1988, p. 205.

<sup>82</sup> Idem, p. 205 e 213.

único caminho possível para a inclusão do negro. Lembrando que estamos analisando uma época em que falar de racismo gerava grandes discussões e que o mito da democracia racial na sociedade brasileira era aceito sem grandes críticas, inclusive pela própria população negra.

O idílico cenário da democracia racial brasileira possui uma longa tradição. As imagens sobre essa peculiaridade e originalidade das relações étnicas entre brancos e negros no Brasil são recorrentes desde os anos finais do Império e o início da República. Encontramos a ideia que aqui se tinha escapado do problema racial, normalmente associado a uma comparação com a situação vivida pelo negro norte-americano, este sim, vivendo no “inferno racial”, enquanto o negro brasileiro vivia em um “paraíso racial”. Essa visão perpassava até mesmo os líderes negros norte-americanos, como Frederick Douglas:

Duvido que tenha jamais existido um povo mais tiranizado, mais desavergonhadamente pisado e impiedosamente usado, do que as pessoas livres de cor destes Estados Unidos. Mesmo um país católico como o Brasil – um país que nós, em nosso orgulho, estigmatizamos como semibárbaro – não trata as suas pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós tratamos (...). A America democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico.<sup>83</sup>

Para Célia Maria Marinho Azevedo estas comparações foram inicialmente realizadas pelos abolicionistas nos dois lados do Atlântico com o objetivo de compreender essas sociedades escravocratas e empreender a luta pela abolição, dando destaque a esta comparação com o Brasil para enfatizar o preconceito e a discriminação contra o negro norte-americano, em um esforço para provar que a violência da escravidão norte-americana era única no mundo. Portanto, a ideia de um paraíso racial não é uma invenção recente de pensadores como Gilberto Freyre e de seu livro *Casa Grande & Senzala*. Aliás, a conhecida expressão “democracia racial” não é de sua autoria. Durante muito tempo, lhe foi atribuído essa responsabilidade. Por mais que em diversas paisagens de seus livros isto fosse evocado, ele nunca realizou esta citação de forma explícita. Freyre fará uso de algo semelhante, por exemplo, em 1944, em uma conferência realizada na Universidade de Indiana, quando utilizou uma expressão sinônima – democracia étnica – e somente em 1962 utilizará tal

---

<sup>83</sup> AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *O abolicionismo transatlântico e a memória do paraíso racial brasileiro*. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos Nº 30, Dezembro, 1996, 151-162, p. 155.

expressão, no auge de sua polêmica defesa do colonialismo português na África, e no bojo da construção teórica do que ele denominou de “lusotropicalismo”.

Na literatura acadêmica, no entanto, o primeiro a utilizar o termo democracia racial parece ter sido o sociólogo norte-americano Charles Wagley em um dos volumes da série de estudos financiados pelo UNESCO. “O Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial” teria compreendido Wagley sobre a questão racial no Brasil.<sup>84</sup>

Inclusive, foi o mesmo projeto patrocinado pela UNESCO<sup>85</sup> o responsável pela desconstrução do paraíso racial brasileiro. Pesquisadores como Roger Bastide, Florenstan Fernandes, Oracy Nogueira, Thales de Azevedo, entre outros, dialogando criticamente com os princípios colocados pela expressão, a interpretaram apenas como um mito. Sobre a construção do mito da democracia racial e da importância das reflexões desses autores, Emília Viotti da Costa comenta:

Cerca de vinte anos depois, uma nova geração de cientistas sociais, estudando as relações raciais no Brasil, chegou a conclusões bastante diferentes. Estes cientistas acumularam uma nova quantidade de evidências de que os brancos no Brasil foram preconceituosos e de que os negros, apesar de não terem sido legalmente discriminados, foram “natural” e informalmente segregados. A maioria da população negra permaneceu numa posição subalterna sem nenhuma chance de ascender na escala social. As possibilidades de mobilidade social foram severamente limitadas aos negros e sempre que eles competiram com os brancos foram discriminados. A caracterização ortodoxa predominante de que o Brasil é uma democracia racial passou a ser um mero mito para os revisionistas, que começaram a falar na “intolerável contradição entre o mito da democracia racial e a real discriminação contra negros e mulatos”, e a acusar os brasileiros de terem o fundamental preconceito de não serem preconceitos.<sup>86</sup>

Até mesmo a escolha dos “heróis da raça” estava sujeita à lógica da democracia racial. A glorificação de Luís Gama, José do Patrocínio e de André Rebouças faz sentido já que lutaram dentro do sistema, enquanto João Cândido e Zumbi dos Palmares não são modelos ideais de protesto e quase nunca são citados. Paradoxalmente são grandes as

---

<sup>84</sup> Para uma melhor compreensão da origem da expressão “democracia racial” ver o livro *Classes, Raças e Democracia* do professor Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, especialmente o capítulo 5, *Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito*.

<sup>85</sup> Para mais detalhes sobre o Projeto UNESCO ver os artigos de Marcos Chor Maio, *O Projeto UNESCO: ciências sociais e o credo racial brasileiro*. e *O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*.

<sup>86</sup> COSTA, Emília Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 368-369.

homenagens para personagens brancos como D. Pedro II, Visconde de Rio Branco, José Bonifácio, Joaquim Nabuco e claro a Princesa Izabel.

Até meados dos anos 1920 a marca central desse discurso contra o racismo será a ambiguidade, um cuidado exagerado em não causar melindres com a sociedade envolvente, de manter a harmonia social entre brancos e negros. Escapar de qualquer forma de incompreensão é seu anseio. É sintomático dessa estratégia o jornal *O Menelick*:

Para buscar a amizade geral que futuramente esperamos obter, expulsamos (...) das colunas d'O Menelick este vocábulo chamado combate. Nunca procuraremos combater, embora haja base. Seremos como o humilde servidor, que não combate contra a força, usaremos para tal fim o velho provérbio: o calado vence!<sup>87</sup>

A existência material destes jornais estava condicionada a se obter anúncios principalmente entre pequenos estabelecimentos, seja de comércio ou de serviços, como escritórios de advocacia, produtos para o cabelo dos negros, salões de cabeleireiros, quitandas, bares e restaurantes, alfaiatarias, serviço de contabilidade e em sua maior parte os anunciantes eram membros da própria comunidade negra. E na maioria das vezes essa propaganda não chegava e os produtores dos jornais eram obrigados a retirar o dinheiro do próprio bolso para garantir o próximo número, o que explica a existência de certos jornais com pouquíssimos números. Os relatos desses militantes informam que a prática comum era entregar o jornal gratuitamente. O que colaborava para a continuidade dos jornais era o esforço das sociedades recreativas que organizavam bailes em favor de arrecadar fundos para estes. Evidentemente o lucro estava longe dos seus objetivos.

---

<sup>87</sup> *O Menelick* Nº 1, 17/10/1915.

Figura 9: Propaganda no jornal A liberdade

A LIBERDADE

Que os reportes na Liberdade, vão ser convidados para uma ceia. Aonde?  
Que o Luiz Henriques e J. Domingues, desejaram formar a trempe da Liberdade. Quando?  
Que o Prates, do Smart, è da trempe da Liberdade. Secretario

---

**Diversões**

Realisaram-se no sabbado, 5 do corrente, quatro beneficios, em auxilio dos cofres sociaes, das Sociedades 28 de Setembro; Brinco de Princesa; Elite Fior da Liberdade e Gremio Henrique Dias.

Todos os presidentes dessas agremiações, foram de uma delicadeza extraordinaria para com o nosso representante, que, em missão de propaganda do nosso jornal «A Liberdade» compareceu a todos os beneficios.

Approveitamos o ensejo para agradecer as senhoras D. Olga da Silva, pelo Elite, D. Lydia Maria do Carmo, pelo Brinco de Princesa, sr. Benecito Ribas da Fonseca, pelo 28 de Setembro e pelo Gremio Henrique Dias, seu secretario Henrique Dias.

Fazemos votos de prosperidade a cada uma dessas sociedades, desejamos que o um, a que almejaram fosse bem correspondido.

---

**Emilia Rocha**

No dia 2 do corrente, festejou seu anniversario natalicio a senhora D. Emilia Rocha, dignissima directora do Gremio Dramatico e Recreativo «Kosmos», convidado para essa festa comparecemos, e muito nos honrou o trato e distincção com que, a anniversariante dispensou a todos os seus convidados.

Enviando os nossos mais ardentés parabéns, fazemos votos pela preciosa existencia da anniversariante.

**Casa Bom Gosto**  
- IMPORTAÇÃO DIRECTA -  
Isaa Sattan & Comp.

Completo e variado sortimento de fazendas, armarinho, roupas feitas, roupas brencas, perfumarias, modas, enchovaes para noiva e baptisado e miudeza

Preços modicos  
Telephone Central 6-9-6  
Rua Vergueiro n. 18

---

**RESTAURANT DO COMMERCIO**

Cozinha de primeira ordem assado e promptidão - Especialidade em vinhos Nacionais e Estrangeiros

**SANTOS & ALMEIDA**

Servico a la Carte - Aceitam-se pensionistas e servico a domicilio  
Preços modicos - Refeição avulsa 18000  
R. do Seminario n. 43 - S. PAULO

---

**Casa Orciuolo**

Armazem do Secos e Molhados  
Antonio Orciuolo

Importação directa de Vinhos e generos italianos como sejam: Queijos, conservas, etc. etc.

LARGO DO RIACHUELO n. 62 A  
Telephone 4503 - Central  
S. Paulo

---

**Escritorio Commercial e de Advocacia**  
Dr. Mauricio de Camargo  
M. Araujo Teixeira  
Rua Direita 5 A  
Telephone n. 5765 Central

**SALÃO INTERNACIONAL**

Largo do Riachuelo 56 A  
Telephone: 4133 Central  
Prop. Pedro Chirico

Aluga-se para ensaios, bailes, reuniões, baptizados e casamentos

*Preços Modicos*

---

**Casa Cabral**

Casa fundada em 1894

Vidros para vidraças, Ladrilhos, Telhas de vidros «Systema francez», Diamantes para cortar vidros, Papeis pintados para forar casas, Transparentes para janellas, Estampas, Espelhos, Molduras para quadros, etc.

Caixa do Correlle, 668 Telephone N. 739  
Rua de São Bento, 35 B - S. Paulo

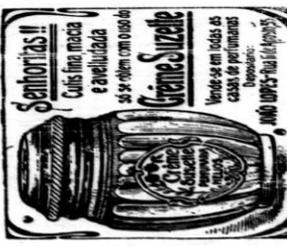
---

**Senhoritas!!**

Curtis fina macia e enlucida  
se se usam com ocasião

**Crema Suzette**

Vende-se em todas as casas de perfumaria  
Dessacos:  
MADRID - Paris (L'Espresso)



Fonte: Jornal *A Liberdade*, Nº 01, 14/07/1919.

Os jornais tinham circulação restrita e uma inserção bastante limitada aos locais de concentração da comunidade negra. A tiragem era modesta, pois dependia das condições financeiras. São exceções os jornais *Getulino* de Campinas com uma tiragem semanal de 1.500 exemplares e *O Clarim da Alvorada* com uma tiragem que oscilava de 1.000 a 2.000 exemplares. O formato e o número de páginas não eram padronizados. Em sua maioria eram de quatro páginas e o formato tipo tablóide.

Em meados dos anos de 1920 ocorreu uma mudança significativa dentro desse “mundo negro” em São Paulo. Marco dessa mudança foi o jornal *Getulino* criado no ano de 1923 pelos jornalistas Gervásio de Moraes e Lino Guedes<sup>88</sup> na cidade de Campinas, com uma abordagem mais combativa<sup>89</sup>. Com o fim deste jornal em 1926, devido a dificuldades financeiras, estes dois jornalistas se mudam para a cidade de São Paulo passando a ocupar um

<sup>88</sup> Para acompanhar a trajetória de Lino Guedes ver o artigo de DOMINGUES, Petrônio *Lino Guedes: de filho de ex-escravos à “elite de cor”*. *Afro-Ásia*, Nº 41, 2010.

<sup>89</sup> Sobre o jornal *Getulino* e a militância negra em Campinas ver MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923- 1926)*. Dissertação de mestrado. Departamento de História do IFCH/Unicamp, 2005.

espaço privilegiado entre as lideranças negras e colaboram com a imprensa negra paulistana nos jornais *O Clarim da Alvorada* e o *Progresso*.

As limitações das sociedades recreativas para a luta antirracista ficaram mais evidentes: não bastava apenas se organizar para dançar, a preocupação passou a ser a mobilização dentro da comunidade negra e os discursos na imprensa refletiram esta nova realidade. A palavra combate ganha nova compreensão e paulatinamente o termo vai adquirindo a forma de luta antirracista. Diminui substancialmente o discurso moralizador, substituído por um discurso mais crítico e de combate: os temas moralizantes quase desaparecem e deu-se destaque para os cordões de carnaval, antes rejeitados como não civilizados, para o samba que se transformava em símbolo de brasilidade e o futebol, nova paixão popular, apareceu com força nos jornais como o orgulho da raça negra. Alargaram-se os horizontes de atuação dos militantes negros e se fortaleceu uma comunicação direta com outras camadas.

Na minha perspectiva ocorreu então uma maior aproximação entre a “elite negra” e as camadas populares, ocasionando o crescimento da atividade militante e de combate. Minha hipótese de trabalho para essa transformação é que foi o contato entre essas camadas de intelectuais letrados com ideias em circulação no Atlântico Negro, que ocasionou a mudança, hipótese que desenvolvo em capítulo próprio. As ideias do movimento negro norte-americano começaram a ser influentes dentro da imprensa negra paulista:

É possível que outras experiências tenham influenciado os letrados. O movimento negro norte-americano, por exemplo, era constantemente citado na imprensa negra. E, sem exagero, pode-se afirmar que servia de parâmetro para as ações dos letrados brasileiros. Contudo, o que importa enfatizar é que, à comunidade de letrados reforçada e talvez, com uma nova proposta de direção, eram impostos diferentes desafios que provocaram uma reformulação em diversas práticas e compreensões.<sup>90</sup>

Nesse processo de reelaboração de experiências militantes foram constituídos dois espaços de manifestação negra fundamentais para essas transformações: o jornal *O Clarim da Alvorada* e o Centro Cívico Palmares, desvinculados das sociedades recreativas.

O jornal *O Clarim da Alvorada* expressou de forma clara a evolução de ser um jornal voltado para as questões dos clubes associativos e recreativos para uma postura combativa que postulava um novo lugar para o negro brasileiro.

---

<sup>90</sup> CARDOSO, *A luta contra a apatia...* p. 124.

Fundado em 06 de Janeiro de 1924 com seu primeiro número com o nome *O Clarim*, a partir de 13 de maio de 1924 passou a se chamar *O Clarim d'Alvorada*, pois foi ameaçado de ser processado por outro jornal com o mesmo título. Tinha como seu endereço primeiramente a Rua Ruy Barbosa, nº 105, e depois na Rua Major Diogo, N 131, ambas as ruas sem indicação de bairro, na cidade de São Paulo, residências de um de seus fundadores, José Correia Leite, sendo seu outro fundador Jayme de Aguiar. Outros colaboradores eram Benedicto Ribeiro, Mysés Cintra, Cyro Costa, Gervásio de Moraes, Luis Barbosa, Deocleciano Nascimento e Horácio da Cunha. Sua periodicidade era mensal, com alguma irregularidade em sua publicação. Na maioria das vezes o jornal possuía quatro páginas. Algumas poucas edições possuíam cinco ou seis páginas. Seu valor do exemplar avulso era de \$ 200. *O Clarim da Alvorada* deixou de ser publicado em 1932 ao mesmo tempo em que este grupo de militantes rompeu com a Frente Negra sob a acusação do autoritarismo do presidente Evaristo Veiga Santos e que este estaria utilizando a entidade para divulgar sua ideologia fascista.

**Figura 10: Oficina do Clarim da Alvorada, década de 1930.**

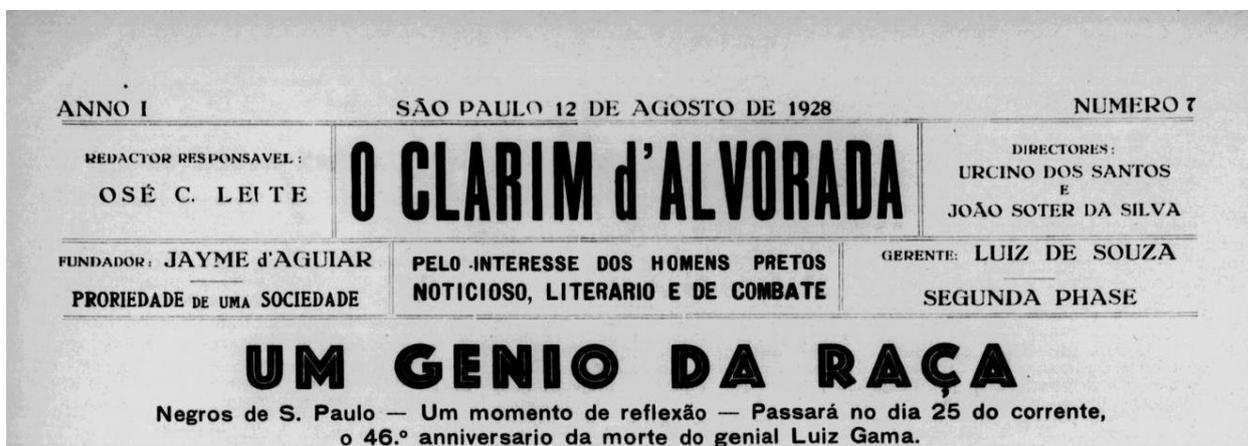


**Fonte: Livro E disse o velho militante José Correia Leite, p. 98.**

Interessante observar como a evolução do jornal fica demonstrada no subtítulo do jornal. Quando do seu lançamento era “Orgam Literário, Científico e Humorístico”, e a partir de 13 de maio de 1926 passou para “Orgam Literário, Noticioso Pelos Interesses Dos Homens de Côr”. Em 05 de fevereiro de 1928 outra mudança e passou para “Pelo Interesse dos Homens Pretos – Noticioso, Literário e De Combate” e já em 23 de Agosto de 1930 seu

subtítulo seria modificado mais uma vez para “Legítimo Orgam da Mocidade Negra”, que permaneceu até sua última edição em 28 de setembro de 1940.

Figura 11: Jornal *O Clarim da Alvorada* em sua fase de combate.



Fonte: Jornal *Clarim da Alvorada*, Nº 7, Segunda Fase, 12/08/1928.

O periódico em quase todos os números incluía fotografias ou ilustrações, sempre ligadas aos grandes personagens históricos negros tais como Luís Gama e José do Patrocínio ou movimentos e festas como o futebol ou carnaval, ou ainda a datas comemorativas como o 13 de maio. Possuía colunas fixas com temas variados, mas sempre ligados a questões da própria comunidade negra em São Paulo e do Brasil. Seus temas também incluíam a educação do negro, versos e poesias, festas sociais, mulheres negras, comunicação de casamentos e falecimentos. O fundador José Correia Leite comenta em seu livro biográfico como era a sua estratégia para a divulgação:

O jornal O Clarim oferecia notícias pra que a gente pudesse ter aceitação no meio das entidades negras. Então eram anunciadas festas, bailes, casamentos... Através desse expediente, conseguíamos que a entidade distribuísse os jornais. Quando chegávamos no baile com os exemplares, o mestre-sala mandava parar a música e anunciava. Algumas moças da entidade iam vendendo para os frequentadores, a duzentos réis. Mas a gente tinha de ter muita habilidade, pois certas entidades não aceitavam esse intercâmbio.<sup>91</sup>

Ainda Leite sobre o conteúdo do *Clarim* no seu início:

<sup>91</sup> LEITE, *E disse o velho militante...* p. 59

Concordei com o nome que ele [Jaime de Aguiar] sugeriu: Clarim, fui a tipografia para saber o preço de um milheiro. Foi uma alegria quando saiu o primeiro número. Era pequenininho, sem conotação política ou qualquer ideia da comunidade negra. Era um jornal de notícias literárias, embora eu não fosse literato e mal tivesse acabado de ter as primeiras noções de gramática [...].<sup>92</sup>

Notamos também que a própria trajetória e evolução do jornal está intimamente interligada com a relação entre seus próprios fundadores. Jaime de Aguiar e José Correia Leite se conheceram ainda na infância e formaram uma dupla duradoura na imprensa negra. Porém, com perfis muito diferentes, pois, Leite se mostrava mais propositivo e combativo nas questões do próprio movimento negro, enquanto Aguiar mais preocupado com as questões literárias e artísticas. Quando no ano de 1928 Jaime de Aguiar, o redator-chefe, anunciou para Leite, o redator-assistente, que iria se casar e pensava em fechar o jornal, este resolveu continuar a publicação e assumiu de vez a direção do periódico, imprimindo uma nova configuração, a segunda fase, como está escrito nos subtítulos. Se nos três primeiros anos Aguiar priorizou os textos literários, com sua saída, Leite seguiu um jornalismo de combate, segundo ele, com algumas ideias que “gostaria de aplicar”: “O jornal pode sair com uma vírgula errada, com erro de concordância, mas vai sair. Porque agora eu tenho umas ideias. Eu acho que nós estamos fazendo um jornal errado. Vamos fazer um jornal diferente...”<sup>93</sup>

Neste momento é possível percebermos uma transformação na linha editorial do jornal. A prioridade agora era buscar ações entre a população negra que garantissem a efetiva integração do negro na sociedade brasileira. Outras mudanças são perceptíveis:

Contudo, as mudanças mais profundas estavam relacionadas ao diagnóstico dos problemas que afligiam a população negra. Se até esse período o argumento comum era o de que a situação de pobreza da maioria dos negros era culpa dos próprios, a ideia que passa a prevalecer é a de que os brancos, ou o governo republicano, não haviam se preocupado com a condução do processo de integração dos escravos. Existia uma pobreza negra porque não houve um projeto dedicado a elevar socialmente essa população.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Idem, p. 29.

<sup>93</sup> Idem, p. 40.

<sup>94</sup> FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, Alameda, 2013, p. 78.

Esta mudança coincidiu com o aparecimento nas páginas do *Clarim* de artigos escritos no jornal *The Negro World* de Marcus Garvey, traduzidos em uma seção chamada de O Mundo Negro, questão da qual tratarei mais adiante.

Outra iniciativa tendo a redação do *Clarim* como um dos núcleos fundadores, foi o Centro Cívico Palmares, resultado do acúmulo de discussões dentro daquela geração de militantes que entendiam a necessidade de uma nova forma de organização da comunidade negra para além da vida social e de lazer proporcionada pelos clubes e associações.

Composto inicialmente por 150 membros, em 1926, o Centro foi criado a partir da ideia de formar uma biblioteca para a comunidade negra e como um lugar em que estas pessoas pudessem discutir seus problemas. Seu principal fundador e primeiro presidente foi Antonio Carlos, um sargento da Força Pública estadual que participou da Revolução de 24 na cidade de São Paulo e com a derrota da revolta agregou-se à coluna que se juntou a Luis Carlos Prestes na formação da Coluna Preste-Miguel Costa. Em suas memórias José Correia Leite identifica os objetivos do centro:

...fazer a aproximação do negro para uma tentativa de levantamento para acabar com aquela dispersão (...). O que Palmares queria era que o negro se tornasse um elemento de força, de conjunto. Não precisava que toda raça negra se reunisse, mas pelo menos parte dela tivesse aquela consciência. Falava-se na família palmarina, na família negra. O objetivo era de união, de aproximação. O clamor era sempre esse: de que o negro tinha de ter uma liderança, um caminho. (...) Toda preocupação era aquela: unir os negros para uma luta de reivindicação junto aos governos, para que eles ouvissem nosso apelo. [...] Discutia-se, conversava-se, sempre com esse anseio de que o negro devia sair da indiferença, da dispersão e deixar de certas banalidades, deixar de pensar apenas em baile, em festa. Devia pensar também na situação dele, de miséria que era grande.<sup>95</sup>

Seu segundo presidente, Joe Foyes Gittens, negro de origem inglesa sofreu forte oposição sendo acusado de comandar de forma ditatorial e de desvio de verbas. Esta crise interna levou a sua dissolução em 1929. Sua campanha mas exitosa foi a luta contra o decreto do governo paulista que proibia o ingresso dos negros na Guarda Civil de São Paulo. Júlio Prestes, então presidente do Estado de São Paulo, suspendeu o decreto. Parte significativa destes militantes irá compor a Frente Negra Brasileira, tais como Isantino Veiga dos Santos (que veio a ser o Secretário Geral da Frente Negra), Gervásio de Moraes, Manoel Antonio dos Santos, Roque dos Santos, Alberto Orlando e o grande orador Vicente Ferreira,

<sup>95</sup> LEITE, *E disse o velho militante...* p. 74 e 75.

além do seu primeiro presidente, Arlindo Veiga Santos. Deste modo, percebo o Centro Cívico Palmares como uma associação praticamente precursora do que seria a Frente Negra Brasileira fundada em 1931.

Outra articulação importante da redação do *Clarim da Alvorada* foi a iniciativa de uma campanha pela organização de um Congresso da Mocidade dos Homens de Cor com o objetivo de criar um “partido composto exclusivamente de homens de cor”. Este objetivo não foi alcançado, porém, desta ideia é que surgiu o Centro Cívico Palmares comentado acima. E com a crise deste em 1928 esta iniciativa foi retomada com mais força

Os apelos pela unidade e organização dos negros sempre foram enfatizados pelas lideranças negras e há diversos artigos da imprensa negra paulista, tentando mostrar que sem a união da comunidade negra quase nada poderia ser feito em seu próprio benefício. Através desta imprensa vimos que não foram poucas às vezes em que se tomaram atitudes concretas para que a realização desta união não ficasse apenas no discurso. Porém, muitos fatores concorreram para que isso não fosse efetivado. Regina Pahim Pinto ressalta esta questão:

Em 1925, esse mesmo jornal [*O Clarim da alvorada*] colocou a luta em prol da união como sua meta principal, sempre lembrando, através dos seus colaboradores, que não bastava o intercâmbio que ocorria dentro das associações dançantes, a luta deveria ser por algo mais grandioso. Praticamente em todos os números foram publicados um ou mais artigos sobre a necessidade da união e as consequências maléficas que a desunião acarretava.<sup>96</sup>

Os objetivos desse congresso seriam discutir o problema do negro brasileiro, a sua integração completa na vida política, econômica e social. Em um enorme artigo convocatório para este congresso no *Clarim*, Arlindo Veiga dos Santos tentou localizar a questão do negro dentro do nacionalismo e como uma reação ao imigrante estrangeiro que seria a grande ameaça.

---

<sup>96</sup>PINTO, Regina, *O movimento negro em São Paulo...* p. 271.



debatidos e a própria condução do processo de organização contribuiu para o fracasso do congresso neste momento. Em setembro de 1930 um último artigo referiu-se ao congresso e seus objetivos.

Apenas um ano depois é que o movimento negro brasileiro alcançou seu mais alto patamar com a fundação da Frente Negra Brasileira. No final do ano de 1931 o *Clarim da Alvorada* publicou um editorial da Frente Negra em que comunicava a sua organização e convoca todos os negros a ingressarem nesta nova entidade. Entre seus membros fundadores e do Conselho estava seu diretor de redação, José Correia Leite.

## Capítulo III – As conexões do Atlântico Negro na imprensa negra.

### 3.1 Teoria da História Atlântica.

O mito da modernidade<sup>97</sup> é inaugurado com o advento das grandes navegações e tendo como marco central a chegada de Cristovão Colombo na América em 1492. Esse mito está baseado na formação do eurocentrismo, entendido aqui como o imaginário moderno/colonial que organizou a exploração imperial das Américas. Segundo esse imaginário, o outro (sem escrita, sem história, sem desenvolvimento, sem religião, sem história) foi codificado como atrasado perante os europeus, estes supostamente superiores trazendo a civilização moderna para desenvolver os primitivos. Um discurso que inventa e classifica, e mais do que isso, subalterna as populações indígenas, povos africanos, os muçulmanos e os judeus. O Atlântico foi uma invenção da Europa, produto final de sucessivas ondas de navegação, administração, colonização, exploração e imaginação. O impacto desde encontro atlântico provoca o surgimento do que Immanuel Wallerstein cunhou de “sistema-mundo moderno”:

Foi nos fins do século XV e princípios do século XVI que apareceu a que podemos chamar uma economia-mundo européia. Ela não era um império mas, no entanto, era tão extensa como um grande império e partilhava algumas das suas características. Mas era diferente, e nova. Era uma espécie de sistema social que o mundo ainda não conhecera realmente antes e que constituiu a característica distinta do sistema mundial moderno. Era uma entidade econômica mas não política, ao contrário dos impérios, cidades-estados e nações-estados. De fato, ela continha precisamente dentro dos seus limites (é difícil falar de fronteiras) impérios, cidades-estados e “nações-estados” em ascensão. Era um sistema-“mundial”, não porque contivesse todo o mundo, mas porque era mais lata (sic) do que qualquer unidade política juridicamente definida. E era uma “economia-mundo”, porque as ligações básicas entre as partes do sistema eram econômicas, embora fossem reforçadas em algumas medidas por laços culturais e eventualmente, como teremos ocasião de ver, por arranjos políticos e inclusivamente estruturas confederadas.<sup>98</sup>

Hoje se fala muito do fenômeno de globalização, porém, esta é a fase de um processo mais amplo que se inicia ainda no século XV. Pela primeira vez na história da

---

<sup>97</sup> Para uma maior discussão sobre o “mito da modernidade” ver DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Coleção Sur Sur. Clacso, 2005.

<sup>98</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *O sistema mundo Moderno – I. A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo européia no século XVI*. Porto: Edições Afrontamento, 1974, p. 25.

humanidade ocorre um contato entre os povos de todos os continentes do planeta. Assim, desde aquele momento, se intensificou o intercâmbio entre as diversas regiões do mundo. Ameríndios, europeus, africanos e asiáticos criaram condições (intencionais ou não) para uma complexa rede de trocas culturais, econômicas, políticas, demográficas e também biológicas. Uma das mais notáveis atividades que permitiram esta conexão durante a era moderna foi o tráfico negro, o comércio de escravizados.

Diante desse acúmulo de conexões e interações busco aqui pensar formas de compreender o conjunto de relações estabelecidas no espaço do Atlântico. Neste caso, não o Atlântico como espaço geográfico absoluto, e sim como um espaço histórico-social, o Atlântico entendido como uma unidade de análise, articulando sempre as especificidades locais com a dinâmica geral do Atlântico e, assim sendo, o Mundo Atlântico seria o resultado do encontro de mundos distintos. Para isso determinado grupo de historiadores<sup>99</sup> buscou com suas obras desenvolver uma História Atlântica que visa, entre outros elementos, uma melhor compreensão da vivência dos homens e mulheres que trocaram suas experiências e culturas e assim forjaram aspectos identitários.

Os estudos de uma perspectiva atlântica têm seu início na década de 50 ainda dentro da lógica da Guerra Fria. Jornalistas e historiadores propuseram a ideia de que desde o iluminismo havia ocorrido uma “civilização” comum no Atlântico Norte, que ligava os Estados Unidos e a Europa dentro de um conjunto de valores comuns (democracia, liberalismo, racialmente branco, judaico-cristão). Armitage chamou essa história de “Atlântico branco”, pois, toda a diáspora negra é esquecida (a história do comércio de escravizados, da escravidão, a história da África). Era mais uma história conectada com uma “civilização ocidental” e o Atlântico Norte, esquecendo-se do Atlântico Sul. Ideologicamente pensava-se o Atlântico como uma comunidade dentro da civilização ocidental em contraposição ao bloco soviético. Evidentemente existia uma forte tendência para a disputa política e ideológica entre os agentes envolvidos.

Já nos anos 1960 a perspectiva Atlântica ganha novo impulso com as pesquisas que buscavam compreender um sistema mais complexo entre África, Europa, América do Norte e América do Sul, articulando questões locais ao contexto mais amplo do Atlântico. Ela se transformou em uma história racialmente multicolorida.

---

<sup>99</sup> Cito aqui três historiadores que desenvolveram reflexões teóricas pertinentes a respeito dessa História Atlântica: RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Sulcando os mares: Um historiador português enfrenta a “Atlantic History”*. São Paulo: Revista História USP, 28 (1), 2009. ARMITAGE, David. *Três conceitos de história atlântica*. São Leopoldo: Revista Unisinos, 18 (2), Maio/Agosto, 2014, p. 206-217. TOMICH, Dale. *O Atlântico como espaço histórico*. Rio de Janeiro, Revista Estudos Afro-Asiáticos, ano 26, nº 2, 2004, p. 221-240.

O próprio Atlântico branco se tornou um campo de estudo autoconsciente mais do que um modelo definidor para todas as outras histórias atlânticas. O Atlântico negro da diáspora africana se juntou ao Atlântico verde da dispersão política e demográfica irlandesa. Existe hoje até mesmo um Atlântico vermelho, escrito a partir do marxismo, que descreve a formação de uma classe trabalhadora multinacional, multiétnica e multicultural no mundo atlântico inglês, formando uma “Hidra de muitas cabeças”.<sup>100</sup>

A referência à “Hidra de muitas cabeças” faz alusão à obra de dois historiadores ingleses: Peter Linebaugh e Marcus Ridiker. Dessa maneira, a perspectiva atlântica pode ser pensada a partir dos pressupostos da História Social inglesa desenvolvida na década de 1960 por historiadores como E. P. Thompson, Christopher Hill, Perry Anderson, Richard Hoggart, Eric Hobsbawn, entre outros. O trabalho de Linebaugh e Ridiker é bastante representativo dessa escola historiográfica.

Em um ensaio inovador com título de *Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram* do ano de 1983, um discípulo de Thompson<sup>101</sup>, Peter Linebaugh, se propõe fazer uma “história vista de baixo”, pensando os conflitos e dominação de classe, refletindo sobre as experiências dos trabalhadores em uma perspectiva atlântica. Partindo das visões antagônicas de Francis Bacon e William Blake, Linebaugh procura “apontar para eventos profundos e hemisféricos que se originam abaixo da superfície das coisas e que não estão confinadas a qualquer nação em particular, surgindo sim de todos os quatro cantos do Atlântico – América do Norte e do Sul, Europa e África”.<sup>102</sup> Seguindo os passos de Thompson que considerava o povo inglês como portador de uma “tradição da dissidência radical” onde a busca pela liberdade e democracia são estabelecidas desde a Revolução Inglesa pelos Levellers (Niveladores), os Seekers e os Ranters, Diggers (Cavadores) ou ainda Muggletonians, Grindletonians e Quakers, que questionavam todos os tipos de autoridade: da lei, do rei, das escrituras, da propriedade, do patriarcado. Como diziam os Diggers: “Deus não é respeitador de pessoas” para expressar que Deus não diferenciava ninguém pelo critério de raça, classe, gênero ou nação. Sujeitos vivamente apresentados por Christopher Hill em seu livro *O mundo de Ponta-Cabeça*.

Para Linebaugh, com a derrota desses movimentos e ideias na Inglaterra, se inicia um processo de dispersão que as levaram em todas as direções, particularmente o Mundo

<sup>100</sup> ARMITAGE. *Três conceitos de história Atlântica...* p. 208.

<sup>101</sup> Sobre a trajetória intelectual e teórica de Edward Palmer Thompson ver MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

<sup>102</sup> LINEBAUGH, Peter. *Todas as montanhas atlânticas estremeceram*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, N° 6, 1983, p. 7.

Atlântico. Com o início da formatação a partir do século XVI do sistema capitalista de produção e suas posteriores leis contra a vadiagem e todos os seus códigos para obrigar ao trabalho aos pobres, dentro da nova lógica capitalista, a solução encontrada pelos dissidentes radicais foi o navio rumo às colônias britânicas na América do Norte, para Barbados, São Domingos, Jamaica:

As tradições opostas às sujeições internas da ética do trabalho protestante e também às sujeições externas ao trabalho assalariado, dispersaram-se do outro lado do Atlântico com uma face branca, assim como um século depois, transformadas por experiências novas, elas retornariam com uma face negra para ajudar a reavivar o movimento na Inglaterra.<sup>103</sup>

Ainda segundo Linebaugh, essas “novas experiências de face negra” foram trazidas para a Inglaterra um século depois por homens como Olaudah Equiano<sup>104</sup> (Gustavus Vassa, nome cristão): homem nascido livre na África na etnia Igbo. Escravizado aos 12 anos na região da atual Nigéria, seus donos foram oficiais da Marinha. Comprou sua liberdade aos 20 anos e se transformou em marinheiro, trabalhou em navios negreiros para seu imenso constrangimento, navegou como homem livre em diversos portos do mundo, se casou em Londres, liderou ativamente o movimento abolicionista na Inglaterra que em 1807 dará fim à escravidão. Escreveu um livro autobiográfico, participou da Guerra dos Setes Anos e da primeira expedição ao Pólo Norte; foi a Serra Leoa na formação inicial deste país, correspondeu-se com a Rainha solicitando a abolição da escravatura, e se tudo isso não bastasse, junto com a comunidade negra da cidade de Londres, jogou-se na organização do movimento operário inglês através da Sociedade Londrina de Correspondência que possuía sua célebre primeira diretriz: “Que o número de nossos membros seja ilimitado”, entidade esta estudada por Thompson<sup>105</sup> de forma notável a partir das memórias de Thomas Hardy (Equiano foi hóspede na casa de Hardy entre 1790 e 1792).

Outra trajetória, também exposta em uma autobiografia, é a de Mahommad Gardo Baquaqua<sup>106</sup>, muçulmano (depois convertido ao cristianismo pela igreja batista norte-

<sup>103</sup> Idem, p. 23.

<sup>104</sup> Para conhecer um pouco mais sobre a vida de Equiano ver o capítulo 4 do livro RIDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

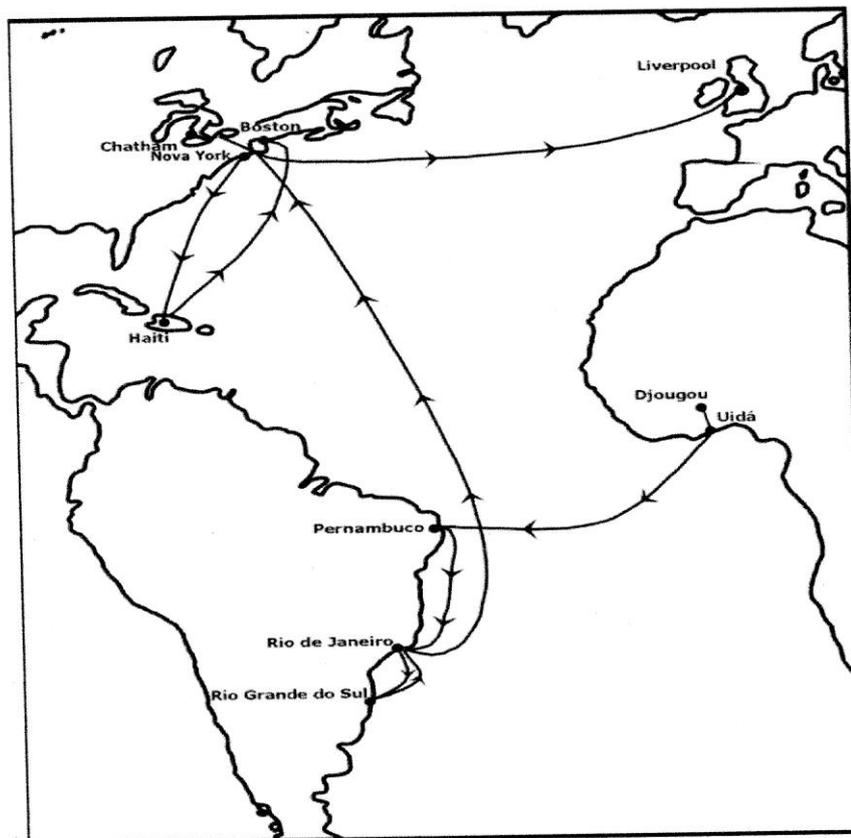
<sup>105</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro, 2004.

<sup>106</sup> LOVEJOY, PAUL E. *Identidade e miragem da etnicidade: a jornada de mohommah Gardo Baquaqua para as Américas*. Revista Afro-Ásia, Nº 27, 2002, 9-39. Segundo Lovejoy: “O relato de Baquaqua serve como exemplo de como uma biografia pode informar a nossa compreensão da diáspora africana, e de como indivíduos encaixavam-se na história da escravidão transatlântica.” p. 6.

americana) nascido na década 1820 na África Ocidental, em Djougou (território axanti, hoje norte da atual República do Benin). Escravizado, chegou à Pernambuco em 1845 onde foi comprado por um padeiro. Vendido para um capitão de navio, veio para o Rio para trabalhar como marujo em navio e aproveita uma viagem para Nova York para fugir e conseguir a liberdade. Inicia seu treinamento para ser missionário, tendo passado dois anos no Haiti. Ditou para o pastor protestante Samuel Moore a história da sua vida, que foi transformado no livro *Uma narrativa interessante, a biografia de Mahommad G. Baquaqua*. Estava em Londres em 1857, e a partir de então, não se sabe mais dele. Com certeza uma vida “incomum” como chamou Lovejoy, principalmente pelas suas andanças atlânticas e porque é uma dos poucos relatos escritos que nos deixaram um escravizado.

Veja abaixo os caminhos atlânticos percorridos por Baquaqua produzido por Lovejoy.

**Figura 13: Trajeto Atlântico de Mahommad Baquaqua.**



Mapa 1 Rota de Baquaqua da África para as Américas e Inglaterra

Estou de acordo com a opinião de Linebaugh de que os exemplos de Olaudah Equiano, de Mahommad Gardo Baquaqua de Ottobah Cugoano e de outros, representam significativamente a forma de agir e pensar no Mundo Atlântico, envolto em grandes redes de conexões:

A segunda fase da história foi a da consolidação e do início do que tem sido denominado de “proto-pan-africanismo”. Um homem da nação Fantee, Ottobah Cugoano, foi o primeiro ex-escravo e africano a clamar pela total abolição do tráfico de escravos. Ele foi estratégico para a formação da London African Association e um líder da expedição abortada para Serra Leoa, o primeiro dos movimentos pró-retorno à África. Seu *Thoughts and Sentiments* (1787) apresenta a linguagem violenta dos pregadores puritanos revolucionários, bem como duradouras declarações de pan-africanismo. Nisso ele desenvolve uma perspectiva oceânica que pode ser comparada àquela de W. E. B. Dubois que via um nexu entre abolição da escravidão e a comuna de Paris de 1871.<sup>107</sup>

Interessante chamar a atenção para o valor do navio como forma de transporte, mais também de comunicação de ideias, como ele afirma: “O navio permaneceu talvez o canal mais importante da comunicação pan-africana antes do surgimento do disco LP”.

O navio carregava trabalho cristalizado; e também levava trabalho vivo: navios de criminosos desterrados, de *indentured servants* e, sobretudo de escravos africanos. O navio não era apenas meio de comunicação entre os continentes, era o primeiro lugar onde os trabalhadores dos continentes se comunicavam. Todas as contradições do antagonismo social concentravam-se no seu bojo. O imperialismo era o principal. Quaisquer que fossem os pontos elevados que se sobressaíssem ao sol do imperialismo europeu, eles sempre lançavam uma sombra africana: não era apenas o taifeiro de Cristovão Colombo que era negro – também seu piloto, Pedro Nino, era africano. O *Mayflower*, assim que desembarcou os famosos peregrinos, zarpu para as índias ocidentais com uma carga de gente da África. Forçado pela magnitude de seus negócios a ajuntar grandes e heterogenias massas de homens e mulheres a bordo dos navios para uma grande viagem de morte a um destino cruel, o imperialismo europeu também criou as condições para a circulação de experiências no interior das grandes multidões de trabalhadores que pusera em movimento. As pessoas conversam, afinal.<sup>108</sup>

Dando continuidade à sua perspectiva atlântica, Peter Linebaugh unido a Marcus Ridiker escrevem *A Hidra de Muitas Cabeças: Marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. Os autores utilizam a metáfora criada pelos defensores do sistema capitalista atlântico da Hidra de Lerna, a “hidra de muitas cabeças”

---

<sup>107</sup> Idem, p. 40.

<sup>108</sup> Idem, p. 33.

para designar os diversos grupos e movimentos que ameaçavam a construção desse sistema nos séculos XVII e XVIII: plebeus sem posses, criminosos desterrados, radicais religiosos, trabalhadores urbanos, marinheiros, soldados, africanos escravizados, estando Hercules representando a produção capitalista, o desenvolvimento econômico, o progresso e o trabalho. Os governantes viram na Hidra de muitas cabeças um símbolo da desordem e resistência, sendo assim, uma poderosa ameaça à construção do capitalismo e do Império Britânico no Atlântico.

...os governantes usaram o mito de Hércules e da hidra para descrever a dificuldade de impor a ordem em sistema de trabalho cada vez mais globais, apontando aleatoriamente plebeus esbulhados, delinquentes deportados, serviçais contratados, extremistas religiosos, piratas, operários urbanos, soldados, marinheiros e escravos africanos como as cabeças numerosas e sempre cambiáveis do monstro. Mas as cabeças, apesar de originalmente postas numa combinação produtiva por seus hercúleos dirigentes, logo desenvolveram entre si novas formas de cooperação contra esses dirigentes, que iam dos motins e greves aos tumultos, levantes e revoluções. Como as mercadorias que produziram, sua experiência circulava com as correntes planetárias pelo Atlântico, em geral para o leste, das colônias americanas, das terras comunais irlandesas e dos navios de alto-mar de volta para as metrópoles da Europa.<sup>109</sup>

A transmissão circular da experiência humana da Europa para as Américas, e depois em sentido contrário, estudada pelos autores, apresenta uma contranarrativa da modernidade, expondo o outro lado – uma história do Atlântico vista de baixo<sup>110</sup> - da formação inicial do capitalismo global e do “proletariado atlântico”. Em cada um dos casos discutidos no livro (motins, revoltas, conspirações, oposições das classes subalternizadas) ficam claras as forças e personagens atlânticos e a circulação de experiências que influenciaram suas ações. Para os autores da obra:

Nosso livro é um olhar de baixo para cima. Tentamos recuperar alguma coisa da história perdida da classe trabalhadora multiétnica essencial ao surgimento do capitalismo e da moderna economia global. A invisibilidade histórica de muitos dos sujeitos do livro deve-se em grande parte à repressão de que foram vítimas: a violência da fogueira, do cepo, da forca e dos grilhões de um escuro porão de navio. Também deve muito à violência da abstração com que a história é escrita, à severidade da história que há muito tem sido cativa do Estado-nação, que em muitos estudos continua sendo a moldura de análise largamente incontroversa. Este livro trata de conexões

<sup>109</sup> LINEBAUGH, Peter; RIDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 12.

<sup>110</sup> Sobre a concepção de uma “história vista de baixo” ver SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In: BURKE, PETER (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

que, no decorrer dos séculos, têm sido geralmente negadas, ignoradas, ou que simplesmente passaram despercebidas, mas que, apesar disso, influenciaram profundamente a história do mundo em que todos vivemos e morremos.<sup>111</sup>

Para o caso do Brasil é possível analisar através da perspectiva atlântica como eventos brasileiros podem ser compreendidos em conexão com outros ocorridos na África ou até mesmo na Índia. Vejamos alguns exemplos.

Uma das obras que podemos incluir nesse contexto é *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul* do historiador Luiz Felipe de Alencastro. Como o próprio subtítulo sugere: o Brasil formou-se fora do Brasil num jogo recíproco que ocorre em terras africanas e americanas no Atlântico e que se completam tendo como intermediário o oceano. “É daí que surge o Brasil no século XVIII. (...), é mostrar como essas duas partes unidas pelo oceano se completam num só sistema de exploração colonial cuja singularidade ainda marca profundamente o Brasil contemporâneo.”<sup>112</sup>

Outra obra que reforça essa abordagem é *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos* de Pierre Verger. Livro lançado em 1968, então pioneiro para sua época, seu objetivo era estudar as relações estabelecidas, principalmente pelo comércio de escravos, por intermédio do Atlântico na formação do Brasil e da África Ocidental. Na sua introdução, Verger deixa claro o impacto provocado pelas duas margens do Atlântico: “Espero ser este livro capaz de transmitir a impressão de unidade que tanto me surpreendia, em minhas frequentes idas e vindas entre a Bahia e o antigo Daomé, na medida em que muito me impressionava encontrar numa margem do Atlântico coisas familiares e semelhantes àquilo que existia do outro lado.”<sup>113</sup>

Essas “margens atlânticas” da qual fala Verger se encontram com *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África* coletânea de artigos de Alberto Costa e Silva onde este descreve os vínculos estabelecidos entre o litoral africano e as margens da América, via mercadores, marinheiros, ex-escravos, escravos, que iam e vinham nas duas margens do rio.

As trocas deram-se nas duas direções, e a cada um dos lados do Atlântico não era de todo desconhecido e indiferente o que se passava no outro. A

<sup>111</sup> LINEBAUGH, Peter; RIDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças...* p. 15.

<sup>112</sup> ALENCRASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 9.

<sup>113</sup> VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo no tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Salvador: Corrupio, 2002, p. 23.

independência do Brasil, por exemplo, não ficou despercebida na África – e o prova o terem sido dois africanos os primeiros reis a reconhecê-la, o obá Osemwede, do Benin, o *Ologun* Ajan (ou obá Osinlokun), de Eko, Onim ou Lagos. Em Angola, os acontecimentos de 1822 tiveram enorme impacto, chegando a gerar uma corrente favorável à separação de Portugal e à união ao Brasil. (...) Repito: muito do que se passava na África Atlântica repercutia no Brasil, e vive-versa. Os contatos através do oceano eram constantes: os cativos que chegavam traziam notícias de suas nações, e os marinheiros, os ex-escravos de retorno e os mercadores levavam as novas do Brasil e dos africanos que aqui viviam para uma África que era ainda, no início do século XIX, um continente sem senhores externos.<sup>114</sup>

Com o domínio colonial europeu na África na segunda metade do século XIX e o fim do tráfico negreiro entre Brasil e África, as conexões entre as margens deste grande rio diminuíram, mas não cessaram completamente. Se a primeira onda da diáspora africana está associada ao deslocamento dos escravizados pelas Américas e em muitos casos seus retornos à África, outras ondas sucessivas, já no século XX, foram marcadas por uma migração voluntária (jamaicanos indo para Londres, angolanos para o Brasil, etc) ou ainda sob o impacto causado pelo processo de descolonização e independência dos países africanos que ocorre no pós-segunda guerra. É certo que as relações África-Brasil não se desintegraram completamente. Podemos afirmar que elementos histórico-culturais em comum fizeram com que esses povos e regiões, principalmente da África Ocidental e Central, preservassem diversos níveis e formas de diálogo até os dias atuais.

Para finalizar este ponto da discussão teórica, retorno ao já citado artigo do historiador britânico David Armitage, que propõe uma tipologia tripla que possa abranger todas as formas possíveis de se fazer uma História Atlântica:

- (1) História circum-atlântica – a história transnacional do mundo atlântico.
- (2) História trans-atlântica – a história internacional do mundo atlântico.
- (3) História cis-atlântica – a história nacional ou regional dentro de um contexto atlântico.

Para o desenvolvimento de meu estudo, me interessa utilizar a categoria de História circum-atlântica, que segundo Armitage:

---

<sup>114</sup> SILVA, Alberto Costa e. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 54-55.

A história circum-atlântica é a história atlântica como uma zona particular de trocas e intercâmbios, circulação e transmissão. É portanto, a história de um oceano como uma arena distinta de qualquer uma das zonas oceânicas particulares e mais estreitas que a compõem. Esta área certamente abrange os litorais do atlântico, mas apenas na medida em que estas margens formam parte de uma história oceânica maior, mais do que um conjunto de histórias nacionais e regionais específicas que desembocaram no Atlântico. É a história das pessoas que cruzaram o Atlântico, que viveram em seu litoral e que participaram das comunidades que ele tornou possíveis, de seu comércio e de suas ideias, assim como das doenças que carregavam, da flora que transportaram e da fauna que transportaram.<sup>115</sup>

Seguindo os passos dessa perspectiva atlântica, Paul Gilroy em seu livro *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, compreende o Mundo Atlântico dentro de uma visão analítica fornecida pela ideia da diáspora<sup>116</sup> negra relacionando as experiências modernas das comunidades e interesses negros em várias partes do mundo. Sua tese central é que os ideais antirracistas, embora muitas vezes se apresentem como nacionais, são construídos num circuito transatlântico, pois o tráfico, a escravidão e os debates raciais do século XX são marcados pelo intercâmbio intelectual entre ideias e pensadores, tais como Franz Fanon, C.L.R. James, Frederick Douglas, Léopold Sédar Senghor, Marcus Garvey, James Baldwin, Toussaint L’ouverture, Aimé Césaire ou W. E. B Du Bois com outros diversos pensadores brancos e seus movimentos de ideias e culturas. Gilroy utiliza-se da metáfora do navio para mostrar como intelectuais negros passam pelo mundo todo conectando e reconectando-se uns aos outros, e com a história desse mundo Atlântico.

Inclusive, antes do conceito de Atlântico Negro se tornasse usual nos meios acadêmicos, seu significado como uma forma de compreender e escrever a história que tornava os negros protagonistas centrais do mundo atlântico já estava esboçado em obras de intelectuais negros como a de C.L.R. James, *Os jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*<sup>117</sup> lançada na década de 1930, em que os rumos da Revolução Francesa vão coincidir com o destino da revolução no Caribe francês ou ainda na vasta obra histórica e literária de W. E. B. Du Bois.

A construção teórica do Atlântico Negro de Gilroy nos propõe:

---

<sup>115</sup> ARMITAGE. *Três conceitos de história atlântica...* p. 209.

<sup>116</sup> Para uma genealogia de diáspora e um diálogo crítico com as ideias de Gilroy ver EDWARDS, Brent Hayes. *Os usos da diáspora*. Porto Alegre, Revista Translatio, Nº 13, junho de 2017.

<sup>117</sup> JAMES, C.L.R. *Os jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

Em oposição às abordagens nacionalistas ou etnicamente absolutas, quero desenvolver a sugestão de que os historiadores culturais poderiam assumir o Atlântico como uma unidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno e utilizá-la para produzir uma perspectiva explicitamente transnacional e intercultural. [...] a ideia do Atlântico negro pode ser usada para mostrar que existem outras reivindicações a este legado que podem ser baseadas nas estruturas da diáspora africana no hemisfério ocidental. Uma preocupação com o Atlântico como sistema cultural e político tem sido imposta à historiografia e à história intelectual negra pela matriz histórica e econômica na qual a escravidão da plantation – “o capitalismo sem suas roupas” – foi um momento especial.<sup>118</sup>

Se apropriando do conceito de “dupla consciência” elaborado por W. E. B. Du Bois, Gilroy analisa essa identidade negra partida, essa dualidade existente entre ser negro e filiado a uma determinada nacionalidade. Para Du Bois:

Todos sentem alguma vez sua dualidade – de um lado americano, um lado negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços inconciliáveis; dois ideais em guerra em um só corpo escuro, cuja força tenaz é apenas o que a impede de se dilacerar.<sup>119</sup>

Acredito que este paradoxo entre nacionalismo e “ser negro” também pode ser encontrado em diversos discursos dos líderes do movimento negro brasileiro, principalmente na liderança da primeira geração que estudamos anteriormente. Homens como Arlindo Veiga dos Santos, Jose Correia Leite e outros experimentaram esta dualidade da “dupla consciência” aspirando a uma nacionalidade que incluísse a população negra.

### **3.2 A África na Imprensa negra: Atlântico Negro e diáspora.**

Desde a antiguidade clássica as representações sobre o continente africano têm passado por sucessivas transformações. Em Roma, os poucos contatos com a África ao sul do Saara fazia com que esta região tivesse a feição de um verdadeiro pesadelo, onde a vida sob o sol escaldante seria praticamente inviabilizada.<sup>120</sup> Já no decorrer do século XIV, com o aumento dos contatos costeiros entre os europeus e africanos, o fantástico vai se impondo como o verdadeiro. Os relatos fantásticos sobre a África e seus habitantes (homens que se transformam em leões, aldeias de homens com rabo, homens com cabeça de cachorros, etc) se

<sup>118</sup> GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 57-58.

<sup>119</sup> Du Bois apud Gilroy, Idem, p. 248.

<sup>120</sup> SILVA, Alberto Costa e. *Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX*. São Paulo: Penguin, 2012.

multiplicam nesta época. O gosto pelo maravilhoso e fantástico criava relatos de veios de ouro incríveis. Também os árabes, sem fugir do maravilhoso, visitaram esta região e deixaram relatos sobre a sua própria curiosidade a respeito desta terra, considerada por eles exótica e lugar de infiéis. Com a chegada dos portugueses a preocupação passa a ser com os relatos descritivos, comentar sobre as rotas, os ventos, as marés, os lugares favoráveis ao comércio com africanos, sem se descuidarem dos comentários sobre seus habitantes, língua, suas crenças religiosas, alimentação, as armas e instrumentos de trabalho, etc. Nos séculos XVII e XVIII foi-se consolidando as representações da África como um continente misterioso e carregado de segredos. A decepção vinha acompanhada dos poucos europeus que retornaram e relataram suas experiências no coração da África, onde só encontravam agruras. Foi no século XIX que o colonialismo europeu modifica novamente a imagem da África.

Esse desejo de saber mais foi crescentemente servido por textos em que o africano deixava de ser visto com simpatia e até mesmo, em alguns casos, admirada. Ao contrário do que se dera nas narrativas escritas nos dois primeiros séculos de encontros, não revelavam qualquer esforço para compreendê-los. Os africanos passaram a ser descritos como preguiçosos, volúveis, estúpidos, supersticiosos, mentirosos, inconstantes, dissimulados, ladrões, gananciosos, violentos, rancorosos, vingativos, traiçoeiros. E sobre este e aquele povo lançou-se acusação de antropofagia. A África aparece cada vez mais como um continente perversamente imperfeito, que a Europa tinha o dever moral de tirar da escuridão e pôr nos eixos. Iam-se tecendo assim as justificativas para o domínio colonial sobre o continente.<sup>121</sup>

No Brasil, o conjunto de imagens que compunha as representações sobre a África continuou baseadas nos estereótipos do período em que os africanos eram figuras comuns aos brasileiros. Como bem observa Anderson Ribeiro Oliva<sup>122</sup>, dois grupos no Brasil se preocuparam com as representações da África durante o período de domínio do colonialismo europeu, comentado acima pelo professor Alberto Costa e Silva: os intelectuais brasileiros e as organizações negras.

Segundo Oliva, até o final do século XIX, a imagem dos africanos que prevaleceu no imaginário do brasileiro foi aquele que associava as representações estereotipadas construídas pelo domínio colonial na África e que se somaram à condição escrava do negro brasileiro. Era um cenário confuso e romantizado que demonstrava o pouco conhecimento sobre o continente africano. Tal postura fica evidente, por exemplo, na obra de Castro Alves, como em “Navio

---

<sup>121</sup> Idem, p. 15.

<sup>122</sup> OLIVA, Anderson Ribeiro. *A invenção da África no Brasil: os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros nos séculos XIX e XX*. Revista África e Africanidades, v. 1, 2009, p. 1-27.

Negreiro”, “Vozes d’África” e “A canção do africano”. Ou em intelectuais como Silvio Romero e Nina Rodrigues que procuraram sintetizar e definir as principais características dos povos africanos que formatam o povo brasileiro. A influência desses intelectuais, apesar das suas opiniões racistas, de acreditarem que foi negativa a participação negra na sociedade brasileira ou que os indivíduos oriundos da África deveriam ser igualmente considerados como integrantes de “raças inferiores” era tão grande que até a própria imprensa negra reproduzia em seus jornais matérias elogiosas sobre o pensamento desses intelectuais. Estas representações da África não são alteradas na imprensa negra até meados da década de 1920.

O segundo grupo que refletiu sobre as representações da África foram as organizações negras. Em decorrência disso, e tendo em vista uma perspectiva atlântica, como a África foi representada nos jornais da imprensa negra brasileira e especificamente no jornal *O Clarim da Alvorada*? Para responder a esta questão pesquisamos quatro dos mais conhecidos periódicos da imprensa negra: *A Voz da Raça*, *O Clarim da Alvorada*, *Getulino* e *o Progresso*. De uma forma geral as reportagens que falavam diretamente sobre a África eram esporádicas e raras, com exceção do jornal *Progresso* que tinha um interesse maior na divulgação desse tipo de notícia e do *Clarim da Alvorada* nos seus três últimos anos de vida. Existiam também notícias ou comentários que não se reportavam diretamente à África, mais que são referências indiretas, como falar sobre a escravidão no Brasil, biografias de negros, valorização do homem negro, e principalmente quando discursavam sobre as origens do negro brasileiro. Neste cenário, a África era um lugar distante, de onde foram trazidos os antepassados dos negros brasileiros que aqui chegando, se transformam na grande força de trabalho da nação. Para o escopo deste trabalho buscaremos analisar apenas as citações diretas sobre a África.

Em primeiro lugar destaco que a África representada na imprensa negra está recortada a delimitada a poucas regiões: Libéria, África do Sul e na maioria das vezes Etiópia/Abissínia. Ou por vezes a África formando uma unidade. O jornal *Getulino* segue o padrão:

São reduzidas as referências feitas no jornal ao continente africano, constituindo-se de artigos pequenos, com poucas linhas e posicionados sempre nas páginas intermediárias do jornal. Atenção especial foi concedida à Abissínia, atual Etiópia, destacando o reinado de seus reis monarcas como exemplos dignos de serem lembrados para exaltar a capacidade dos povos africanos.<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> MIRANDA, *Um caminho de suor e letras...* p. 172.

A Libéria foi um país fundado em 1822 com o apoio não oficial do governo dos Estados Unidos, dentro de um projeto de retorno para a África da população negra desse país libertados da escravidão. Na prática sempre foi um protetorado estadunidense na África, por isso, foi um dos poucos países a ter a condição de “independente”, apesar do processo de colonização europeia na África.

Além da Libéria, apenas a Etiópia conseguiu manter este status. Este fato servia como referência positiva para as lideranças negras no Brasil. Uma notícia do *O Clarim da Alvorada* sobre este país dá conta que:

Dois países africanos independentes, governados por negros, a Libéria e a Abyssinia são muito desconhecidos na América do Sul. A sua cultura, o seu comércio, a sua indústria, a sua civilização e a sua educação permanecem ignorados. [...] A essência dos factos de que vou tratar sobre os pequenos países independentes da África é muito interessante para todos quantos se preocupam com os progressos da raça humana [...] Como disse, a Libéria é o segundo país independente da África, governado por gente africana. [...] A Libéria é muito ciosa do seu próprio desenvolvimento e faz o possível afim de acompanhar a marcha do progresso.

Se ainda não está mais adiantada, isso não é por ignorância ou negligência, mas por falta de fundos necessários para o desenvolvimento do seu programa. A Libéria não faz a política de empréstimos temendo expor, em benefício de sua economia, a sua independência política.

Se a Libéria adotasse a política financeira das colônias decerto estaria materialmente adiantada como elas, mas a sua independência política seria usurpada pelas mãos habilíssimas dos povos dominadores. Os Liberianos evitam o mais possível a infiltração européia.<sup>124</sup>

Outro país que chamava a atenção da imprensa negra era a África do Sul muito em decorrência da sua política de segregação.

---

<sup>124</sup> *O Clarim da Alvorada*, Nº 6, 1928.

Figura 14: Matéria do jornal Progresso sobre a questão racial na África do Sul.



Fonte: Jornal Progresso, Nº 26, 31/07/1930.

A luta pela garantia aos negros ao trabalho foi assim registrada no jornal *Progresso*:

Um despacho de Londres para a Agência Americana, informa que o conselho geral da União dos Mineiros, da África do sul, reunido em Joannesburg, resolveu eliminar de sua constituição a clausula que proíbe o trabalho dos pretos nas minas.<sup>125</sup>

O país do qual se dava mais notícias era sem dúvidas a Etiópia. Este país sempre constituiu uma representação emblemática do continente africano. Nos mapas antigos, Etiópia e África são sinônimos. País antigo e cristão, mitologicamente ligado ao Rei Salomão e a Rainha de Sabá, no ano de 1896 enfrentou e derrotou as forças italianas na Batalha de Adowa, liderados pelo seu imperador Menelik II, causando surpresa no mundo. A Itália fascista de Benito Mussolini, pretendendo se vingar da derrota atacou o país em 1935, ocupando esta região até 1941. Neste ano, a resistência etíope junto com os britânicos expulsou os italianos. É desta longa tradição de luta e independência que a Etiópia ocupa um enorme prestígio no imaginário da população negra não só no Brasil, como também nas

<sup>125</sup> *O Progresso*, Nº 10, Ano I, 1929.

Américas, naquela condição de ser a “última nação africana livre”.<sup>126</sup> A situação da Etiópia foi notícia na imprensa negra brasileira, até mesmo antes da guerra.

Este Império africano que desde os tempos bíblicos de Salomão, tem se mantido independente, graças a heroicidade de seu povo, e a inteligência de seus governos, como foram a famosa Rainha de Sabá e o glorioso Menelick até a imperatriz Judith, recentemente falecida, vai celebrar com toda a solenidade, em 2 de novembro, conforme as últimas notas telegráficas, a coroação de seu novo imperador – O Negus Tafari.<sup>127</sup>

No Sul do Brasil, na cidade de Pelotas, o jornal da imprensa negra *A Alvorada* produziu no decorrer apenas do ano de 1935 uma séria de artigos que comenta o decorrer da guerra, assim como as mobilizações populares contrárias à invasão italiana, que ocorriam pelo mundo. Em um artigo de 24/11/1935, o jornal desmonta uma das argumentações de Mussolini para a invasão, a de levar para a Etiópia uma “missão civilizatória”:

Mussolini não atendeu as leis da guerra e mandou bombardear cidades indefesas. Por que e para que? Porque os etiópicos não concordaram em continuar submissos. E para introduzir a civilização naqueles meios bárbaros. Civilizar com sangue é uma modalidade descoberta pela Itália. Talvez se volte contra ela no poderio da opinião pública mundial.<sup>128</sup>

Com a tomada da Etiópia pelo exército de Mussolini, ocorre uma onda de protestos pela comunidade negra em diversas cidades do mundo, inclusive no Brasil. O ataque fascista à Etiópia causou grande impacto entre setores do movimento negro da década de 1930. Abdias Nascimento, no início da sua militância política, relata ter participado de comícios contra a ocupação da Etiópia em São Paulo.

Por serem estudantes os dois foram excluídos do Exército, situação juridicamente distinta de serem expulsos. Assim, passaram um período de fome, sem ter onde dormir, perambulando pelas ruas paulistanas. Era 1936: a invasão italiana da Abissínia predominava nas manchetes como assunto político do dia. Imigrantes italianos se ocupavam com pequenos empreendimentos numa economia que excluía a mão de obra negra. Abdias e Rodrigues Alves desenvolveram uma técnica inusitada para se alimentarem. Posicionando-se perto de algum barraqueiro italiano que vendia comida, Abdias discursava contra a invasão da Abissínia, levando a

<sup>126</sup> SERRANO, Carlos; WALDMAN, MAURÍCIO. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo Cortez, 2007, p. 218-219.

<sup>127</sup> *O Clarim da Alvorada*, Nº 30, 28/09/1930.

<sup>128</sup> *A Alvorada*, 24/11/1935, p. 1. Apud MARQUES, Alexandre Kohlrausch. *A invasão da Abissínia e o jornal A Alvorada*. Pelotas, UFPel, História em Revista, Nº 16, Dez/2010, 69-90, p. 73.

ira do vendedor, que se ocupava com exaltada defesa da Itália de Mussolini enquanto Rodrigues Alves furtava alguma coisa para os dois comerem.<sup>129</sup>

Figura15: Jornal O Clarim denunciando a campanha fascista na Etiópia.



Fonte: Jornal O Clarim, Nº 2, Março de 1935.

A África no jornal *O Clarim da Alvorada* teve como principal fonte o jornal americano e porta-voz do movimento pan-africanista de Marcus Garvey, o *The Negro World*. Diferente do *Chicago Defender*, que tinha um foco na integração do afro-americano na sociedade norte-americana e não priorizava a questão colonial africana nas suas páginas, no jornal de Garvey o espaço da luta anticolonialista era enorme. Quando o *Clarim* passou a dar um destaque maior e a traduzir o *The Negro World*, vamos encontrar uma quantidade maior também de notícias sobre a África. No seu primeiro ano o *Clarim* praticamente não possuía matérias sobre a África e apenas em 1925, pela primeira vez, encontramos um artigo que

<sup>129</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias Nascimento - Grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília, Senado Federal, 2014, p. 129.

comenta diretamente o continente africano e mesmo assim ele começou falando da escravidão no Brasil para chegar à África, lugar de onde foram trazidos os antepassados dos negros brasileiros<sup>130</sup>. A partir de 1928 o jornal passou a abrir mais espaço para a experiência internacional, quando a África apareceu em processo de desenvolvimento, “avançada e civilizada”. Essa visão da “África moderna” também está vinculada a um projeto de valorização de comunidade negra no Brasil. Também não vamos encontrar nas páginas do *Clarim da Alvorada* a defesa da cultura dos povos africanos, que poderia ser considerada de “atrasada”.

É preciso registrar que a ideia mais conhecida do movimento pan-africanista, o “retorno dos negros à África”, é solenemente ignorada nas páginas do *Clarim*. Nenhum dos seus jornalistas se propõe a defender essa proposta radical que ficou tão identificada com o pensamento de Marcus Garvey. Para Flávio Thales Francisco, o principal objetivo do *Clarim* com estes artigos do *The Negro World* era a criação de uma identidade dos negros na diáspora:

Assim que o Negro World passou a informar os leitores de *O Clarim da Alvorada* sobre a situação política dos países africanos, a possibilidade de uma “África civilizada” foi tratada também a partir de uma perspectiva de solidariedade racial entre africanos e negros no Novo Mundo. José Correia Leite e seu grupo não tinham a intenção de voltar para a África, porém passaram a manifestar uma espécie de identidade negra transnacional, baseada numa ideia de “raça biologizada”, que incluía o continente africano, os norte-americanos e negros de outras partes do mundo. (...) A publicação de informações do *Negro World* foi fundamental para construir um cenário pan-africano no jornal e conectar os negros brasileiros com os outros fora do território nacional. (...) ainda que não seguissem o roteiro de uma narrativa pan-africana, estavam dispostas num arranjo determinado pelos editores que, por mais que se tornasse contraditórios em alguns detalhes, ajudava a delinear um panorama para e dos negros no Atlântico, permeado pela ideia de ascensão da “raça negra”. Nesse sentido, a publicação de Marcus Garvey, que circulava por países da América Latina, Caribe e África, depois de cuidadosa seleção, informou aos leitores de *O Clarim da Alvorada* e serviu como eixo da cobertura jornalística sobre a África.<sup>131</sup>

Exemplo da “doutrina garveyista” nas páginas do *Clarim*, de defesa de um continente com um “povo ultrajado” por europeus, é um artigo escrito pelo articulista norte-americano, Arthur Grey, membro da UNIA. O título do artigo é “O que devemos fazer para nos libertar?”.

<sup>130</sup> *O Clarim da Alvorada*, 27/09/1925, p. 1, Artigo “Salve, 28 de Setembro”.

<sup>131</sup> FRANCISCO, *Fronteiras em definição...* p. 204-205, 207.

A história nos ensina que somos os descendentes dos nossos antepassados, que foram roubados da África; o presente nos ensina que a África está sendo dividida entre as nações ladras do mundo como suas propriedades. Hoje, milhões de povos pretos de descendência africana estão se submetendo à dominação daqueles que têm roubado-lhes a riqueza, o lar, a família e a cultura.<sup>132</sup>

A África na imprensa negra despertava um relativo interesse e observamos que, diferente do que acreditávamos no início desta pesquisa (que iríamos encontrar apenas notícias negativas), existe certa tendência para notícias positivas, como demonstradas acima. Roger Bastide, no primeiro estudo sobre imprensa negra, ainda no ano de 1951, ao contrário da minha convicção, adota o ponto de vista de rejeição da África por parte da população negra brasileira. Regina Pahim Pinto comenta assim a opinião de Roger Bastide:

Segundo ele, há como que um temor em evocar a África “bárbara”, um país (sic) de “selvagens”. Manifestações culturais africanas são ignoradas e raramente se vê qualquer empenho em preservá-las; pelo contrário, a tendência é negá-las, criticá-las. Eu acrescentaria ainda que a negação das tradições africanas muitas vezes não chega a ser direta, mas indireta, na medida em que as lideranças enfatizam, através dos jornais, as tradições e os costumes europeus.<sup>133</sup>

Dirijo nesse ponto com o professor Bastide, creio que não seja inteiramente correta esta visão. Talvez para os jornais publicados na década de 1910 e início da década de 20 esta percepção estivesse correta, entretanto, posteriormente isto não ocorre. Concretamente existe uma mudança depois da segunda metade da década de 1920 dessas representações da África e credito esta transformação à chegada ao Brasil do pensamento de Du Bois e de Marcus Garvey, ao contato maior com a redação do *Chicago Defender*, às “conexões atlânticas”, principalmente nos jornais *Getulino* e *O Clarim da Alvorada*. No *O Clarim da Alvorada* essa viragem da “África selvagem” para o discurso do pan-africanismo é clara.

Entre 1928 e 1930, conforme *O Clarim da Alvorada* tornava-se mais combativo e politizado, como visto no capítulo anterior, passava também a opinar sobre a situação dos negros no mundo, muitas vezes de forma contundente. O periódico paulista passou a exibir em suas páginas os debates em torno da descolonização da África, Ásia e Caribe, discutindo, opinando e repercutindo o controvertido tema da raça. Como parte do processo, as matérias e notícias da África selvagem foram sendo suplantadas por aquelas

<sup>132</sup> *O Clarim da Alvorada*, 23/08/1930.

<sup>133</sup> BASTIDE, apud PINTO, *O movimento negro em São Paulo...* p. 262.

que imprimiam um contorno identitário transnacional, as quais indicavam laços de solidariedade para os negros do Atlântico.<sup>134</sup>

É o caso também do jornal *Getulino*. Este jornal merece o crédito de ser o primeiro jornal da imprensa negra a ter contato com o pan-africanismo, ainda no ano de 1924, de buscar trazer informações sobre a África, mesmo que, na opinião de Rodrigo Miranda a respeito desse jornal, a visão dos redatores sobre a África era idealizada, quase mítica, devido ao contado com as ideias pan-africanistas.

A visão que os articulistas construíram da África teve, sem dúvida, inspiração nas representações que circulavam no movimento pan-africano, mas este não parece ter ajudado a alterar a concepção dos jornalistas do *Getulino* a respeito de seu papel na sociedade brasileira. O caminho de volta para África não aparece em nenhum momento no jornal como uma possibilidade, bem como não se faz nenhum tipo de referência explícita a uma essência africana que ligasse os negros brasileiros e seus semelhantes de outras partes do mundo. A mitificação posta a cabo no jornal é muito tênue e limitada se comparada àquela promovida por Blyden, Du Bois ou Garvey, pois que a África como berço de todos os negros não é uma representação anunciada, mas apenas insinuada pela forma como o jornal valoriza a Etiópia e seus reis.<sup>135</sup>

Nesse aspecto subscrevemos a opinião de Regina Pinto a respeito da ambiguidade desses discursos sobre a África:

Embora alguns estudiosos da imprensa negra interpretem a postura do negro dessa época em relação à África como rejeição – e, em certo sentido, a interpretação é correta, uma vez que o espaço dedicado a esse continente nesses jornais é mínimo, quando comparado com outros temas abordados – eu prefiro qualificar essa postura de como ambígua. Isso porque ela oscila entre rejeição e a aceitação, embora seja uma aceitação que, na maioria das vezes, não consegue ultrapassar o ponto de vista ocidental, na maneira de encarar os povos africanos.

As considerações sobre os países africanos e sobre o que ali estava ocorrendo, na época, são muito raras. Havia certamente um empenho em valorizá-los, bem como seus habitantes, mas a avaliação que se fazia dos mesmos era quase sempre em função da civilização ocidental e da capacidade de adotarem os costumes ocidentais. Nesse sentido, eu não diria que a valorização do “preto não vai até a África”, como afirma Bastide: ela chega à África, mas mediada pela visão ocidental.<sup>136</sup>

<sup>134</sup> FRANCISCO, Flávio Thales R. *Fronteiras em definição: Identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 195.

<sup>135</sup> MIRANDA, *Um caminho de suor e letras...* p. 178.

<sup>136</sup> PINTO, *O movimento negro em São Paulo...* p. 262.

No calor dos debates sobre o pan-africanismo e da proposta destes de “volta à África” (no início de 1924 o jornal *Getulino* republicou um debate ocorrido nas páginas do jornal português *Correio de Portugal* com representantes dos movimentos de libertação da África e defensores das ideias de W. E. B. Du Bois e de Marcus Garvey), este mesmo jornal da cidade de Campinas publica o seguinte comentário, uma carta de um leitor chamado Claudio Guerra, ainda no ano de 1924, que explicita uma visão negativa da África e pronunciando mais uma vez um posicionamento nacionalista e contrário às ideias de Garvey:

Que os negros norte-americanos digam lá em brados altisonantes que a África é para os africanos ainda vá. Que os negros norte-americanos queiram imigrar para a região que serviu de berço aos seus avós, também tolera-se. É uma questão aliás justa, lá para eles, porquanto, como se sabe, são repudiados da sociedade por um terrível e recíproco ódio de raça. Ora, podendo-se lavar os pés na bacia que é lugar próprio, é asneira descer-se as ribeira. Segundo doutrina de um “cara” qualquer “yankke” a América para os americanos.

Nesta conta não entrou o negro, o chim, o nippon, etc, ainda que nascidos ali. D’este, porém, o negro é o que mais é tido como indesejável. É, naturalíssimo portanto, que esta gente assim oficialmente repudiada trate de dar o fora da terra madrastra onde tiveram a felicidade de nacer. Que vá para a África, expulse, se puder os donos d’aquella “pinoia” banque o domador de feras, aprenda o idioma indígena, ou faça prevalecer o seu, vista uma tanga ou faça com que o preto indígena vista casaca e as pretinhas também indígenas uzem pó de arroz e carmim ou que as que vão mettam-se em tangas... enfim, façam o que puderem ou quizerem. Tudo isso está muito bom, mas, que preto brasileiro pense em aderir à essa ideia, eu reputo o máximo de absurdo no mínimo de tolerância possível.

A África é para os africanos, meu negro. Foi para o teu bisavo cujo ossos, a est’ hora a terra reverteram e em pó se tornaram. África é para quem não teve o trabalho de cultivar e dar vitalidade a um imenso paiz como este.

A África é para quem quizer menos para nós, isto é, para os negros do Brasil que no Brasil nasceram, crearam e multiplicaram. Nem por brincadeira, se pense que negro brasileiro, faça alguma coisa que preste na África [...]

Não seria melhor que tu fosses mais brasileiro, isto é, que tu fosses patriota em beneficio d’esta terra benedicta que te viu nacer, que te acolhe como mãe carinhosa, esta terra que é nossa [...], é nossa já ouviu? Nossa porque fomos nós que a edificamos, nós que lhe demos tudo até o sangue para lhe garantir a integridade quando das invasões de estrangeiros.

O Brasil é para os brasileiros, que quer dizer é para os negros, já ouviu? [...] nós estamos em nossa casa.<sup>137</sup>

Para o autor da carta, o negro brasileiro já estaria integrado na sociedade brasileira, diferente dos negros americanos que estavam em uma situação muito mais degradante. Sobre a África, ele repete os estereótipos: primitivo, atrasado, selvagem, quase

<sup>137</sup> *Getulino*, Nº 64, Ano II, 1924.



na escuridão da noite, aquém da luz da história consciente [...] Nesta parte principal da África, não pode haver história.<sup>138</sup>

Evidentemente que não acreditamos que o autor da carta publicada no *Getulino* tenha lido Hegel, porém, sua percepção da África não fica longe da reflexão do pensador alemão. Isto porque na sociedade abrangente, as representações que predominam sobre este continente são de uma África exótica, terra selvagem, animalesca, local de miseráveis e desumanos que se destroem em guerras sucessivas e fratricidas. Como a tendência do indivíduo é não estar associado à tamanha carga negativa, só resta o afastamento, e assim, os próprios negros brasileiros buscavam se distanciar da África. Nossos estudos indicam que esta questão foi determinante para que a imprensa negra não produzisse uma quantidade maior de notícias sobre a África. O líder da Frente Negra Francisco Lucrecio vai na mesma direção:

Parece que ser branco é um status no Brasil. Abafaram todas as questões da África, religião, música, costumes. A África naquele tempo tinha uma imagem muito negativa. E ainda vivia o colonialismo europeu. A informação que tínhamos da África era mais oral, um negro passava para o outro, depois vieram alguns escritores como Nina Rodrigues, Manuel Querino, e daí surgiu a polêmica em torno da questão racial. Sou contrário a dizer “o problema do negro”.<sup>139</sup>

Ressaltamos que esta visão negativa não era hegemônica nos jornais da imprensa negra. Na maioria dos casos estudados se procura passar a ideia de uma África em processo de modernização, coerente também com o discurso desta imprensa para o negro brasileiro, no qual o negro deveria abandonar certas tradições consideradas indignas para ingressar em modos mais modernos e civilizados.

O desenvolvimento progressivo que se vem operando no antigo e misterioso continente negro, mormente na sua rica e privilegiada região sul – onde se assinala a existência de numerosas cidades que surpreendem pelas suas perfeitas organizações urbanísticas [...] a anciã (sic) e o capricho notante entre os seus organizadores negros em tudo querer imitar, aos seus irmãos-mestres europeus a começar pelos esportes, havendo ali numerosos campos de tênis, futebol, piscinas e muitos outros equipamentos para difusão da físcultura, entre a infância e a juventude de ambos os sexos. Comumente

<sup>138</sup> HEGEL, apud HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 20.

<sup>139</sup> BARBOSA, *Frente Negra Brasileira*:... p. 52.

emprega-se a eletricidade, o telegrafo, radiotelegrafia, automotorização e a criologia nas suas múltiplas aplicações.[...]

Não menos representativa é a classe liberal, que soma numerosos advogados, médicos, educadores e bancários. Todos egressos das escolas e das universidades inglesas que lhe outorgaram suas práticas e sensatas lições que eles empregam na vida pública. Para a raça negra universal mormente a sua juventude, esses dados dispensam maiores comentários pois espelham radicalmente a importância que assume esse 'éco' reconfortante da terra 'mater' – sede da nossa origem transmitido pelo prestigioso órgão britânico e por esse meio não ficaremos privados de expor ao mundo, que a nossa capacidade intelectual e produtiva não são aquelas delimitadas pelos nossos silêncios e retraimento.<sup>140</sup>

O artigo transcrito acima, que pretende mostrar o desenvolvimento e modernização do continente africano, assim como a capacidade do homem negro, é uma reportagem proveniente de uma agência de notícias internacional, no caso a *Geographical Magazine* sediada em Londres. A utilização de agências de notícias internacionais como fonte de informação, por parte da imprensa negra, é um recurso utilizado muitas das vezes quando se fala da África, menos no *O Clarim da Alvorada* que vai utilizar as matérias do jornal americano *Negro World*. Esta é uma questão problemática, pois os diversos filtros no olhar de quem escreve estas reportagens, até encontrar com o leitor final, poderão repetir uma série de estereótipos sobre estas pessoas e lugares. Quem escrevia estas reportagens? Um inglês ou um local? Um branco ou um negro?

Percebemos que estas representações negativas da África por si só não explicam a pouca quantidade de matérias relacionadas diretamente com a África, já que o jornal *Progresso* produziu uma quantidade significativa delas (vinte e sete notícias). Especialmente para o jornal *A Voz da Raça* este fato chama atenção. Segundo nossa pesquisa, o jornal *A Voz da Raça* foi publicado em 70 números, entre os anos de 1933 e 1937 e encontramos apenas seis matérias relacionadas diretamente com a África. O que provocaria quantidades tão reduzidas?

Como analisei no primeiro capítulo, o nacionalismo foi um elemento fundamental para se compreender esta geração de militantes negros, e principalmente dentro da Frente Negra Brasileira e no seu porta-voz *A Voz da Raça*, em que a questão do nacionalismo se manifestava constantemente e com vigor. Assim sendo, ocorre uma escolha ideológica – o nacionalismo - por parte da direção da liderança do movimento negro e o resultado será o distanciamento da África. Sua ação política primordial estava voltada para a integração nacional, a busca da inserção do homem negro na sociedade mais abrangente. Sua estratégia

<sup>140</sup> *A Voz da Raça*, Nº 60, 3/12/1936, p. 3.

de mobilização do protesto negro estava ancorada nos significados do que era ser brasileiro, e não africano. Diferentemente do que ocorrerá para as futuras gerações de militantes negros em que a África será fonte de poder mobilizador e inspiração. Buscamos novamente no depoimento de Francisco Lucrecio uma comprovação do que falamos:

Na Frente Negra não tinha essa discussão de volta à África. Tínhamos correspondência com Angola, conhecíamos o movimento de Marcus Garvey, mas não concordávamos. Nós sempre nos afirmamos como brasileiros e assim nos posicionamos com o pensamento de que os nossos antepassados trabalharam no Brasil, se sacrificaram, lutaram desde Zumbi dos Palmares aos abolicionistas negros, então nós queríamos, nos afirmaríamos, sim, como brasileiros. Não queríamos perder nossa identidade de brasileiros, seguimos, portanto, a linha dos nossos antepassados.

O referencial de luta para o negro no Brasil é a Guerra do Paraguai, Zumbi, a Revolta de João Cândido, a Revolta dos Malês, todos esses movimentos são a nossa referência, e a referência dessas lutas não era a volta à África, era para assumir o poder no Brasil, assumir a liderança do negro no Brasil. Então, nós achávamos que teríamos de dar sequencia a essas lutas. Assim, nos posicionávamos como nacionalistas, radicais às vezes, porque só dessa maneira poderíamos conseguir um pedaço de chão ou a nossa identidade como brasileiros. Tinha já uma história dos negros que vieram para cá que, naturalmente, não iríamos perder.<sup>141</sup>

Segundo a pesquisa da professora Miriam Nicolau Ferrara (1986) existiria outra questão para este silenciamento a respeito da África nos impressos:

A presença da África na imprensa negra de 1915 à 1963 é escassa e caracteriza-se pela imprecisão até os anos 50. Contudo, nessa época, o noticiário sobre a África aparece sobre a forma de telegramas e não de matéria opinativa ou de comentários. Fica, portanto, a dúvida sobre o real entendimento do processo histórico-político por parte dos responsáveis por esta imprensa que, por exemplo, ao oferecer noticiário sobre temas culturais, principalmente no primeiro e segundo período, denota desconhecimento sobre a civilização africana.

Esse desconhecimento específico sobre a civilização africana é compreensível, uma vez que só se torna objeto de conhecimento, de forma sistemática, após a Segunda Guerra Mundial.<sup>142</sup>

A respeito desse suposto desconhecimento, interpretamos de uma forma um pouco diferente de Ferrara. É verdade que o fluxo econômico, cultural e de pessoas entre a África e o Brasil diminuiu no século XX. Porém, como já demonstramos durante o nosso

<sup>141</sup> BARBOSA, *Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos...* p. 48.

<sup>142</sup> FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986, p. 202.

trabalho, os contatos e conexões nunca cessaram, e o mesmo se aplica para os contatos norte-americanos. Portanto devemos relativizar esse desconhecimento.

### 3.3 O Atlântico Negro na Imprensa negra.

A memória construída pela geração do movimento negro da década de 1970 atribui a essa geração o nascimento de uma rede de conexões internacionais, como se eles fossem os primeiros a manter este tipo de relações transnacionais.<sup>143</sup> Como já vimos anteriormente, a recepção das experiências negras estrangeiras não se iniciou com as informações sobre a luta de Martin Luther King e do Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, de Nelson Mandela e do Congresso Nacional Africano (CNA) ou de Malcon X ou Frantz Fanon. Antes desses, outros pensadores e líderes negros influenciaram as ações, estratégias e políticas desenvolvidas pelos intelectuais negros nos jornais da imprensa negra. Impressos como o *Getulino* e *O Clarim da Alvorada* nos deixaram vestígios sobre essas influências transnacionais.

A primeira referência de um líder negro internacional que encontrei em minha pesquisa foi Booker T. Washington. Nascido escravo provavelmente no ano de 1856 e falecido em 1915, este indivíduo foi considerado o negro mais famoso do mundo em sua época. Era apontado como o sucessor de outro grande líder abolicionista negro americano, Frederick Douglas (1818-1895). Na Exposição de Atlanta no ano de 1895 pronunciou um discurso que ficou famoso alcançando renome nos Estados Unidos. Em 1901 lança seu segundo livro, *Up from Slavery*, em que relata sua vida desde a escravidão, alcançando sucesso imediato, ao ponto de receber um convite para jantar na Casa Branca na companhia do então presidente norte-americano, Theodore Roosevelt, o que causou profunda irritação entre os racistas norte-americanos.

Um dos pontos mais importantes do pensamento desse líder negro foi a independência econômica. Para Washington a liberdade civil só poderia vir acompanhada com o desenvolvimento econômico do negro. Incentivava o trabalho duro, a auto-suficiência individual, mesmo que isso implicasse em uma subordinação frente ao elemento branco. O seu programa destinava-se a criar um círculo econômico autônomo dentro da população negra, iniciativas para o desenvolvimento econômico destas camadas sociais.

---

<sup>143</sup> Ver coletânea de entrevistas com diversas lideranças do Movimento Negro Unificado (MNU) disponível em ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. (Org.). *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

Washington também acreditava que a educação era o caminho que os afro-americanos deveriam trilhar para conseguir a igualdade e ascensão social, por isso funda no estado do Alabama em 1881 o Instituto Tuskegee, uma escola normal e industrial para a comunidade negra, que assim teria a possibilidade de cursar o ensino profissionalizante, principalmente industrial e agrícola.

Um ponto controverso da sua trajetória intelectual era a sua filosofia de acomodação que pregava o não confronto ao racismo e não denunciava claramente a segregação racial e a violência dos supremacistas que realizavam linchamentos principalmente no sul dos Estados Unidos. O seu famoso discurso em Atlanta, citado anteriormente, foi um exemplo desse pensamento, em que ele defendia que a população negra, antes de exigir a integração, deveria reforçar as suas instituições, ser educado, para somente aí exigir o mesmo tratamento do restante da sociedade norte-americana. Ou ainda, se utilizando de uma metáfora do corpo humano, afirmou que os brancos e negros estavam separados como os dedos de uma mão, e neste ponto, legitimando a segregação.

Esta forma de pensar de Booker T. Washington estava em sintonia com o contexto do que estava ocorrendo com a população negra norte-americana em sua época. Depois do fim da Guerra Civil Americana (1861-1865) e do fim da escravidão (1863), os Estados Unidos passaram pelo período conhecido como Reconstrução (1865-1877)<sup>144</sup>. Logo depois desse momento os estados do Sul, mesmo derrotados, exigiram a criação de leis (conhecidas como Black Codes) que restringiam os direitos civis e políticos que os negros tinham alcançado durante a Reconstrução. Assim, o Sul dos Estados Unidos tornou-se palco de demonstrações violentas de racismo e a segregação dos espaços públicos uma norma, sendo as Jim Crow Law<sup>145</sup> sua expressão mais conhecida e que apenas na década de 1960 teve fim legalmente. Esse momento de grandes derrotas para a comunidade negra forjou um pensamento muito conservador em líderes como Washington. Também na imprensa negra americana este discurso conservador era a tônica.

Os principais jornais negros no Sul não se manifestaram claramente contra o ataque aos direitos civis da população negra, preferindo estimular o progresso social e econômico dos indivíduos. As ações coletivas por uma cidadania negra perderam espaço para um conjunto de discursos que valorizavam as iniciativas individuais. Os jornais cumpriam o papel de difundir a importância do trabalho duro e da educação para o sucesso

---

<sup>144</sup> Este período ficou marcado pela tentativa de restauração da União e da inclusão do negro na sociedade americana. Muitos dos seus objetivos fracassaram.

<sup>145</sup> Termo utilizado para se referir ao conjunto de leis criadas para segregar os negros especialmente em espaços públicos e escolas dos Estados Unidos nos estados do Sul.

peçoal. O raciocínio das lideranças moderadas era que o esforço individual garantiria o progresso material, ainda que se pagasse o preço pela perda dos direitos políticos. Em meio à intensa vigilância de racistas do Sul, os ativistas gestaram o que posteriormente passou a ser chamado de filosofia da acomodação, associada, sobretudo, a Booker T. Washington...<sup>146</sup>

No fim de sua vida Washington pôde ver outros ativistas e intelectuais como W.E.B Du Bois discordarem e criticaram suas posições. Irritava especialmente à Du Bois as tentativas de ganhar a simpatia e a cooperação da elite branca conservadora do sul dos Estados Unidos. Du Bois em seu livro *As almas da gente negra* escreve o capítulo III polemizando com Washington de forma dura:

Em resposta a isso, tem-se afirmado que o Negro só pode sobreviver pela submissão. O sr. Washington distintamente pede que a gente negra abra mão, pelo menos por ora, de três coisas – em primeiro lugar, do poder político, em segundo, da insistência nos direitos civis, em terceiro, da educação universitária para a juventude negra – e que concentre todas as suas energias na educação industrial, na acumulação de riqueza e na conciliação do Sul. Essa política vem sendo defendida com coragem e insistência há mais de quinze anos e triunfou, talvez, durante dez anos. Como consequência dessa capitulação, qual tem sido o retorno? 1. A supressão dos direitos eleitorais do Negro: 2. A criação legal de um estatuto distinto de inferioridade civil para o Negro: 3. A retirada constante do apoio de instituições dedicadas ao ensino superior do Negro.<sup>147</sup>

Era outra geração de ativistas que não presenciaram derrotas e afinal, as derrotas não duram para sempre. Independentemente dessas discordâncias, o legado moral e intelectual de Washington foi uma inspiração para toda uma geração de ativistas norte-americanos, e como veremos, também no Brasil.

A primeira notícia da chegada do pensamento de Booker T. Washington foi no jornal *Diário da Bahia* em 1902.<sup>148</sup> Segundo Gledhill, este jornal da elite de Salvador traduziu e publicou resenhas francesas do livro de Washington a partir de 20 de março de 1902 em onze edições. Assim também o fez outro jornal no Rio de Janeiro, *O Paiz*, em três de maio do mesmo ano. Os jornais forneciam, além de resenhas elogiosas, resumos do livro e comentários sobre o famoso jantar na Casa Branca. Este deve ter sido o único contato com a

<sup>146</sup> FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *O novo negro na diáspora: modernidade afro-americana e as representações sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016, p. 71.

<sup>147</sup> DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 1999, p. 107-108.

<sup>148</sup> GLEDHILL, Sabrina. *Expandindo as margens do Atlântico Negro: leituras sobre Booker T. Washington no Brasil*. Rio de Janeiro, Revista de História Comparada, Nº 7,2, 2013, p. 122-148.

obra de Washington até a sua completa tradução no ano de 1940, realizada pelo escritor Graciliano Ramos com o título de *Memórias de um negro*. Ainda segundo a pesquisa de Gledhill, depois desse período outros jornais de São Paulo e Rio de Janeiro fizeram comentários sobre a vida de Booker T. Washington.

Para fins do meu estudo, é interessante observar como foi a recepção das ideias desse líder americano entre os negros brasileiros. No desenvolvimento de sua pesquisa, Gledhill demonstrou que um dos primeiros intelectuais negros no Brasil a ter contato com essas ideias foi Manuel Querino, pesquisador do Instituto Histórico da Bahia e escritor do livro *Costumes africanos no Brasil* (1916) que se indaga neste livro: “Quem desconhecerá, porventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça na União americana?”. O contato entre esses dois homens negros será analisado assim por Gledhill:

Já em 1902 e, provavelmente, bem antes, figuras como Booker T. Washington e Frederick Douglas eram conhecidas no Brasil. No entanto, em 1916, Manuel Querino apontou apenas Washington como referência e representante dos negros dos Estados Unidos. Pode ser que Querino se identificasse com Washington porque ambos vieram de origens humildes e lutaram para ter educação, trabalhando para financiar seus estudos, Washington como zelador e Querino como pintor. Querino compartilhou com Washington o desejo de garantir que os negros pudessem, pelo menos, aprender um ofício que lhes permitissem sobreviver e até prosperar após a abolição. No entanto, nenhum esforço foi feito no Brasil para educar os negros libertos. Nos primórdios da primeira República, Querino foi aos jornais denunciar a falta de oportunidades de educação profissional, que estavam sendo progressivamente eliminadas.<sup>149</sup>

No *Clarim da Alvorada* a recepção das ideias de Washington parece ser importante e anterior ao contato com as ideias de Marcus Garvey. Chama a atenção o fato de que não existe uma fonte que diga de onde o jornal tirou as informações a respeito de Washington, e com certeza não foi dos jornais americanos *Chicago Defender* ou *Negro World*. Será que tiveram acesso a alguma edição original do livro de Washington? Será que encontraram essas informações pelos jornais da Bahia e do Rio de Janeiro que traduziram partes do livro? Não sabemos. Outro fato curioso é que na redação deste jornal existia um articulista com o sugestivo nome de Theofilo Booker Washington. Segundo Flávio Thales Francisco, seria um advogado que recebeu este nome de seu pai em homenagem ao ativista norte-americano.

---

<sup>149</sup> Idem, p. 144.

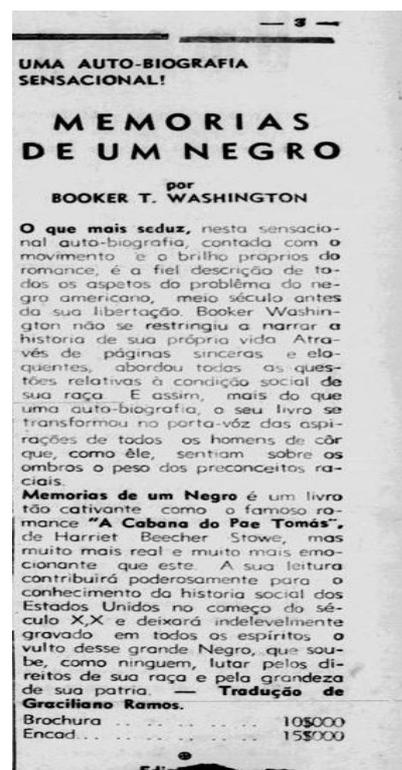
A principal ideia que os jornalistas do *Clarim* utilizaram como exemplo de Washington foi a necessidade da educação para os negros. Como foi o criador e diretor do Instituto Tuskegee ele seria uma inspiração para desenvolvimento de escolas para os negros brasileiros e para o valor da instrução.

**Figura 17: Retrato de Booker Taliaferro Washington.**  
Washington



Fonte: Livro *O novo negro na diáspora*.

**Figura 18: Nota sobre o livro de Booker**



Fonte: Jornal *O Clarim da Alvorada*, 28/09/1940

Na figura 18 podemos observar uma pequena nota do *Clarim* comentando o lançamento do livro *Memórias de um negro*, a autobiografia de Booker Washington com tradução de Graciliano Ramos sendo qualificado de sensacional.

A redação do *Getulino* em Campinas também teve contato com a história de Booker Washington. Na edição de 10 de fevereiro de 1924, uma matéria o descreve como gênio e de novo comenta sobre o jantar com o presidente norte-americano ocorrido há vinte e dois anos: "Ficou singular o gesto de Roosevelt, convidando para a sua mesa na Casa Branca, o genial mestiço que era Booker Washington".

Entre a militância que combateu as ideias do conservador Booker T. Washington podemos destacar W. E. B. Du Bois, Marcus Garvey, Ida B. Wells, James W. Johnson e Alain

Locke, entre outros. Dentre as figuras citadas, com certeza a mais proeminente tenha sido Du Bois.

“O problema do século XX é o problema da linha de cor”. Assim W. E. B Du Bois pronunciou sua famosa e profética frase no ano de 1900 durante a primeira Conferência Pan-Africana organizada por Sylvester Williams na cidade de Londres e iniciou sua trajetória para ser o mais influente intelectual negro dos Estados Unidos na primeira metade do século XX.

Du Bois nasceu na cidade de Great Barrington, Massachusetts, em 1868. Estudante na Universidade de Fisk, uma universidade para negros, concluiu em Harvard seu doutorado em sociologia no ano de 1895 (o primeiro negro a ter este título) e viajou à Alemanha para cursar História na Universidade de Berlin. Publicou sua tese de doutorado como livro, *The Suppression of the African slave-trade to the United States of America, 1638-1870* em 1896<sup>150</sup>. Seu grande sucesso de vendas foi *As almas da gente negra* de 1903, primeiro livro significativo sobre a questão racial publicado no início do século e que o tornou uma figura conhecida nacionalmente nos Estados Unidos. Em 1910 colaborou na fundação da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), a entidade mais representativa da luta do negro norte-americano pela integração na sociedade americana e existente até os dias atuais. Editou a revista *The Crisis*, da NAACP, até 1934 e caminhou para uma orientação marxista, afastando-se dos segmentos mais moderados do NAACP.

Sua atuação foi fundamental na organização dos diversos Congressos Pan-Africanos ocorridos em Paris (1919), Paris/Londres/Bruxelas (1921), Londres/Lisboa (1922) e o quarto em Nova York (1927). Os temários e orientações desses congressos oscilaram de reivindicações mais pontuais (direito à terra e à segurança individual nos marcos da dominação colonial vigente e o reconhecimento da igualdade entre brancos e negros) até a “libertação dos povos” e a proclamação de que o continente africano era um “direito dos negros”. São reivindicações mínimas dentro de uma conjuntura de completa exploração colonial, refletindo o caráter um tanto elitista dos delegados que compunham esses congressos, sem grande participação popular. A participação de Marcus Garvey e de sua organização nesses encontros eram evitadas.<sup>151</sup> Apenas no Congresso de 1945, realizado em Manchester, é que a independência imediata e incondicional foi enfatizada como uma tomada de ação perante a população colonial e não para um reduzido numero de intelectuais. Neste congresso o pensamento marxista passou a ser a principal referência para esses líderes, muitos

<sup>150</sup> DU BOIS, *As almas da gente negra...* p. 27-45.

<sup>151</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-africanismo na América do sul: emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Editora Vozes; IPEAFRO-PUC-SP, 1981.

dos quais vieram a liderar movimentos de independência na África como foi o caso de Samora Machel (Moçambique), Kwame Nkumah (Gana), Agostinho Neto (Angola) e Amílcar Cabral (Cabo Verde) entre outros. Além de Du Bois, outros dois intelectuais de esquerda tiveram destacada participação neste congresso, C.L.R James de tradição trotskista e seu amigo e também de Trinidad, George Padmore, ex-integrante da direção da Terceira Internacional.

O principal elemento do programa político de Du Bois para a questão racial era a integração entre brancos e negros. A própria criação da NAACP foi resultado desse pensamento tendo em vista que esta entidade é multirracial, mobilizando negros e brancos para exigir direitos civis e igualdade para a população negra. Suas estratégias eram a mobilização nas ruas e a ação legal nos tribunais.<sup>152</sup>

O final de sua vida mostrou sua desilusão com a vida na América. Em 1961 aceitou o convite do agora presidente Nkrumah para residir em Gana, realizando na prática o seu “retorno à África”. Seu falecimento ocorreu na capital de Gana, Acra, em 17 de agosto de 1963, véspera da Marcha Pelos Direitos Civis em Washington, liderada por Martin Luther King, Jr.

---

<sup>152</sup> Os estudos sobre W. E. B. Du Bois no Brasil ainda são raros. Mesmo seus diversos livros não foram traduzidos aqui, com a exceção de *As almas da gente negra*. Sobre a vida jornalística de Du Bois e sua relação com a revista *The Crisis* e o NAACP ver NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “novo” negro americano: W. E. B. Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

**Figura 19: W. E. B. Du Bois em Paris**

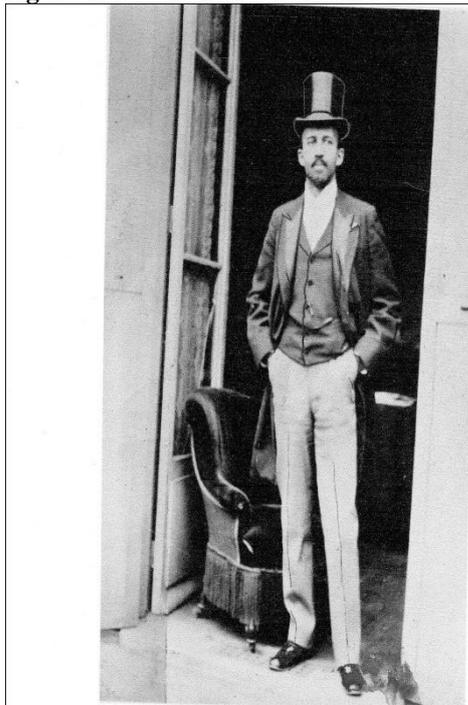


Figura 5. W. E. B. Du Bois at Paris International Exposition, 1900. 1 fotografia p&b. 20,5 x 22,5 cm. Paris. W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). Special Collections and University Archives, University Libraries, University of Massachusetts Amherst.

**Figura 20: Capa da revista The Crisis**

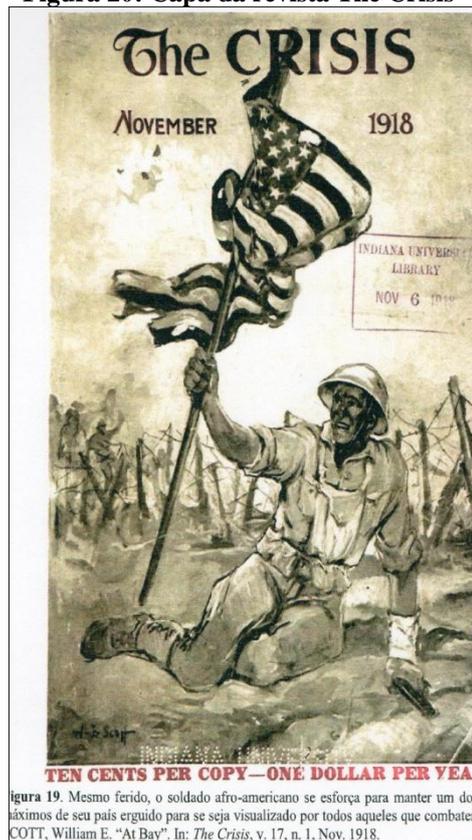


Figura 19. Mesmo ferido, o soldado afro-americano se esforça para manter um dos símbolos máximos de seu país erguido para se seja visualizado por todos aqueles que combatem por eles. COTT, William E. "At Bay". In: *The Crisis*, v. 17, n. 1, Nov. 1918.

**Fonte: Dissertação de Carlos Alexandre da Silva Nascimento**

Du Bois também foi um dos grandes teóricos do Pan-Africanismo. Para ele, em artigo na *The Crisis*: “Pan-África significa compreensão intelectual e cooperação entre todos os grupos de ascendência negra para promover, o mais brevemente possível, a emancipação industrial e espiritual dos povos negros”<sup>153</sup>. Antes dele outros pensadores negros já tinham formulado algumas das ideias básicas do que foi essa teoria e prática, portanto, como ideia política, o pan-africanismo possui uma longa história. Antes mesmos dos Congressos Pan-Africanos essas reflexões estavam presentes em Edward Wilmot Blyden (1832-1912) e Alexander Crummell (1819-1898), considerados os precursores do pan-africanismo.

Blyden nascido nas Antilhas, Ilhas Virgens, imigrou jovem para os Estados Unidos com o intuito de cursar teologia, porém, foi recusado devido a sua condição de negro. Em 1851 foi para a Libéria, onde iniciou seus estudos e foi ordenado ministro presbiteriano. Alcançou o cargo de secretário de estado da Libéria recém-independente. Explorador do continente, professor, jornalista, sua visão do pan-africanismo estava alicerçada na religião cristã como estratégia organizacional da comunidade africana, afinal, “todos são filhos de Deus” e na concepção de que era possível a fundação de um estado moderno que pudesse

<sup>153</sup> DU BOIS apud EDWARDS, *Os usos da diáspora...* p. 42-43.

aglutinar e promover os interesses das populações negras na diáspora. Blyden foi um dos primeiros a propor a ideia de uma “civilização africana”.

Blyden propôs a África, e isto pela primeira vez, como referência imediata para o homem negro. Não mais um povo sem história, mas uma “civilização africana organizada à volta de um sistema corrente de situações e de costumes, animada de valores morais e espirituais. O africano não era portanto inferior aos europeus, era simplesmente diferente, tinha uma personalidade própria.”<sup>154</sup>

Crummell também tentou a carreira religiosa e da mesma forma que Blyden encontrou resistência pela cor da sua pele. Nascido em Nova York, formado diácono em Massachussetes e ordenado bispo episcopal, fundou uma missão na Filadélfia que organizou campanhas pelo fim da escravidão e pelo direito ao voto para negros. Devido a sua atuação política resolveu sair dos Estados Unidos e durante vinte anos residiu na Libéria, atuando como professor e religioso. Segundo Crummell, o território da Libéria apresentava as condições necessárias para a criação de um estado negro cristão para onde os negros da diáspora (Estados Unidos, Caribe e África), que formavam uma “raça” e uma só nação, poderiam viver.

Para Blyden e Crummell, a religião teria um papel fundamental no caminho para a organização da unidade africana, o que levou alguns estudiosos a denominarem de “pan-africanismo religioso”<sup>155</sup> essa vertente de pensamento.

Certamente o conceito de Pan-africanismo desde o seu início estava carregado de diversos sentidos e projetos. A percepção da exploração colonial foi um processo fundamental para que as elites culturais africanas se mobilizassem para conquistar a sua independência política no pós-Segunda Guerra Mundial e o pensamento pan-africanista teve um papel significativo naquele momento. Mas o pan-africanismo também possibilitou uma maneira de conferir uma identidade à África, baseada na solidariedade da raça negra.

Outros sentidos foram trazidos, como o de pátria, uma pátria comum a todos os negros em solo africano e fora da África, na diáspora negra. Para os pan-africanistas existiriam valores comuns aos negros que possibilitariam a identificação entre eles, e que isto facilitaria a construção de projetos em comum, como se determinadas práticas culturais, fossem, por força biológica, inerentes aos negros, como se fizessem parte de sua alma ou da sua natureza

<sup>154</sup> IRELE, apud DURÃO, Gustavo de Andrade. *Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial*. Tempo e Argumento, Florianópolis, V. 10, Nº 25, p. 212-242, jul/set, 2018, p. 222.

<sup>155</sup> PAIM, Márcio. *Pan-africanismo: tendências políticas, Nkumah e a crítica do livro Na casa do meu pai*. Revista Sankofa. Ano VII, Nº XIII, Julho, 2014.

psíquica. Portanto, politicamente o movimento pan-africanista estava centrado na noção de raça e seu desenvolvimento natural seria um “nacionalismo negro”, como foi defendido por Marcus Garvey. Sem dúvida era um projeto essencialista, o que hoje parece ser problemático. Como observa Stuart Hall:

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. Além disso, como sempre acontece quando naturalizamos categorias históricas (pensem em gênero e sexualidade) fixamos esse significante fora da história, da mudança e da intervenção política.<sup>156</sup>

A própria dimensão mais conhecida e comentada do pan-africanismo, a ideia de “retorno à África”, deve ser problematizada. Até mesmo para Marcus Garvey, o “retorno para à África”, possuía um caráter mais simbólico do que prático. O que Garvey queria realçar é a luta anticolonialista, reforçar o princípio do “direito inerente do negro de controlar a África”, como estava escrito no seu texto fundacional adotado em 13 de agosto de 1920, a Declaração de Direitos dos Povos Negros, produzida na Primeira Convenção dos Povos Africanos do Mundo organizado pela Associação Universal para o Avanço Negro (UNIA) na cidade de Nova York.<sup>157</sup>

O jamaicano Marcus Garvey (1887-1940) considerava-se um predestinado para liderar seus irmãos negros e portador de uma dimensão messiânica do seu destino. Os jornais da grande imprensa americana, e até mesmo os jornais brasileiros, de forma irônica apelidaram Garvey de “Moisés dos pretos”<sup>158</sup> Mas quem era esse personagem polêmico e controverso e quais eram as ideias desse líder negro que influenciou parcela da imprensa negra brasileira, primeiramente no *Getulino* e depois no *Clarim da Alvorada*? Um charlatão como o chamou Du Bois ou um “Moises dos pretos” que levaria a população negra para a terra prometida?

O jovem Garvey trabalhou em uma gráfica de seu padrinho e logo chegou ao cargo de aprendiz de tipógrafo. Em 1906 foi para a capital Kingston e no ano seguinte participou de uma greve de gráficos, sua primeira experiência política. Como não conseguia mais emprego

<sup>156</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 326-327.

<sup>157</sup> NASCIMENTO, Pan-africanismo... p. 84.

<sup>158</sup> DOMINGUES, Petrônio. *O “Moisés dos pretos”: Marcus Garvey no Brasil*. São Paulo: Novos Estudos/Cebrap, V. 36-03, Nov/2017, p. 129-150

devido à greve, resolveu viajar pela América Central e chegou à Inglaterra, onde cursou filosofia e direito. No seu retorno para a Jamaica fundou com sua futura esposa, Amy Ashwood, a UNIA-ACL (Associação Universal para o Avanço do Negro e Liga das Comunidades Africanas). Os objetivos dessa organização são claros para ele:

Organização tem um grande poder de direcionar os assuntos de uma raça ou nação rumo a um determinado objetivo. Para desenvolver adequadamente os desejos mais elevados, primeiro devemos nos concentrar em algum sistema ou método, e não há melhor do que a organização. Por isso, a Associação Universal para o Progresso Negro apela a todos os Negros para se aliarem e compartilharem o destino com aqueles de nós que, por meio da organização, estão trabalhando para a emancipação universal da nossa raça e a redenção da nossa nação comum, a África.<sup>159</sup>

Imigrou para os Estados Unidos em 1916 e montou a nova base da UNIA no bairro do Harlem, Nova York. Em pouco tempo suas ramificações se espalharam tendo mais de mil filiais nos Estados Unidos e com contatos em mais de quarenta países. A UNIA alegava possuir em 1919 mais de dois milhões de filiados<sup>160</sup> e continuou a crescer em número e influência política até 1924, quando Garvey começou a ser atacado e perseguido pelo governo americano, sendo também criticado pelas lideranças negras que viam em Garvey uma liderança perigosa, com uma postura contrária ao projeto integracionista, já que Garvey defendia a separação entre negros e brancos, não acreditando que fosse possível nos Estados Unidos a formação de um país multirracial.

A principal base de apoio da UNIA encontrava-se entre a classe trabalhadora negra das grandes cidades do Norte e do Leste dos Estados Unidos. O crescimento industrial do Norte e a violência promovida no Sul pelos racistas, onde os linchamentos e enforcamentos de negros era seu símbolo da época, ocasionaram a Grande Migração.<sup>161</sup> Cidades como Chicago, Cleveland, Pittsburgh, Detroit, St. Louis, Nova York, eram o objetivo a ser alcançado e foram profundamente impactadas pelo contingente de negros recém-chegados. Outro fator que facilitou a propaganda do garveyismo entre a comunidade negra foi o Harlem

---

<sup>159</sup>GARVEY, Marcus. *Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa!*. São Paulo, CFMG (Círculo de Formação Marcus Garvey), 2017, p. 11.

<sup>160</sup> Idem, p. 13.

<sup>161</sup> A Grande Migração foi o movimento de deslocamento de parte da população negra do sul para o norte dos Estados Unidos em busca de emprego nos grandes centros urbanos do norte e que também fugiam da violência racial. Seu início ocorre a partir de 1910 e diminuindo na década de 1930. Estima-se que até a década de 1960 cerca de sete milhões de negros deixaram o sul. Acreditavam que a vida longe da segregação do sul seria mais fácil.

Renaissance<sup>162</sup>, movimento literário-cultural afro-americano que buscava dar ao negro norte-americano outro olhar, distante dos estereótipos tão tradicionais criados para o negro, mas sim do negro moderno vivendo nas grandes cidades da América com um sentimento de orgulho racial. Um dos elementos chave da propaganda da UNIA foi o jornal *The Negro World* que começou a circular em 17 de Agosto de 1918, tornando-se a plataforma para a divulgação da doutrina de Marcus Garvey. Possuía uma tiragem de 60 mil exemplares, circulando não só nos Estados Unidos, como Caribe, África e como já comentado, no Brasil em pelo menos duas cidades, Salvador e São Paulo. Em outros países e regiões sua circulação era proibida, principalmente nas colônias inglesas. Por certo os tentáculos do movimento garvysta penetraram fundo em diversas regiões da África:

Em setembro de 1922 dois jovens africanos de multifacetada identidade deslizante são presos na Cidade da Beira, no então território moçambicano do mesmo nome. (...) presos portando dois exemplares do “The Negro World” (Setembro e Agosto de 1922), jornal publicado pela UNIA (Universal Negro Improvement Association), fundada por Marcus Garvey. Além dos jornais também traziam consigo um exemplar da “Constitution and Book of laws” da UNIA, publicada em 1918 na cidade de Nova Iorque. (...) Robert Trent Vinson, sustenta com propriedade a intensa penetração do garvismo em diversas cidades sul-africanas, e sob diversas modalidades. Os portos, marinheiros e soldados negros retornados da Primeira Guerra traficam exemplares do “Negro World”, como os que, eventualmente, chegaram as mãos de nossos heróis moçambicanos. E não foi a toa que as autoridades coloniais britânicas, francesas e portuguesas vigiavam e buscavam banir qualquer atividade garveysta em suas possessões africanas. Marcus Garvey, que foi nomeado em Nova York, “presidente provisório da África”, parecia ser uma possível ameaça real a soberania das nações europeias em território africano...<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> Harlem Renaissance foi, em linhas gerais, a reunião de apresentações de poesia, música e outras manifestações culturais realizadas por artistas negros dos Estados Unidos, tais como James Weldon Johnson, Claude McKay, Countee Cullen, Langston Hughes. Estava baseado na redescoberta de uma essência negra, o “soul.” O início do movimento está datado em 1925 com o lançamento da antologia poética de Alain Locke intitulada *The new negro: an interpretation*.

<sup>163</sup> PINHO, Osmundo. *África, signo da liberdade: Marcus Garvey, o carnaval da Bahia e o Brado africano em Moçambique*. Revista Educare et Educare. Unioeste, Cascavel, , V. 10, Nº 20, jul/dez, 2015, p. 499-501.

Figura 21: Jornal The Negro World, 31 de julho de 1920.

The Indispensable Weekly  
The Voice of the Acolored Negro—The Peerless Paper

Guaranteed Circulation 50,000  
Reaching the Mass of Negroes Throughout the World

# Negro World

A Newspaper Devoted Solely to the Interests of the Negro Race

VOL. VIII, No. 24 NEW YORK, SATURDAY, JULY 31, 1920

## GREAT WORLD CONVENTION OF NEGROES

### Members of the Race From All Parts of the World to Assemble at Liberty Hall, New York, Sunday, August 1, at 10 A. M.—Biggest and Most Representative Assemblage in History of the Race

#### CONSTITUTION OF NEGRO LIBERTY IS TO BE WRITTEN

**FELLOW MEN OF THE NEGRO RACE, Greetings—**

This is to inform you that on Sunday, August 1, the Universal Negro Improvement Association and African Communities' League of the World will call its great convention to order at 10 A. M. in Liberty Hall.

Millions of people have been looking towards this hour for the realization of their long-cherished dream of manhood, to demonstrate to the world the seriousness of his intention towards world conditions. It was thought impossible a couple of years ago for the Negro to organize for any definite purpose, but it is an acknowledged fact today that the Universal Negro Improvement Association has done the impossible in the space of two and a half years. We have been able to organize three and a half million men and women of our race with a definite plan; the plan of a redeemed Africa; the plan of a free race. This convention, which will assemble for the first time on Sunday morning at 10 o'clock in Liberty Hall, will go down on the pages of history as the greatest assemblage of Negroes for the last fifteen hundred years. I now send out a last call to all the Negro peoples of the world to be represented at this Convention. It must be remembered that all the problems confronting the race will be discussed during the three-day session of August; that no phase of the Negro question will be shelved. Every complaint will be listened to and steps taken to remedy existing wrongs. When the Convention adjourns on August 31 it will be with the purpose of having four hundred million Negroes all over the world standing behind the great and glorious constitution to be written, and so defend it with the last drop of their blood. The cry of the Negro is for "LIBERTY," is for "JUSTICE," is for "EQUAL OPPORTUNITIES." He has cried for these things for hundreds of years. He is determined now to demand them. The Negro no longer thinks he is a weakling. He refuses to admit that he is a cringing sycophant. He disbelieves the idea that he is not a man. He realizes that he

is a man bearing likeness to his Creator. As a man the new Negro shall go forward and demand from the world all those things to which he is entitled. The glorious Continent of Africa stands to be reclaimed. A mighty nation must be built in Africa. Within the next fifty years the Imperial Parliament of Africa must stand out among the great nations of the world.

The black man refuses to be dictated to by foreign Parliaments and alien statesmen. This is the time when all races feel it incumbent upon them to protect their own interests, and if sixty million Anglo-Saxons can be dominant in Europe, and a few million French and Italians and Germans, we do not see why we should allow ourselves to be dominated and abused by alien power. The Convention of the Universal Negro Improvement Association shall give new life and new spirit to the Negro peoples of the world; hence, I ask that every Negro lend his moral and financial aid to this great cause. The first meeting of the Convention will be at 10 o'clock on Sunday morning, August 1; the second meeting at 3 o'clock in the afternoon, and the third at 8 o'clock in the night. On the morning of the 2nd the Convention will assemble at 10 o'clock, to adjourn for a parade at 2 o'clock and to assemble at 8 o'clock sharp in Madison Square Garden in a great public demonstration. Twenty-five thousand delegates will be in line to march in the great procession of the Convention. All members of the Association in New York and surrounding States are asked to report in New York not later than 8 A. M. on Sunday, August 1. Everybody should report in time to be properly seated in the Convention and to take part in the parade. Madison Square Garden on Monday night will be the Mecca of the Negro peoples of New York. It can be said without fear that there will not be a seat vacant in Madison Square Garden at 8:30 Monday night. All roads will lead to this world-famed building. Churches, lodges, fraternal organizations, clubs and educational institutions that are sending

delegates to the Convention are requested to have their delegates report to the Registrar's office at 15 West 135th Street, New York City, before they attend at Liberty Hall, so that proper credentials can be given by the Registrar for admission to the Convention. Let your thoughts for the entire month of August be centered around the great Convention which will be held at Liberty Hall. Wait for the motion of this Convention. It will create a new people, a new purpose, and a new nation realized.

Immediately after the convention the Black Star Line contemplates opening up direct routes between America and Africa and South America. More ships must be bought, and bigger ships. The Directors, therefore, ask that every Negro make now a desperate effort to buy more shares in the Corporation. The more ships the Black Star Line has the better accommodations we will be able to give to the race. Liberia must be built. Men must be transported. Skilled mechanics and craftsmen are wanted. We cannot transport them in balloons, in air ships; we can only transport them in the ships of the Black Star Line. First of all, we must buy ships to make transportation possible. Hundreds of miles of railroads must be laid down in Liberia. Docks must be built; educational institutions must be built; industrial enterprises must be constructed, and all will mean the transportation of skilled men from this Western Hemisphere, so we ask that every Negro who can afford it to buy more shares in the Black Star Line. You may buy from one to two hundred at Five Dollars each. My advice to you is that you buy now, so that by the close of the Convention the Directors will be able to give a statement to the world of the acquisition of more ships for the Black Star Line, which will make it possible for us to transport at our will. Write the office of the Black Star Line, 56 West 135th Street, New York City, N. Y., U. S. A., for your shares.

And let me say to you adieu for a while until we meet at the Convention on Sunday morning at 10 o'clock in Liberty Hall.

Yours fraternally,  
MARCUS GARVEY.

NEW YORK, JULY 27, 1920.

**HON. MARCUS GARVEY, WORLD FAMED ORATOR**  
WILL SPEAK FOR THE "BLACK STAR LINE" AT HUGE CONVENTION AT  
**LIBERTY HALL**  
120 WEST 135th STREET  
Bet. 7th and Lenox Aves., New York  
SUNDAY, AUGUST 1; 3:30 AND 7:30 P. M.

Fonte: Acervo do Schomburg Center for Research in Black Culture, acessado em 31/01/2019.

As ideias de Marcus Garvey também são rotuladas como garveyismo, que “é frequentemente definido como um movimento social e/ou doutrina pan-africanista, anticolonialista, ou de nacionalismo negro destinada ao progresso, autoconhecimento, auto-respeito e orgulho racial das populações africanas e afrodescendentes espalhadas pelo mundo”,<sup>164</sup> tendo influenciado movimentos e personalidades no mundo negro como Kwame Nkrumah, Aimé Césaire, Malcom X, o boxeador Mohamed Ali, Stokely Carmichael e o Partido dos Panteras Negras, o Black Power, a descolonização da África e até mesmo os Rastafaris.

Entre os objetivos políticos da UNIA estavam: a promoção da consciência e unidade da raça negra, o desenvolvimento da África, livrando-se do domínio colonial e

<sup>164</sup> RABELO, Danilo. *Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA*. Revista Brasileira do Caribe, São Luiz-Ma, V. VIII, Nº 26, jan-jun, 2013, 495-541, p. 498.

transformando-se em uma grande pátria negra, protestar contra o preconceito, estabelecer instituições educacionais para os povos negros, lutar pela igualdade salarial entre brancos e negros, valorizar seus heróis e reescrever a história dos negros e da África. Sua atuação política visava mobilizar as massas negras populares, os amplos setores negros da classe trabalhadora, diferentemente de, por exemplo, de Du Bois que tinha um trabalho mais estruturado entre setores intelectualizados. Em geral, as elites negras norte-americanas se mantiveram afastadas ou lhes foram mesmo hostis. Podemos destacar ainda como o conceito de “nacionalismo negro” sintetiza com clareza a ideia de construção de uma nação negra para Garvey: “Nacionalidade é a mais forte segurança de qualquer povo e é por que a UNIA luta hoje em dia... a UNIA procura por um governo independente para o Negro”.<sup>165</sup>

O fortalecimento econômico da comunidade negra era outro objetivo de Garvey, influenciado pelo pensamento de Booker T. Washington, e dessa forma organizou uma companhia de navegação, a *Black Star Line*, de propriedade coletiva, via cotas e ações (cerca de 40 mil negros compraram), que fazia viagens de comércio entre as Américas, Caribe e a África. A combinação de má-gestão dos negócios e perseguição do governo norte-americano<sup>166</sup> provocou a ruína da sua liderança. A acusação de “fraude postal” levou Garvey a um julgamento em 1923, no qual foi condenado a cinco anos de prisão por supostamente fazer propaganda de seus negócios em cartas enviados pelo correio dos EUA, o que seria ilegal. Cumpriu dois anos de detenção, quando a pena foi comutada e finalmente expulso dos Estados Unidos. Foi um duro golpe na liderança de Garvey e da UNIA, porém, não liquidaram imediatamente o movimento, apenas na década de 1930, isolado na Jamaica, viu sua influência política desaparecer. Migrou novamente para Londres onde faleceu em 10 de junho de 1940. No obituário escrito no jornal da imprensa negra americana *Chicago Defender*, que fazia oposição as suas ideias, estava escrito:

Dotado de uma personalidade dinâmica, com o dom de oratória incomparável, Garvey foi facilmente a figura mais vívida a aparecer na América desde Frederick Douglas e Booker T. Washington. De 1914 e 19121, ele dominou a cena com a poderosa Associação Universal para o Progresso do Negro. Se Garvey tivesse sido bem-sucedido em suas empresas, ele teria sido incontestavelmente a maior figura do século 20. Tendo falhado, ele é considerado um tolo.<sup>167</sup>

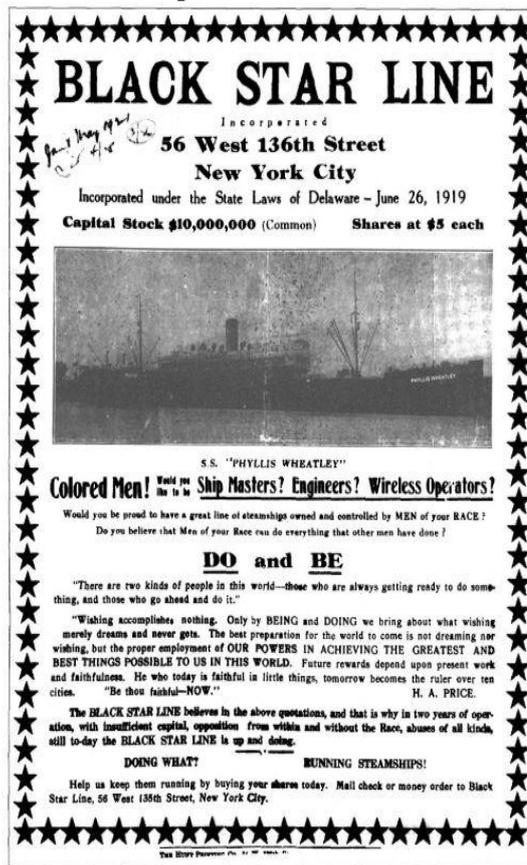
---

<sup>165</sup> Idem, p. 501.

<sup>166</sup> Chama a atenção o memorando de 1919 do futuro chefe do FBI, J. Edgar Hoover, em que ele descreve as suspeitas de que Garvey fosse um perigoso comunista, ver: Idem, p. 504. Nota-se que Garvey era notório anticomunista, na visão dele os comunistas norte-americanos eram controlados por uma camada de operários brancos que oprimiam os operários negros. Ver artigo de Garvey intitulado “Comunismo” em GARVEY, *Procure por mim...* p. 62-66.

<sup>167</sup> Idem, p. 25.

Figura 22: Marcus Mosiah Garvey Jr. em 1922. Figura 23: Propaganda da The Black Star Line que dá início ao processo contra Marcus Garvey.



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Marcus\\_Garvey#/media/File:Black\\_Star\\_Line\\_brochure\\_for\\_the\\_SS\\_Phyllis\\_Wheatley.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Marcus_Garvey#/media/File:Black_Star_Line_brochure_for_the_SS_Phyllis_Wheatley.jpg)

O último personagem dessa aventura transnacional foi Robert S. Abbott. Ele foi outro personagem destas conexões do Atlântico Negro. Abbott, foi proprietário e editor-chefe do *Chicago Defender*, o mais importante jornal da imprensa negra americana até a década de 1940, com uma circulação nacional que em certo momento chegou a uma tiragem 230 mil exemplares. Nascido na pobreza da Geórgia se transformou em um dos homens negros mais ricos de Chicago.

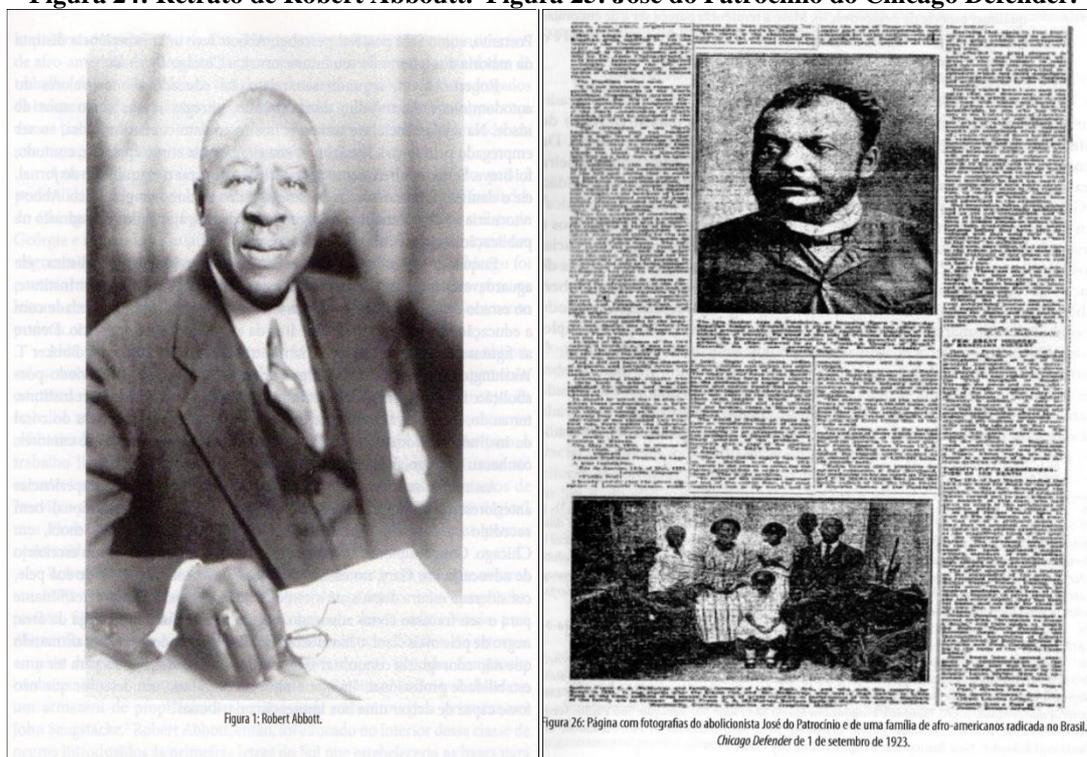
A imprensa negra americana desde o século XIX possuía uma grande tradição de divulgação da causa negra na América e muito influenciada política e financeiramente por Booker T. Washington. Jornais como o *North Star* criado por Frederick Douglass em 1847, *The Baltimore Afro-American* (1892), *New York Age* (1887), *Boston Guardian* (1901), *The Pittsburgh Courier* (1907), *The Crisis* (1910) (a revista da NAACP e editada por W. E. B. Du Bois) e o *The Negro World* (o jornal de Marcus Garvey como já vimos anteriormente) exerciam grande influência sobre enorme parcela da população afro-americana e realçavam o discurso de orgulho racial contra a política de segregação racial.

Em termos de conteúdo, o *Defender* buscava denunciar a condição de vida dos negros, a segregação na educação, a discriminação racial no trabalho, exemplos de prosperidade de pessoas negras e os linchamentos no Sul. Era um jornal popular, que se apoiava nas ideias de integração racial como defendidas por Du Bois e a NAACP.

A pretensão nunca deve ser a de que uma raça de pessoas se dissocie de outro grupo, especialmente quando vivem sob o mesmo governo e supostamente sob as mesmas leis. A força para assimilar o melhor de cada povo tem sempre contribuído para uma democracia ampla e fundamental.<sup>168</sup>

Não era um jornal pan-africanista no sentido do pensamento de Garvey, pelo contrário, este era tratado com muita desconfiança e criticado por seus negócios e pelas posições políticas.

**Figura 24: Retrato de Robert Abbott. Figura 25: José do Patrocínio do Chicago Defender.**



Fonte: O novo negro na diáspora, p. 24.

Fonte: O novo negro na diáspora, p. 132.

Este periódico semanal foi fundado em 1905 e se transformou em um dos mais conhecidos porta-vozes da comunidade negra de Chicago, recordando que esta cidade estava sendo impactada pela chegada de grande quantidade de negros vindos do Sul, a Grande

<sup>168</sup> *Chicago Defender* 14/09/1918. Citado em FRANCISCO, *O novo negro da diáspora...* p. 90.

Migração, e desse modo a população negra triplicou em dez anos (de 48 mil para cerca de 150 mil), o que fez com que as vendas do *Chicago Defender* aumentassem rapidamente. A ascensão do jornal está relacionada estreitamente à Grande Migração. Depois Abbott investiu na expansão do jornal para os estados do Sul, incentivando os negros desses estados a buscarem melhores condições econômicas e sociais nos estados do Norte. Na sua visão as relações raciais no Norte eram propícias ao negro, que não teriam que enfrentar a violência cotidiana do Sul. Por fim, o jornal passou a ter uma circulação nacional.

A chegada em grande quantidade de negros a Chicago elevou as tensões raciais nesta cidade e em outras do norte, na qual, ele acreditava que negros e brancos viviam em relativa harmonia. Essa circunstância levou Abbott a um grande interesse a respeito de dois países, Brasil e França, que segundo ele, seriam países que resolveram com sucesso seus problemas raciais, vivendo em perfeita harmonia.

Seu primeiro objetivo com o Brasil era incentivar que negros americanos migrassem para cá, já que o potencial econômico seria enorme. De fato, ele propôs em seu jornal um projeto de colonização no Mato Grosso. Este projeto não obteve sucesso devido aos entraves criados pelos governos brasileiro e norte-americano.<sup>169</sup>

A seguir ele mesmo se dispõe a realizar uma viagem no ano de 1923, visitando o Brasil e mais seis países das Américas, produzindo dez artigos para o seu jornal relatando como ele examinou as relações raciais por onde passou e criando uma comparação com o que ocorria com o negro em seu próprio país. As representações criadas por Robert Abbott sobre o Brasil em seus artigos sempre foram positivas, um verdadeiro paraíso racial.<sup>170</sup> Como bem observou Flávio Thales, as reportagens de Abbott a respeito do Brasil não tinham como fim comentar aspectos de um país exótico e com uma paisagem espetacular como ele escrevia em seus artigos, mas sim, criar um conjunto de ideias que possibilitassem um discurso a favor da integração racial na sociedade norte-americana, dando o Brasil como modelo a ser seguido, o paraíso racial em que os negros brasileiros já se encontravam.

Ainda no Brasil realizou palestras e estabeleceu contatos com intelectuais, políticos, jornalistas e lideranças negras nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Ao voltar a seu país ele passou a acompanhar com muito interesse a política racial no Brasil e estabeleceu um intercâmbio por meio de correspondências e trocas entre o *Chicago Defender* e *O Clarim da Alvorada*. A primeira referência direta ao jornal americano enquanto parceiro foi feita em

---

<sup>169</sup> GOMES, Tiago de Melo. *Problemas no paraíso: a democracia brasileira frente à imigração afro-americana*. Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n 2, 2003, p. 307-331.

<sup>170</sup> PETRÔNIO, Domingues. *A visita de um afro-americano ao paraíso racial*. Revista de História, Nº 155, 2006-2º, p. 161-181.

1928 no contexto da campanha pelo monumento a Mãe Preta. Em suas edições semanais, o *Chicago Defender* publicou diversas notícias a respeito do Brasil. Na sua pesquisa sobre o *Chicago Defender*, Flávio Thales R. Francisco mapeou cerca de três mil artigos e notas com referências ao Brasil.<sup>171</sup>

No seu livro de memórias, José Correia Leite também comenta desse encontro:

Uma ocasião, veio dos Estados Unidos o diretor de um grande jornal de Chicago, intitulado *Chicago Defender*. O nome desse diretor era Robert Abbot. [...] E, justamente no momento que a gente estava com o número do *O Clarim da Alvorada* dando notícia sobre o monumento à Mãe Negra. Enviamos a ele que, por sua vez, mandou para os Estados Unidos. Daí nós começamos a receber o *Chicago Defender*. Foi o primeiro contato que nós tivemos com o negro norte-americano. E houve depois uma permuta. A gente também mandava *O Clarim da Alvorada* pra lá. Os jornais de lá vinham com tanta demora, porque naquele tempo não vinha de avião, e sim de navio, e navio era muito demorado. Os números do *Chicago Defender* chegavam aqui muito atrasados. Nós tínhamos de arranjar os que sabiam inglês para poderem traduzir ou ler pra gente. O recebimento daqueles jornais foi para nós um motivo de muito orgulho, de satisfação, e que provava que o nosso jornal era uma coisa de utilidade, que o nosso trabalho não estava sendo inútil, como houve outros casos por aí.<sup>172</sup>

Durante o andamento de minha pesquisa foi possível observar que nas páginas do *Clarim da Alvorada* em seu último período, a experiência dos norte-americanos e os movimentos anti-coloniais na África foram fontes de inspiração para os projetos políticos dos líderes negros dessa geração. Porém, nem todas as ideias que chegavam através do *Chicago Defender* ou do *The Negro World* eram utilizadas. Existia uma seleção sobre o que publicar e o que não publicar, visando adaptar para a realidade brasileira as experiências negras transatlânticas. Com efeito, o caso mais notório dessa seleção é a ideia de “retorno à África” defendida por Marcus Garvey e que não repercute nas páginas do *Clarim*. Provavelmente os jornalistas tinham conhecimento de que quando essa ideia foi apresentada no jornal *Getulino* em 1924 sua recepção foi negativa, como acompanhamos anteriormente. Se descartavam o retorno ao continente africano, outras mensagens como a de autoafirmação, a dignidade negra, o orgulho racial eram selecionadas como forma de construção de uma nova identidade do negro brasileiro. Além do que, nem todos que participavam do núcleo do *Clarim* comungavam das ideias garvystas. Existiam diferenças no pensamento dessas lideranças de como encaminhar a luta pela igualdade no Brasil, inclusive também tinham conhecimento das

<sup>171</sup> FRANCISCO, *O novo negro na diáspora...* p. 15.

<sup>172</sup> LEITE, *E disso o velho militante...* p. 78-79.

polêmicas travadas pelos líderes negros norte-americanas, como é descrito no *Getulino* de 03/02/1924:

Figura 26: Debate sobre Garvey e Du

De tudo isto concluimos nós, "por nossa conta e risco", que há presentemente duas correntes em divergência, quanto aquillo a que ambas chamam a emancipação dos negros. Uma dirigida pelo americano Burghardt du Bois preconiza a união dos homens de cor para, pela propaganda, obter dos governos dominadores o maior numero de garantias possível a favor dos dominados; outra, chefiada por um outro americano, o tal Marcus Gravey, que pretende conseguir a apropriação da Africa em favor dos negros, ou queiram ou não queiram os brancos; estas duas correntes são (pelo menos assim nos pareceu) mais inimigas uma da outra que dos próprios brancos. É certo, todavia, que a idéa da reconquista africana está em marcha e que, pouco a pouco, á semelhança da verruma que penetra na madeira, ella vai ganhando terreno, atravessando os mares e espalhando-se pelos continentes.

ADRIANO VASCONCELLOS

Fonte: *Getulino* 03/02/1924, N° 28, p.2.

“De tudo isto concluimos nós, “por nossa conta e risco”, que há presentemente duas correntes em divergência, quanto aquillo a que ambas chamam a emancipação dos negros. Uma dirigida pelo americano Burghardt du Bois preconiza a união dos homens de cor para, pela propaganda, obter dos governos dominadores o maior número de garantias possível a favor dos dominados; outra, chefiada por outro americano, o tal Marcus Garvey, que pretende conseguir a apropriação da África em favor dos negros, ou queiram ou não os brancos; estas duas correntes são (pelo menos assim nos pareceu) mais inimigos uma da outra que dos próprios brancos. É certo, todavia, que a ideia de reconquista africana está em marcha e que, pouco a pouco, à semelhança da verruma que penetra na madeira, ela vai ganhando terreno, atravessando os mares e espalhando-se pelos continentes.”

As influências externas para a formação e organização do movimento negro brasileiro podem ser encontradas por todo o século XX, dentro desta perspectiva do “Atlântico Negro”. Não podemos entender as discussões sobre a vida dos negros de uma forma particular e exclusivamente brasileira. Existia uma curiosidade e interação sobre os grandes debates dos Estados Unidos ou sobre os acontecimentos ocorridos na África, e isto foi registrado pela imprensa negra em diversos momentos, produzindo referências na diáspora negra e construções identitárias. Vamos a alguns casos desses contatos e conexões.

Ainda no *Getulino* encontramos uma indicação de que esses contatos, de alguma forma, foram diretos com a organização de Marcus Garvey. Ao citar a UNIA, os militantes negros demonstravam conhecer e que recebiam algum tipo de informação acerca das suas propostas.

É esse congresso organizado sob os auspícios da Associação Universal para melhorar a sorte dos negros, e presidido pelo Sr. Marcus Garvey, contando mil delegações do mundo inteiro, principalmente dos Estados Unidos, das

Índias Ocidentais e da África do Norte. O seu objetivo é formar uma vasta união política destinada a proteger e a fazer respeitar os direitos da raça negra (...)

O encerramento desse congresso dar-se-á em Fevereiro do ano próximo, com uma grande exposição, onde figurará uma coleção completa do Getulino encadernado a marroquim, a qual irá atestar o grau de adiantamento da nossa gente no Brasil.<sup>173</sup>

O militante e dirigente do jornal *O Clarim da Alvorada*, Jose Correia Leite em sua biografia relata os contatos entre a redação do jornal e o líder negro Marcus Garvey na década de 1920, sendo que a primeira vez que o *Clarim* atribui uma informação ao *The Negro World* foi em 1929 com um artigo traduzido como “Eduquemos nossas massas”. A influência das ideias de Marcus Garvey foi assim registrada por Leite:

E foi daí que começamos a conhecer melhor o movimento panafricanista, o movimento de Marcus Garvey . Tudo por meio desse Mário de Vasconcelos, porque lá na Bahia ele começou a mandar colaboração já traduzida para o nosso jornal sobre o trabalho do movimento negro nos Estados Unidos e outras partes. O Clarim da Alvorada começou a se preocupar então com esse movimento mundial do negro. Começou a publicar artigos do Marcus Garvey e de outros negros, bem como artigos sobre as teses de um congresso que houve nos Estados Unidos e que se opunham à cultura do branco, aos ensinamentos do branco. [...] Mas aqui foi criado um clima de controvérsia. A maioria dos negros não aceitava. Eram uns trabalhos doutrinários, filosóficos. Como o Marcus Garvey era considerado um visionário, eu acabei ficando um pouco visionário aqui, querendo fazer um movimento que era importado, um movimento de outros interesses que não eram propriamente nossos. Disseram uma porção de coisas, que eu estava criando um quisto racial, propondo um modelo racista para cá. E ficou muita confusão por aí. Eu sei que o grupo garveysta do Clarim da Alvorada era reduzido, não afetava muito. Nós fizemos uma seção dentro do Clarim da Alvorada com o título “O Mundo Negro”, que era justamente o título do jornal que o Marcus Garvey tinha nos Estados Unidos: “Nigro World”. [...] O movimento garveysta entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que nós estávamos fazendo... Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, a maneira de como a gente era discriminado.<sup>174</sup>

Os relatos acima indicam que não podemos perder de vista que a luta contra o racismo e discriminação são reflexos da política negra transnacional, e não somente lutas restritas a seus respectivos Estados-nação, compreendendo essa luta como parte de uma comunidade multinacional e culturalmente plural, não limitada por um país territorialmente singular. Outro elemento importante é entender que o movimento negro brasileiro nunca foi

<sup>173</sup> *Getulino*, Nº 58, 26/10/1924, p. 2.

<sup>174</sup> LEITE, *E disse o velho militante...* p. 77-78.

apenas um receptor passivo, mais que contribuiu também para a circulação de estratégias, informações e de ideias e até mesmo sendo considerada referência para outros países, no que Domingues chamará de “efeito bumerangue”:

Como se deram os diálogos entre o movimento dos afrodescendentes dos dois lados da linha do Equador antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um período anterior ao Movimento dos Direitos Civis? Longe de ter a pretensão de esgotar um assunto tão complexo em poucas linhas, o desiderato aqui é que, na década de 1930, as lutas políticas, táticas de militância e metodologias discursivas em prol da igualdade racial de fato não respeitavam as fronteiras nacionais, circulando multilateralmente e viajando na rede de conexões engendrada no Atlântico Negro. Como se fossem bumerangues, informações, ideários, sonhos esperanças e experiências de ativistas e organizações negras interagiram com idas e voltas, em movimentos contínuos em vias de mão dupla.<sup>175</sup>

É interessante notar como na década de 1930 os ativistas negros brasileiros foram uma referência na luta dos negros norte-americanos e de outras regiões das Américas e mesmo da África, como comenta em seu artigo Petrônio Domingues. Especificamente a Frente Negra Brasileira foi objeto de atenção na imprensa negra afro-americana, como podemos ver em matérias como abaixo:

---

<sup>175</sup> DOMINGUES, Petrônio. *Como se fosse bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, V. 28, Nº 81, 2013, p. 156-157.

Figura 27: Brasil na manchete do *Chicago Defender*: “Grupo Racial Americano toma o exemplo do Brasil; Mapeia campanha para livrar-se dos grilhões em 1936”.



Fonte: O mundo negro, p. 156.

De acordo com o *Chicago Defender* os integrantes da Frente Negra Brasileira eram um modelo de movimento negro bem sucedido, e que as soluções colocadas no Brasil deveriam ser comparadas e discutidas como alternativas pelos negros norte-americanos. Assim, é importante ressaltar que essas trocas intelectuais ocorreram em mão dupla, em um diálogo transatlântico. Ainda segundo Domingues:

Mas do que assumirem a agência de seu destino, os *frentenegrinos* serviram de fonte de orgulho, entusiasmo e estímulo para seus “irmãos de cor” da rede transatlântica e, no caso dos afrodescendentes da América do Sul, da América do Norte e do Caribe, eles foram concebidos como parâmetro em matéria de organização coletiva. Suas ideias, suas campanhas, suas lutas causaram um impacto considerável, despertando o interesse não só das entidades negras, como de algumas organizações políticas sensíveis às ideias dos trabalhadores. Apesar das dificuldades de se obter notícias externas e da precariedade da imprensa na década de 1930, os africanos e seus descendentes em diáspora não viviam isolados uns dos outros; pelo contrário, eles interagiam num circuito vivo e dinâmico de trocas de experiências, de circulação de ideias e de conexões político-culturais. Nesse circuito, os afro-brasileiros não cumpriram um papel de passividade diante das influências externas, quer aquelas advindas dos Estados Unidos, quer aquelas do Caribe ou mesmo da África.<sup>176</sup>

Portanto, acredito que seja necessário compreender o movimento negro na sua primeira geração em conexão com os diálogos estabelecidos por esses intelectuais da imprensa negra brasileira. Nas décadas de 1920 e 1930 esses diálogos foram profícuos e reverberaram no Atlântico.

<sup>176</sup> DOMINGUES, *Como se fosse bumerangue...* p. 165.

## Considerações finais

Este trabalho se propôs a fazer uma análise da trajetória dos intelectuais negros que compuseram a primeira geração de militantes do movimento negro brasileiro nas décadas de 1920 e 1930 tendo como fonte a imprensa negra organizada por esses ativistas. Procurou-se mapear suas ações no combate a discriminação e compreender como esses agrupamentos organizavam suas visões de mundo, e como também modificaram essas visões.

Durante o estudo pôde-se perceber que a imprensa negra foi um importante instrumento que deu voz a essa camada da população brasileira tão marginalizada. Ficou evidenciado que suas ações, propostas e projetos visavam colocar o negro brasileiro como protagonista da sua própria história.

O núcleo central da pesquisa foi perceber as conexões entre estes militantes negros no Brasil e os intelectuais negros norte-americanos, tais como Frederick Douglas, Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois, Marcus Garvey e Robert Abbott. Tenho convicção que a conjuntura política pelo qual o Brasil e o mundo atravessavam deixou marcas nesses homens e mulheres negros, porém, foi minha intenção privilegiar nessa pesquisa os diálogos estabelecidos entre o movimento negro brasileiro e movimento negro norte-americano, inclusive, com a imprensa negra dos Estados Unidos que possuía uma longa trajetória desde o século XIX. O mais surpreendente foi perceber que esse diálogo mostrava o Brasil como referência, que as ações desenvolvidas pelos militantes negros brasileiros serviram como inspiração para as lutas dos negros norte-americanos. Certamente as pesquisas desenvolvidas anteriormente por Petrônio Domingues, Amilcar Araújo Pereira e Flávio Thales Ribeiro Francisco me possibilitaram abrir esse horizonte, entender o “efeito bumerangue” do diálogo

Fundamental também foi compreender como se deu a construção teórica do Atlântico Negro por pensadores como Paul Gilroy, David Armitage e Peter Linebaugh, entre outros. Essa interpretação do Atlântico, não como um espaço meramente físico, mas como uma articulação de trocas e intercâmbios, circulação de experiências e ideias, de pessoas que cruzaram o Atlântico, foi muito sugestiva.

Na minha percepção existia uma pequena lacuna historiográfica, um problema a ser delineado, que era pesquisar os diálogos atlânticos entre esses militantes citados acima. Como minha pesquisa está restrita a um determinado período, não pude me aprofundar em outros recortes temporais e a estudar as outras gerações do movimento negro que sucederam à primeira, porém, tendo a acreditar que outros estudos poderiam confirmar que a segunda e a terceira geração do movimento negro brasileiros também foram fortemente influenciadas

pelas conexões atlânticas, por exemplo, a influência dos autores da *négritude* francesa (Léon Damas, Aimé Césaire, Léopold Senghor) ou da filosofia existencialista de Camus e Sartre na geração de Abdias Nascimento ou ainda de Frantz Fanon para a geração que construiu o Movimento Negro Unificado na década de 1970. Dada a importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de projetos que visem esclarecer essa questão. Outra questão não explorada nesta pesquisa foi como se deu a formação de uma identidade negra para esta geração do movimento negro, o que talvez mereça maior atenção.

Neste trabalho utilizou-se da definição de movimentos sociais proposta por Maria da Glória Gohn: “Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social da sociedade civil”. Esta definição contempla a meu ver o movimento negro e seus militantes dentro do período por mim estudado. Ficou claro que esses atores sociais desenvolveram seus objetivos e conseguiram criar uma força política que dialogou com a sociedade civil, assim como tentou ser ouvida pelos governantes da época.

Também no decorrer do trabalho ficou evidenciado que existia uma clara linha que demarcava uma separação entre esses intelectuais negros que organizavam seus clubes, associações e a imprensa negra, o que anteriormente já denominamos de “elite de cor” e as parcelas mais populares e pauperizadas. Mesmo que essa separação tenha diminuído no decorrer da época estudada, e minha hipótese para esta mudança tenha a ver com os contatos estabelecidos entre os militantes negros brasileiros e norte-americanos, ela não terminará completamente. O jornal *Clarim da Alvorada* que de um periódico com pretensões literárias se transforma em um jornal de combate da luta antirracista e se aproxima desses setores mais populares é um exemplo do que quero dizer. Do mesmo modo, demonstro também que foi o *Clarim da Alvorada* o jornal que melhor concretizou os diálogos atlânticos, principalmente com o pensamento de Marcus Garvey.

A conclusão que chegamos foi que a pesquisa avançou nos seus objetivos e os resultados foram alcançados, pois ficou evidente que a nossa hipótese inicial se mostrou comprovada, ou seja, houve sim um importante diálogo entre os intelectuais negros norte-americanos e os militantes que organizaram o movimento negro brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. As conexões criadas pelo Atlântico Negro foram vitais para que possamos entender os projetos e ideias desenvolvidas por esta camada de intelectuais orgânicos negros.

**BIBLIOGRAFIA:**

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. (Org.). *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALENCRASTRO, Luís Felipe. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALEXANDER, Jeffrey C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 13, n. 37, 1998.

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ARMITAGE, David. Três conceitos de história atlântica. São Leopoldo: *Revista Unisinos*, 18 (2), pp. 206-217, Maio/Agosto, 2014.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *O abolicionismo transatlântico e a memória do paraíso racial brasileiro*. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos Nº 30, Dezembro, 1996, 151-162.

BARBOSA, Márcio (Org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos*. Quilombhoje, 1998.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo, Global, 2008.

BURKE, PETER (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *A luta contra a apatia: estudo sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931)*. Itajaí: NEAB, Casa Aberta Editora, 2012.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

COSTA, Marcelo Timotheo. Fé e Obras: a construção da intelectualidade católica leiga no Brasil contemporâneo – os casos de Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. *Revista Coletânea*, ano XIV, fascículo 27, jan/jun., 2015.

DE DECCA, Edgar. *1930, O silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. “Paladinos da Liberdade”. A experiência do Clube Negro de Cultura Social de São Paulo (1932-1938). *Revista de História (USP)*, 150, (1º-2004).

\_\_\_\_\_. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). *Revista Varia História*, v. 22, nº 36, Jul/Dez, 2006.

\_\_\_\_\_. A visita de um afro-americano ao paraíso racial. *Revista de História*, Nº 155, 2006-2º.

\_\_\_\_\_. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo/UFF*, Departamento de História, Vol. 12, Nº 23, pp. 100-122, Jul.-Dez, Rio de Janeiro, Departamento de História da UFF, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravos à “elite de cor”. *Afro-Ásia*, Nº 41, pp. 133-166, 2010.

\_\_\_\_\_. Como se fosse bumerangue: Frente Negra Brasileira no circuito transatlântico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V. 28, Nº 81, pp. 155-256, 2013.

\_\_\_\_\_. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. *Revista Brasileira de História: São Paulo*, v. 34, nº 67, 2014.

\_\_\_\_\_. *O “Moisés dos pretos”: Marcus Garvey no Brasil*. São Paulo: Novos Estudos/Cebrap, V. 36-03, Nov/2017.

DU BOIS. W. E. B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.

DURÃO, Gustavo de Andrade. *Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial*. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, V. 10, Nº 25, p. 212-242, jul/set, 2018.

EDWARDS, Brent Hayes. *Os usos da diáspora*. Porto Alegre, *Revista Translatio*, Nº 13, pp. 40-71, junho de 2017.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *O pensamento autoritário (1920-1940)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes (no limiar de uma nova era)*, v. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FERREIRA, Higor Figueira. Em tintas negras: educação, ensino e a trajetória de Pretextato dos Passos Silva na corte imperial – *Novas Evidências*. *Revista da ABPN*, RJ, v. 10, n. 25, março-junho, p. 26-42, 2018.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, Alameda, 2013.

\_\_\_\_\_. *O novo negro na diáspora: modernidade afro-americana e as representações sobre o Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916-1940)*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

GARVEY, Marcus. *Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa!* São Paulo, CFMG (Circulo de Formação Marcus Garvey), 2017.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLEDHILL, Sabrina. Expandindo as margens do Atlântico Negro: leituras sobre Booker T. Washington no Brasil. Rio de Janeiro, *Revista de História Comparada*, Nº 7,2, 2013.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

\_\_\_\_\_. *História dos movimentos sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. v. 16 n. 47, maio-agosto, 2011.

GOMES, Ângela de Castro; Abreu, Martha. *A nova “velha” república: um pouco de história e historiografia*. *Revista Tempo*, v. 13, nº 26, pp. 01-14, 2009.

GOMES, Flavio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_; DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Experiências de emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro: 2011.

\_\_\_\_\_: \_\_\_\_\_. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, Fino Traço, 2013.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.) *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

GOMES, Tiago de Melo. Problemas no paraíso: a democracia brasileira frente à imigração afro-americana. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n 2, 2003.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

JAMES, C.L.R. *Os jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Coleção Sur Sur. Clacso, 2005.

LEITE, José Correia; Cuti (Org.). *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. São Paulo, Noovha América, 2007.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, N 6, 1983.

\_\_\_\_\_; RIDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOVEJOY, PAUL E. Identidade e miragem da etnicidade: a jornada de mohommah Gardo Baquaqua para as Américas. *Revista Afro-Ásia*, N° 27, 2002, 9-39.

LUCA, Tania Regina. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_; MARTINS, Ana Luiza (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAIO, Marco Chor (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

\_\_\_\_\_. O Projeto UNESO: ciências sociais e o “credo racial brasileiro”. São Paulo: Revista USP, n° 40, p. 115-128, junho/agosto, 2000.

\_\_\_\_\_. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50.

MALATIAN, Teresa. *Os cruzados do império*. São Paulo: Contexto, 1990.

\_\_\_\_\_. *O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira*. São Paulo: Alameda, 2015.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. A invasão da Abissínia e o jornal A Alvorada. Pelotas, UFPel, História em Revista, N° 16, Dez/2010, 69-90.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923- 1926)*. Dissertação de mestrado. Departamento de História do IFCH/Unicamp, 2005.

MOURA, Clovis. *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Ática. São Paulo, 1988.

NASCIMENTO, Elisa Larkin.. *Pan-africanismo na América do sul: emergência de uma rebelião negra*. Petrópolis: Editora Vozes; IPEAFRO-PUC-SP, 1981.

\_\_\_\_\_. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. *Abdias Nascimento - Grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília, Senado Federal, 2014.

NASCIMENTO, Carlos Alexandre da Silva. *Representando o “novo” negro americano: W. E. B. Du Bois e a revista The Crisis, 1910-1920*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OFFE, Claus. *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*. Madrid: Editora Sistema, 1992.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção da África no Brasil: os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros nos séculos XIX e XX. *Revista África e Africanidades*, v. 1, 2009.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. A imprensa negra no Rio Grande do Sul e alguns de seus homens. *Revista Espacialidades*, UFRN, v. 12, n. 2, 2017.

PAIM, Márcio. Pan-africanismo: tendências políticas, Nkumah e a crítica do livro Na casa do meu pai. *Revista Sankofa*. Ano VII, Nº XIII, Julho, 2014.

PAIVA, Eduardo França. Leituras (im)possíveis: negros, e mestiços leitores na América portuguesa. *Colóquio Internacional Política, Nação e Edição*. Belo Horizonte, 2003, Anais, V. 1, Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da (Orgs). *Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *O “Mundo Negro”*: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas:FAPERJ, 2013.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. O Exemplo, a imprensa e os homens “de cor” em Porto Alegre no pós-abolição. *Revista Intelèctus*, UERJ, RJ, Ano XVII, n. 1, pp. 28-47, 2018.

PINHO, Osmundo. África, signo da liberdade: Marcus Garvey, o carnaval da Bahia e o Brado africano em Moçambique. *Revista Educare et Educare*. Unioeste, Cascavel, , V. 10, Nº 20, jul/dez, 2015.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; Fundação Carlos Chagas, 2013.

RABELO, Danilo. Um balanço historiográfico sobre o Garveyismo às vésperas do centenário da UNIA. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luiz-Ma, V. VIII, Nº 26, jan-jun, 2013, 495-541,

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe Maria. *Memória do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROMÃO, Jeruse (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília, Ministério da Educação, 2005.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. Sulcando os mares: Um historiador português enfrenta a “Atlantic History”. São Paulo: *Revista História USP*, 28 (1), 2009.

SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do tenentismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SANTOS, José Antonio dos Santos. *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_. *O currículo Vitae como vestígio do passado: Diário de Bittencourt. (1901-1974), uma eminência duplamente parda*. In: ANPUH-RS – ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, IX., 2008, Porto Alegre, RS. Vestígios do Passado: a história e suas fontes. São Leopoldo: Editora Oikos, 2008.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. (direção) *História do Brasil Nação: 1808- 2010*. V. 4. *Olhando para dentro, 1930-1964*. Coord. Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

\_\_\_\_\_: GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, MAURÍCIO. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo Cortez, 2007.

SILVA, Alberto Costa e. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. *Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX*. São Paulo: Penguin, 2012.

SILVA, Fernanda Oliveira da; PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo e SILVA, Sarah Calvi Amaral (Orgs.). *Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo: temas, problemas e perspectivas*. Porto Alegre: IHGRGS, 2015.

SOUZA, Laura de Mello. (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TOMICH, Dale. O Atlântico como espaço histórico. Rio de Janeiro, *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 26, nº 2, pp. 221-240, 2004.

THOMPSON, E. P. "Luchas de Clases sin clases?" in *Tradicion, revuelta y consciencia de clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

\_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo no tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Salvador: Corrupio, 2002.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O sistema mundo Moderno – I. A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI*. Porto: Edições Afrontamento, 1974.

WILLIAMS, Raymond. *A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica*. Projeto História, São Paulo, nº 35, 2007.

## Fontes:

BARBOSA, Márcio (Org.). Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos. Quilombhoje, 1998.

LEITE, José Correia; Cuti (Org.). ...E disse o velho militante Jose Correia Leite: depoimentos e artigos. São Paulo: Noovha América, 2007.

## Internet:

<http://www.assis.unesp.br/#!/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/acervo-do-cedap/catalogo-da-imprensa-negra/>

<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>